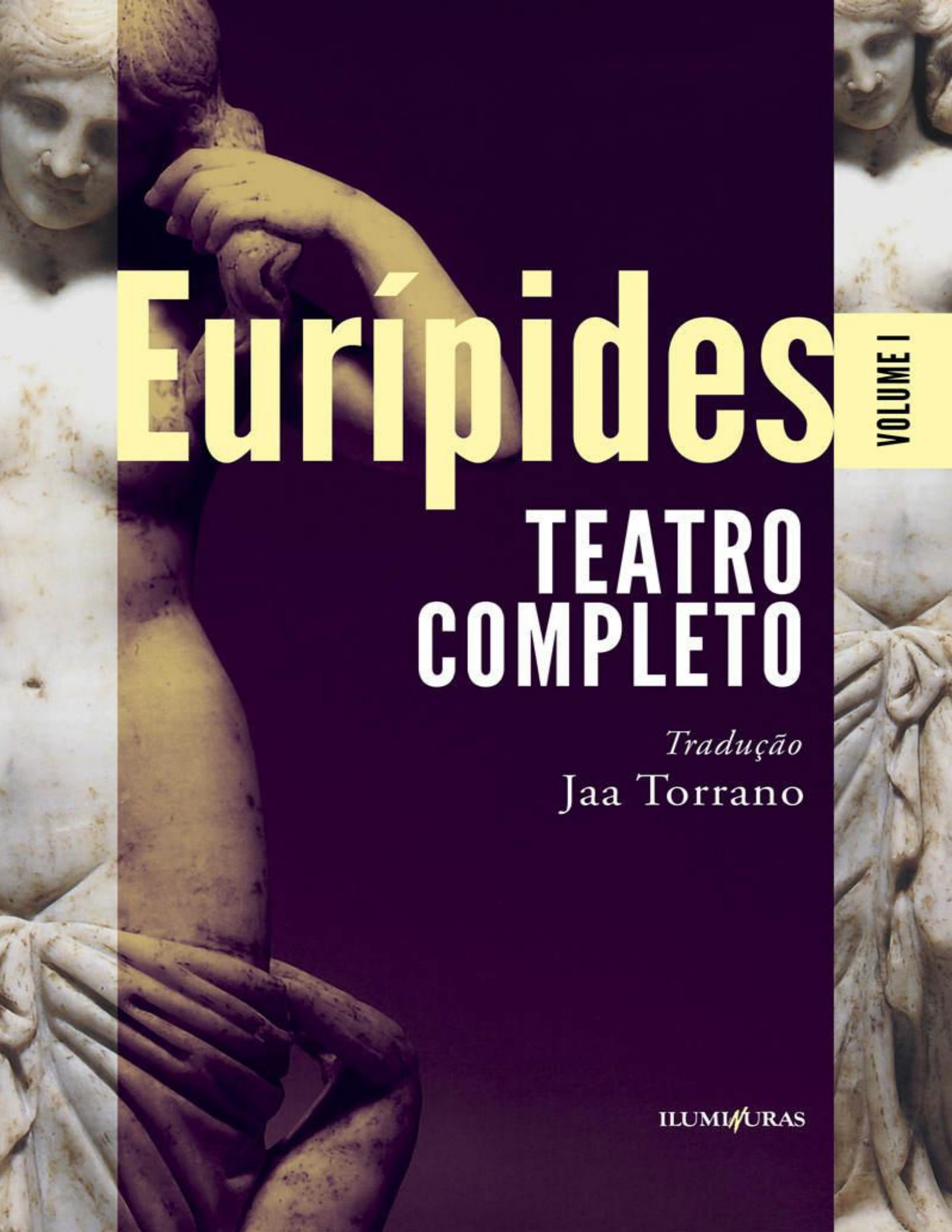

Eurípides

VOLUME I

TEATRO COMPLETO

Tradução
Jaa Torrano

ILUMINURAS

EURÍPIDES | Teatro completo | Volume I

Eurípides

TEATRO COMPLETO

VOLUME I

Tradução
Jaa Torrano
segundo texto de J. Diggle

ILUMINURAS

Copyright © 2015
Jaa Torrano

Copyright © edição
Editora Iluminuras Ltda.

Capa e Conversão Digital
Eder Cardoso / Iluminuras

Revisão
Beatriz de Paoli

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E88t

Eurípides, 480-406 a.C.
Teatro completo, volume I [recurso eletrônico] / Eurípides ; tradução Jaa Torrano. - 1. ed. - São Paulo : Iluminuras, 2015.
recurso digital

Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-857321-490-1 (recurso eletrônico)

1. Teatro grego (Tragédia). 2. Livros eletrônicos. I. Torrano, Jaa. II. Título.

15-28712 CDD: 882
CDU: 875-2

2015
EDITORA ILUMINURAS LTDA.
Rua Inácio Pereira da Rocha, 389 - 05432-011 - São Paulo - SP - Brasil
Tel./Fax: 55 11 3031-6161
iluminuras@iluminuras.com.br
www.iluminuras.com.br

DEDICATÓRIA

Aos leitores joviais
que se comprazem com
o sentido euripidiano de Zeus
como a explicação própria
da complexidade do mundo
contemporâneo dos Deuses,

aos meus caros amigos
partícipes das Musas
e de *Zeus Phílios*.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq,
por invictas virtudes
das bolsas PQ e PDE,
que me deram
este trabalho.

Aos miríficos alunos,
colegas e funcionários
do DLCV-FFLCH-USP,
pela numinosidade
imanente ao lugar.

Ao Nume provedor
de recursos necessários
à execução do trabalho,
por prover o necessário.

Ao Nume invisibilizante,
por preservar a concentração
mais completa no trabalho.

Ao Nume imperscrutável
pela solidão compartilhada
com a mais bela mortal,
ainda que pese velado
temor — quase terror —
de que seja a Imortal.

À bem-amada bem-amante,
por secreta série de epifania.

Aos caros amigos,
pela partilha do amável
convívio das Musas
e de Zeus *Phílios*.

Aos numinosos manes
dos dias idos e findos,
pela presente inteligência.

The last but not the least,
a Vossa Numinosidade,
por vossa venerabilidade.

Apresentação

De Eurípides (séc. V a.C.), o último e o mais trágico dos três (com Ésquilo e Sófocles) grandes poetas trágicos de Atenas clássica, temos hoje dezoito tragédias e um drama satírico, além de numerosos fragmentos resgatados de citações e de papiros.

Em língua portuguesa, esta é a primeira tradução por um único tradutor de todo o *Teatro Completo* de Eurípides. "Completo" neste caso se diz das peças que nos chegaram integrais, a saber, o drama satírico *O Ciclope* e as tragédias *Alceste, Medeia, Os Heraclidas, Hipólito, Andrômaca, Hécuba, As Suplicantes, Electra, Héracles, As Troianas, Ifigênia em Táurida, Íon, Helena, As Fenícias, Orestes, As Bacas, Ifigênia em Áulida* e *Reso*.

Mas atenção: a unicidade do tradutor não se deve a um acidente biográfico do signatário da tradução, mas antes e sobretudo à acribia poética e ao caráter metódico e sistemático desta presente tradução. A acribia poética reside em tomar o verso como unidade mínima básica constitutiva do poema dramático e em reconhecer o verso polimétrico — mais bem dito "verso livre" — na perspectiva das possibilidades das poéticas hoje vigentes, como o mais apto expediente para a transposição da riqueza rítmica e semântica do verso grego em português — e assim preservar o jogo entre as noções fundamentais próprias da cultura grega presentes nos versos gregos.

A presente tradução se diz metódica pela coerência de seus procedimentos, rigorosa ao observar e conservar as demarcações léxicas do imaginário mítico e assim contemplar com uma visão totalizante o sistema de imagens descritivas das noções míticas de "Deus(es)" e de seus correlatos. A presente tradução se diz sistemática por transpor as imagens, as noções e as reiterações e inter-referências das figurações mitopoéticas, transpondo assim também o movimento próprio ao pensamento mítico e político de Eurípides.

A presente tradução incorpora — com tanto rigor quanto possível — a índole do português falado no Brasil, em busca da compreensão — tão imediata quanto possível — dos versos traduzidos. A ironia trágica nos contempla justamente no horizonte dessa equivalência entre o imediato e o possível.

A presente tradução segue o texto de J. Diggle — *Euripidis Fabulae* (Oxford, 3 v., 1981, 1984, 1994) e onde este é lacunar, recorremos a restaurações propostas por outros editores, cujos nomes se assinalam à margem direita do verso traduzido.

O CICLOPE

As personagens do drama:
Sileno
Coro de Sátiros
Odisseu
Ciclope

ARGUMENTO DE *O CICLOPE*

Odisseu, de volta de Ílion, foi lançado na Sicília, onde residia Polifemo. Descobriu que lá os Sátiros eram escravos e, tendo dado o vinho, ia receber cordeiros e leite deles, mas Polifemo apareceu e pergunta a causa do translado dos bens e Sileno diz que o forasteiro se apoderava por roubo. Drama representado em data incerta.

[PRÓLOGO (1-40)]

SILENO:

Ó Brômio, tenho por ti dez mil fadigas
agora e quando jovem de corpo forte:
primeiro, quando enlouquecido de Hera,
sumiste das ninfas montesas criadeiras;
depois, numa terrígena batalha de lança,
à direita de teu pé, eu, firme escudeiro,
matei Encélado, ao golpeá-lo com a lança
no meio do vime — eia, veja, conto sonho?
Não, oh Zeus! Até mostrei espólio a Báquio!
Agora esgoto fadiga maior que aquelas.
Quando Hera te contrapôs a raça tirrena
dos piratas, para que te vendessem longe,
tão logo informado, navego com os filhos
à tua procura. Uma vez no alto da popa
eu mesmo pilotava o ambidestro lenho,
e os filhos, nos remos, a branquearem
com baques mar glauco, buscavam-te, rei.
Ao navegarmos já perto de Maleia,
o vento leste, ao soprar o lenho,
arremessou-nos nesta pedra do Etna,
onde Ciclopes de um só olho homicidas
filhos do Deus marinho têm ermas grutas.
Na casa de um deles, pegos, somos
servos, e a quem servimos o chamam
Polifemo; e em vez de évias bacanálias,
pastoreamos rebanhos de ímpio Ciclope.
Meus filhos, nos confins das colinas,
jovens apascentam os jovens rebanhos,
e a mim me coube ficar, encher potes
e varrer esta moradia, e servir ímpias
refeições a este impiedoso Ciclope.
Agora, as ordens: tenho que varrer
com este rastelo de ferro a moradia,
para recebermos o meu ausente amo
Ciclope e rebanhos numa gruta limpa.
Já vejo que meus filhos pastoreiam
o gado. Que é isso? Ruído de danças
agora vosso é como quando íeis o bando

com Báquio, parceiros, à casa de Alteia,
a rebolarem com as canções de bárbitos? 40

[PÁRODO (41-81)]

CORO:
Ó filho de nobres pais, [EST.]
e de nobres genitoras,
onde me vais a alcantis?
Aqui não há suave brisa
e a reverdejante relva? 45
Rodopiante água de rios
jaz nos potes perto da gruta
onde balem as tuas crias.

Eia! Vem por aqui, vem! [MESODO]
Pasta nesta colina orvalhada! 50
Oé! Logo te lançarei pedra.
Anda, *ô!* Anda, ó tropeiro
chifrudo do cabreiro
Ciclope selvagem.

Solta as tetas repletas; [ANT.]
dá de mamar a filhotes 56
que deixas no redil;
pedem-te gritos de pequenas
crias, adormecidos de dia.
Entra no pátio recoberto, 60 [Kovacs]
deixa os pastos relvosos
dos penhascos do Etna. [K]
Eis sem Brômio, eis sem coros, [EPODO]
nem Bacas porta-tirso,
nem alaridos de tambores, 65
nem gotas vivas de vinho 67
junto às fontes d'água. 66
Não danço em Nisa com ninfas 68
a canção "Íaco Íaco"
à caça de Afrodite 70
por quem alcei voo
com Bacas de alvos pés.
Ó caro, ó caro Báquio,
por onde andas a sós
e sacodes loira melena? 75

Eu, o teu ministro,
sirvo o univídente Ciclope
em servil exílio
com esta mísera capa de bode
sem a tua amizade.

[PRIMEIRO EPISÓDIO (82-355)]

SILENO:
Silêncio, ó filhos! Na gruta de pétreo teto,
exortai aos servos que reúnam os rebanhos.
CORO:
Ide adiante! Mas, ó pai, que pressa tens?
SILENO:
Avisto um navio grego perto da praia
e os remadores junto ao comandante
aproximarem-se da gruta. Nos pescoços,
trazem vasilhas vazias, carentes de víveres,
e baldes para água, ó miserandos hóspedes.
Quem são? Não sabem que dono é Polifemo,
nem que estão em inóspita terra, e sem sorte
vieram à boca voraz de varões do Ciclope.
Mas ficai quietos vós, para que saibamos
donde vieram à siciliana pedra do Etna.
ODISSEU:
Hóspede, diríeis donde poderíamos tomar
água de rio, remédio da sede, e se querem
vender víveres a marujos carentes? *Éa!*
Que isso? Creio virmos ao país de Brômio?
Avisto este bando de Sátiros junto à gruta.
Saudações dirijo primeiro ao mais velho.
SILENO:
Salve, hóspede! Diz quem és e tua pátria.
ODISSEU:
Odisseu de Ítaca, rei da terra dos cefalênios.
SILENO:
Sei que é orador finório o filho de Sísifo.
ODISSEU:
Sou ele mesmo; não vituperes, porém.
SILENO:
Donde vieste navegando a esta Sicília?
ODISSEU:

Desde Ílion e das fadigas troianas.
SILENO:
Como? Não soubeste voltar à pátria?
ODISSEU:
Procelas aqui me trouxeram à força.
SILENO:
Papaî! Esgotas o mesmo Nume que eu.
ODISSEU:
Será que também tu vieste aqui à força?
SILENO:
A perseguir piratas que raptaram Brômio.
ODISSEU:
Que terra é esta? Quem são os nativos?
SILENO:
A colina do Etna, a mais alta da Sicília.
ODISSEU:
Onde estão os muros e torres da cidade?
SILENO:
Não há; só picos ermos de homens, hóspede.
ODISSEU:
Quem tem a terra? Será família de feras?
SILENO:
Ciclopes, residentes em grutas, não casas.
ODISSEU:
Dóceis a quem? Ou o poder é do povo?
SILENO:
A sós, ninguém ouve nada de ninguém.
ODISSEU:
Plantam grãos de Deméter? De que vivem?
SILENO:
De leite, de queijos e de devorar ovelhas.
ODISSEU:
Têm a poção de Brômio, fluxos de vide?
SILENO:
Nunca, por isso habitam terra sem danças.
ODISSEU:
Hospitaleiros e piedosos com os hóspedes?
SILENO:
Dizem que hóspedes têm dulcíssima carne.
ODISSEU:
Que dizes? Gostam de banquete homicida?

SILENO:
Ninguém veio aqui que não fosse imolado.
ODISSEU:
O próprio Ciclope, onde está? Em casa?
SILENO:
Saiu, a caçar com cães as feras do Etna.
ODISSEU:
Sabes que fazer, para partirmos da terra?
SILENO:
Não sei, Odisseu, mas tudo te faríamos.
ODISSEU:
Venda-nos o trigo, de que necessitamos.
SILENO:
Não há, como eu disse, nada senão carne.
ODISSEU:
Mas isso ainda é doce paliativo da fome.
SILENO:
Ainda há queijo de resina e leite bovino.
ODISSEU:
Trazei-os para fora, convém luz às trocas.
SILENO:
Tu me pagarás, diz-me, quanto em ouro?
ODISSEU:
Não ouro, mas porto a poção de Dioniso.
SILENO:
Ó caríssimo, falas do que muito nos falta.
ODISSEU:
Máron, filho do Deus, me deu a poção.
SILENO:
Eu o criei uma vez nestes meus braços.
ODISSEU:
O filho de Baco, que mais claro saibas.
SILENO:
Está nos bancos das naus, ou tens contigo?
ODISSEU:
Eis o odre que o contém; vejas, ó velho.
SILENO:
Isso não encheria nem a minha boca.
ODISSEU:
Este odre, pois, tu não o beberias todo. K
SILENO:

O odre gera mais vinho por si mesmo? K
ODISSEU:
Sim, duas vezes a poção saída do odre.
SILENO:
Bela fonte dizes de prazeres para mim.
ODISSEU:
Queres provar primeiro o vinho puro?
SILENO:
É justo, pois a prova chama à compra.
ODISSEU:
Carrego ainda uma taça com o odre.
SILENO:
Eia! Serve, para que beba e recorde.
ODISSEU:
Eis!
SILENO:
Papaiáx! Que belo aroma tem!
ODISSEU:
Viste-o?
SILENO:
Não, oh Zeus, mas sinto-o!
ODISSEU:
Prova, que não o louves só na fala!
SILENO:
Babaí! Báquio me convida a dançar.
Â â â!
ODISSEU:
Será que desceu bem tua laringe?
SILENO:
Que chegou até às pontas das unhas.
ODISSEU:
Além disso, daremos ainda moedas.
SILENO:
Só me solta o odre, deixa o ouro.
ODISSEU:
Trazei-me queijos, ou cria de reses.
SILENO:
Assim farei, a cuidar pouco dos donos.
Que loucura seria, se bebesse uma taça,
em troca do gado de todos os ciclopes,
e da pedra Lêucade mergulhasse no mar,

uma vez ébrio, e de sobrancelhas soltas!
Que louco é quem não gosta de beber,
quando se pode pôr este aqui ereto,
segurar o seio, e tatear com as mãos
o prado já preparado, dança e, à uma,
oblívio de males! Eu não beijarei
uma tal poção, incitando a chorar
o ínscio Ciclope e seu olho médio?

CORO:

Ouve, Odisseu, conversemos algo.

ODISSEU:

Amigos perante amigos portai-vos.

CORO:

Capturastes Troia e Helena à mão?

ODISSEU:

E saqueamos toda a casa de Príamo.

CORO:

Não é que quando pegastes a moça,
todos vós por turno a penetrastes,
já que ela gosta de muitas núpcias,
a traidora? Ela, ao ver as variáveis
calças nas pernas e o portador
de colar de ouro no pescoço,
alucinou-se, deixando Menelau,
o melhor homúnculo. Nunca houvessem
nascido mulheres, senão só para mim!

SILENO:

Eis as vossas reses dos rebanhos,
ó rei Odisseu, crias de berrantes ovelhas,
e não poucos queijos de leite coalhado.
Levai, afastai-vos rápido da gruta,
em troca da poção de évios cachos.
Ai! Ciclope vem aí, que faremos?

ODISSEU:

Estamos feitos, ó velho! Onde fugir?

SILENO:

Nesta gruta, onde não se notaria.

ODISSEU:

Terrível tua fala, entrar na rede.

SILENO:

Não, refúgios de pedra há muitos.

ODISSEU:
Não, porque Troia gemeria muito,
se fugirmos de um só, mas dez mil
frígios muitas vezes detive com escudo.
Eia! Se devo morrer, morreremos bem,
ou vivos conservaremos louvor antigo.
CICLOPE:
Para cima, para frente! Que é isso? Que incúria?
Por que vos tornais Báquios? Isto não é Dioniso,
nem crótalos de bronze e estrépitos de tambores.
E os meus rebentos recém-nascidos na gruta?
Estão junto aos úberes e correm para baixo
dos flancos maternos? Nos cestos de junco,
está coagulada uma plenitude de queijos?
Que dizeis? Que falais? Talvez a pau um de vós
solte lágrimas. Olhai para cima, não para baixo!
CORO:
Olha! Erguemos a testa para Zeus mesmo,
e para os astros, e assim contemplo Órion.
CICLOPE:
O almoço está bem preparado?
CORO:
Pronto. Só ser a faringe conspícua!
CICLOPE:
E as crateras estão cheias de leite?
CORO:
Que bebas, se quiseres, todo o tonel.
CICLOPE:
O leite é ovino, bovino ou misto?
CORO:
O que quiseres; só não me bebas.
CICLOPE:
Nunca, porque, no meio do ventre,
aos saltos, me mataríeis, aos gestos.
Éa! Que turba vejo aí junto ao curral?
Piratas, ou ladrões, aportaram na terra?
Vejo as ovelhas de minha gruta
enlaçadas com vimes trançados,
cestos cheios de queijos, e velho
com fronte calva cheia de pancadas.
SILENO:

Ai, mísero tenho febre moído de golpes!
CICLOPE:
De quem? Quem te bateu na cabeça, velho?
SILENO:
Eles, Ciclope, por não deixar te furtarem.
CICLOPE:
Não sabiam que sou Deus e sem Deuses?
SILENO:
Eu assim dizia, mas levavam os bens,
e comiam o queijo, ainda que interdito,
e furtavam ovelhas. Após te amarrarem,
com triplo colar, pelo olho do meio
extirpariam as vísceras à força, diziam,
e com açoite bem esfolariam tuas costas,
e depois, peado, nos bancos de remeiros
do navio, embarcado, venderiam algures,
para partir pedras, ou mover moinhos.
CICLOPE:
Verdade? Vai o mais rápido às facas,
aguça corte, empilha e acende grande
feixe de lenha! Porque logo degolados
encherão o meu ventre, da brasa
dando cálido banquete ao trinchador,
cozidos e confundidos no caldeirão.
Estou farto de banquete montês,
basta de eu comer leões e corças,
faz tempo estou sem carne humana.
SILENO:
Novidades fora de hábito, ó senhor,
são mais doces, pois recentemente
não vieram mais hóspedes à tua gruta.
ODISSEU:
Ciclope, ouve ainda na vez dos hóspedes.
Nós, carentes de pasto, viemos do navio
fazer comércio mais perto de tua gruta.
Ele, por um copo de vinho, nos vendia
as ovelhas, e dava-nos de beber, pago,
concorde a concorde, e nada disso à força.
Mas ele nada do que diz fala de verdade,
pego por ti a vender teus bens à socapa.
SILENO:

Eu? Que tu morras mal...

ODISSEU:

... se minto!

SILENO:

Por Posídon, que te gerou, ó Ciclope,
por grande Tritão, e por Nereu,
por Calipso e as filhas de Nereu,
por sacras ondas e todo ser písceo,
juro, ó belíssimo, ó Ciclope,
ó senhorzinho, que não vendi os teus
bens a hóspedes. Ou mal estes maus
filhos morram, os quais eu mais amo.

CORO:

Tem tu mesmo! Eu te vi vender
os bens aos hóspedes, e se eu minto,
morra meu pai! Não fraudes hóspedes!

CICLOPE:

Mentis. Eu mesmo confio mais nele
e digo-o mais justo que Radamanto.
Quero saber: donde viestes, hóspedes?
Donde sois? Que cidade vos criou?

ODISSEU:

Itacenses somos de origem, e de Ílion,
destruída a cidade, arrastados por ventos
marinhos, chegamos à tua terra, Ciclope.

CICLOPE:

Por rapto da péssima Helena punistes
a cidade de Ílion vizinha de Escamandro?

ODISSEU:

Nós esgotamos essa terrível fadiga.

CICLOPE:

Oprobriosa tropa, vós, que, por uma só
mulher, navegastes até a terra de frígios!

ODISSEU:

Deus o fez, não acuses nenhum mortal.
Nós, a ti, ó nobre filho do Deus marinho,
suplicamos-te, e reclamamos francamente,
não ouses, quando amigos vêm à tua gruta,
matar e fazer ímpio banquete nas maxilas.
Ó rei, os templos consagrados ao teu pai
preservamos nos recônditos da terra grega.

Intactos estão o porto da sagrada Tênaro,
as altas grutas de Maleia, e no cabo Súnio
salva a pedra argentífera da Deusa Atena,
e os refúgios de Geresto. Não entregamos
a Grécia aos frígios — funesta afronta. —
Nisso tu tens parte, pois habitas o recôndito
da terra grega, sob Etna, em ignífluа pedra.
É lei entre mortais, se reviras palavras,
receber os suplicantes náufragos do mar,
dar hospitaleiros dons e suprir de mantos.
É justo nós obtermos isso de ti, ó rei, K
não empalados em espetos de assar carne
os membros encherem tua boca e ventre.
Muito a terra de Príamo ermou a Grécia,
ao beber sangue vertido de muitos mortos,
e fez esposas sem marido, grisalhos pais
e anciãs sem filho. Se consumires assados
os sobreviventes em banquete amargo,
aonde se voltar? Eia, crê-me, Ciclope,
cessa tua boca voraz, prefere o pio
ao ímpio, pois muitos obtiveram,
em vez de lucros perversos, punição.

SILENO:

Quero aconselhar-te: das carnes deste
não deixes nada; se comeres a língua,
serás um hábil e sutil orador, Ciclope.

CICLOPE:

Pluto, ó homúnculo, para sábios é Deus,
o mais é alarde e elegância de palavras.
Aos cabos do mar, onde o Pai reside,
mando passear. Por que teus pretextos?
Não me intimida o raio de Zeus, hóspede.
Nem sei se Zeus é Deus maior que eu.
Isso não me importa mais, e como não,
ouve: quando das alturas verte chuva,
nesta gruta, com a moradia coberta,
ou vitelo assado ou carne de caçada
banqueteio e regalo o baixo ventre;
depois de beber ânfora cheia de leite,
ressoo sonora rixa com trovões de Zeus.
Quando Bóreas trácio verte neve,

envolvo o corpo em pele de caças
e acendo fogo, neve não me importa.
A terra, sob coerção, queira ou não,
ao dar relva, engorda o meu rebanho,
que não sacrifico a Deus senão a mim
e a este ventre, o maior dos Numes.
Porque o beber e comer cotidiano
eis Zeus para homens prudentes,
e não se afligir. Os que fizeram leis,
tornando variegada a vida humana,
mando prantear. Eu não deixarei de
tratar bem minha vida e de te comer.
Terás tais dons, que não me reprovem:
fogo e este bronze paterno, que, férvido,
contenha bem a tua carne despedaçada.
Eia, entrai, para que, ao redor do altar
do Deus doméstico, me deis de comer.

ODISSEU:

Aiaî! Escapei das fadigas troianas
e marinhas, mas agora vim ao cruel
e inóspito coração de um varão ímpio.
Ó Palas, ó dona Deusa filha de Zeus,
agora, agora, socorre! Atingi maiores
fadigas que em Ílion, e grau de perigo.
Tu, que tens brilhantes sedes de astros,
Zeus Hóspede, vê isto; se não vês isso,
ó Zeus, em vão te têm Deus, se não és.

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (356-374)]

CORO:

Abre a boca, ó Ciclope, EST.
da vasta goela, pois tens prontos
cozidos, assados e de brasa cálidos,
os pedaços dos hóspedes
para devorar, roer, trinchar,
reclinado em lanosas peles caprinas.

Não, não me ofereças! [MESODO]
Só a sós locupleta o casco do barco.
Dispense-se este nicho!
Dispense-se o sacrifício distante

de sacrificiais altares, que Ciclope 365
celebra no Etna, feliz a comer
as carnes de seus hóspedes.

Sem dó, mísero, quem imola [ANT.] 370
o suplicante da lareira da casa, 371
comendo com sórdidos dentes, 373
mordendo, roendo as carnes 372
cozidas, cálidas da brasa. 374
<.....>

[SEGUNDO EPISÓDIO (375-494)]

ODISSEU:
Ó Zeus, que direi, ao ver terrores incríveis 375
na gruta, símeis a falas, não atos de mortais?
CORO:
Que é, Odisseu? Será que devorou os teus
caros companheiros o mais ímpio Ciclope?
ODISSEU:
Depois de observar e sopesar nas mãos
ambos os de bem nutrida carne densa. 380
CORO:
Ó miserando, como vós sofrestes isso?
ODISSEU:
Quando entramos nesta pétrea gruta,
primeiro acendeu o fogo, em vasta lareira
lançando as lascas de altos carvalhos,
qual fardo carregado por três carros, 385
e fez um brônzeo tacho ferver no fogo, 392
depois fez um leito de folhas de abeto 386
solto no chão perto da chama do fogo.
Encheu a cratera capaz de dez ânforas,
ao mungir novilhas e verter alvo leite,
reservou copo de hera de três côvados 390
de largura e de fundura quatro, parecia, 391
e espetos de galhos de paliúro, queimados 393
nas pontas com fogo, raspados com foice,
e vasos de Etna ante o gume do machado. 395
Tudo pronto para o magarefe de Hades,
odioso aos Deuses, ele agarrou dois dos
meus companheiros e imolou: no ritmo, 399

a um, junto à bronzeada boca do tacho,
a outro, pego na ponta do tendão do pé,
bateu em agudo gume de pétrea rocha,
e fez saltar o cérebro, e após trinchar
com larga faca, assava carnes ao fogo,
e os membros pôs no tacho para cozer.
Eu, mísero, a verter lágrimas dos olhos,
estava perto de Ciclope e a seu serviço;
os outros, quais aves, quedavam pávidos
no fundo da cova, e sem sangue na pele.
Quando, farto da carne de meus colegas,
caiu para trás, a soltar da goela ar forte,
ocorreu-me algo divino: cheio o copo
de Máron, ofereço-lhe que dele beba,
assim: "Ó Ciclope filho do Deus marinho,
"sabe esta divina poção que a Grécia tem
"dos vinhedos, o esplendor de Dioniso."
Ele, satisfeito com o impudente repasto,
aceitou, puxou para si e tomou um trago,
ergueu a mão e louvou: "Caríssimo hóspede,
"bela poção me dás, além de belo banquete."
Quando percebi que ele tinha gostado,
dei-lhe outro copo, consciente de que
o vinho o atingiria e logo seria punido.
E entrou em cantoria; eu, enchendo taça
após taça, aquecia suas vísceras de bebida.
Canta sem Musa, ao lado de meus marujos
em pranto, e ressoa a gruta. Saí em silêncio,
e se quiseres, quero salvar-te, a ti e a mim.
Eia, dizei vós se quereis ou não quereis
fugir do varão intratável e na casa de Báquio
ter residência com as ninfas Náiades.
O teu pai, lá dentro, assim aprovou;
mas, sem forças e fruindo a bebida,
preso ao copo tal como ao visco,
perde as asas; mas tu, que és jovem,
salva-te comigo e retoma o antigo
amigo Dioniso, ímpar de Ciclope.

CORO:

Caríssimo, víssemos nós este dia,
livres da iníqua cabeça do Ciclope!

Porque viúvo há tempo este nosso
caro sifão, não ocupamos refúgio. 440 [Hermann]
ODISSEU:
Ouve a minha vingança da fera
perversa e a fuga de tua servidão.
CORO:
Diz, não ouviríamos cítara asiática
mais doce do que "morto Ciclope".
ODISSEU:
Para a festa ele quer ir a seus irmãos 445
Ciclopes, ébrio desta poção de Báquio.
CORO:
Entendi: se o pegas a sós no bosque
queres matá-lo, ou lançar das pedras.
ODISSEU:
Nada disso! O empenho é doloso.
CORO:
Como? Ouvimos outrora que és hábil. 450
ODISSEU:
Afastá-lo dessa festa, dizendo que
não deve dar esta poção aos Ciclopes,
mas tê-la só e levar a vida prazerosa.
Quando dormir, vencido por Báquio,
há um ponteiro de oliveira em casa, 455
que com esta faca agucei na ponta
e levarei ao fogo; e ao vê-lo em brasa,
erguerei e porei quente no meio do olho
do Ciclope e fundirei o olho com fogo.
Qual um armador ao fazer o navio, 460
com freio duplo remarei o trépano,
assim rodarei a tocha na lucífera
vista do Ciclope e secarei a pupila.
CORO:
Ioù ioú!
Rejubilo. Invenções me deixam louco. 465
ODISSEU:
E depois a ti, aos amigos e ao velho,
já no casco côncavo de negro navio,
com remo duplo expedirei desta terra.
CORO:
Há como, tal qual em libação a Deus,

possa eu pegar a tocha que cega olho?
Pois quero participar dessa batalha.
ODISSEU:
Deves. Grande é a tocha; cooperes.
CORO:
Eu ergueria o peso de cem carros,
se, qual vespas, feríssemos o olho
do Ciclope, para que morra mal.
ODISSEU:
Calai-vos, pois conheceis o ardil;
e quando eu der ordem, observai
as instruções; se deixar os amigos
que estão dentro, não me salvarei só.
Fugiria, sim, fora do fundo da gruta;
mas não é justo que deixe os amigos
com que vim, e a mim só me salve.
CORO:
Eia, quem primeiro, quem depois
posto a erguer o cabo da tocha
empurrará no olho e rasgará
a brilhante visão de Ciclope?
[Cantoria vinda de dentro.]
Silêncio, silêncio! Embriagado,
a cantar clamor sem graça,
sinistro, díssono, e chorar
vai fora da pétrea morada.
Eia, na festa eduquemos
o sem-educação;
há de ser de todo cego.

[SEGUNDO ESTÁSIMO (495-518)]

CORO:
Feliz quem diz "evoé!" [EST. 1]
com caras fontes de uvas,
espalhado após festa,
abraçando o amigo,
tendo no leito a flor [Kovacs]
de lasciva colega,
ungidos de mirra luzidios cachos,
canta: "Quem me abrirá a porta?"
CICLOPE:

Papapaî! Cheio de vinho, [EST. 2]
exulto com o vigor do banquete,
repleto, qual navio de carga,
até o banco do ventre fundo.
A alegre carga me incita
à festa em horas vernais
junto aos irmãos Ciclopes.
Eia, hóspede, dá-me o odre.

CORO:

Belo o olhar brilhante, [EST. 3]
belo ele sai do palácio,
celebrando. Alguém nos ama. [Kovacs]
Deixa a tocha esperar, [Kovacs]
qual noiva de pele tenra,
dentro da úmida gruta.
Não só a cor de coroas
logo cercará tua cabeça.

[TERCEIRO EPISÓDIO (519-607)]

ODISSEU:

Ouve, Ciclope, que sou experiente
desse Báquio, que te dei de beber.

CICLOPE:

Quem é o Báquio? Suposto Deus?

ODISSEU:

O maior para o prazer da vida humana.

CICLOPE:

Vomito-o, pois, eu, com prazer.

ODISSEU:

Tal é o Nume. Não lesa mortais.

CICLOPE:

Deus em odre, como gosta de casa?

ODISSEU:

Onde se põe, aí está bem quieto.

CICLOPE:

Deuses não devem ter corpo em peles.

ODISSEU:

Por que? Se gostas? Ou a pele te pica?

CICLOPE:

Odeio o odre, mas amo esta bebida.

ODISSEU:

Permanece aí, bebe e exulta, Ciclope.
CICLOPE:
Não devo dar desta poção aos irmãos?
ODISSEU:
Mantendo-a, parecerás mais valoroso.
CICLOPE:
Concedendo-a, mais útil aos amigos.
ODISSEU:
A festa ama pugnas e injuriosas rixas.
CICLOPE:
Ébrio, sim; todavia, ninguém me tocará.
ODISSEU:
Ô tân! Bêbado deves ficar em casa.
CICLOPE:
Estulto é quem não ama festa bêbado.
ODISSEU:
Quem bêbado fica em casa é sábio.
CICLOPE:
Que faremos, ó Sileno? Pensas ficar?
SILENO:
Penso. Por que outros bêbados, Ciclope?
ODISSEU:
Veloso é, sim, o chão de florida relva.
SILENO:
E perante o calor do sol é bom beber.
Deita-te perto com o flanco no chão.
CICLOPE:
Idoú!
Por que pões a cratera atrás de mim?
SILENO:
Não a derrubem, ao passar.
CICLOPE:
Queres
tu beber furtivo. Põe bem no meio.
Diz, hóspede, o nome de te chamar.
ODISSEU:
Ninguém. Por que graça te louvarei?
CICLOPE:
Último de todos, serás meu banquete.
SILENO:
Belo prêmio dás ao hóspede, Ciclope.

CICLOPE:
Que fazes? Bebes o vinho à socapa?
SILENO:
Não, ele me beijou, por me ver belo.
CICLOPE:
Ai, se amas o vinho que não te ama.
SILENO:
Não, Zeus! Diz amar-me por ser belo.
CICLOPE:
Verte, serve tu somente o copo cheio.
SILENO:
Como está a mistura? Examinemos!
CICLOPE:
Morrerás, dá já!
SILENO:
Não, Zeus, não antes
que te veja pegar coroa e que prove algo.
CICLOPE:
Copeiro injusto.
SILENO:
Ó Zeus, vinho doce.
Deves limpar-te para tomares a bebida.
CICLOPE:
Eis limpa minha boca e meus cabelos.
SILENO:
Põe o cotovelo bem cômodo, e bebe
como me vês beber — e como não mais.
CICLOPE:
Â â! Que farás?
SILENO:
Bebi com prazer.
CICLOPE:
Eia, hóspede, sê tu o meu copeiro.
ODISSEU:
A vinha é conhecida de minha mão.
CICLOPE:
Eia, serve!
ODISSEU:
Sirvo, só em silêncio.
CICLOPE:
Difícil tua fala para bom bebedor.

ODISSEU:
Eis, toma, bebe, não deixes nada!
Urge morrer junto ao fruir a poção.
CICLOPE:
Papaî! Sábio é o lenho da videira.
ODISSEU:
Se fruíres banquete vasto, após vasto,
molhado o ventre sem sede, terás sono,
mas se deixares algo, o Báquio te secará.
CICLOPE:
Ioù ioú!
Saciei-me a custo, pura é a graça.
Parece-me que o Céu se move
unido à Terra, e vejo o trono de Zeus
e toda a santa majestade de Numes.
Não beijaria? As Graças me tentam.
Basta. Dormirei com este Ganimedes
mais belo que as Graças. Eu gosto
mais de garotos do que de fêmeas.
SILENO:
Sou eu o Ganimedes de Zeus, Ciclope?
CICLOPE:
Sim, oh Zeus, eu te rapto de Dárdano!
SILENO:
Danei-me, filhos, terei míseros males.
CICLOPE:
Reprovas o amante e zombas de bêbado?
SILENO:
Ai de mim, picante vinho logo verei!
ODISSEU:
Eia, filhos de Dioniso, nobre prole,
ele está em casa; e entregue ao sono,
logo impudente regurgitará carnes.
A tocha dentro do abrigo solta fumo
pronta, e não há mais que abrasar
a visão do Ciclope, mas sejas bravo.
CORO:
O lema da pedra e do aço teremos.
Vai para casa, antes que o pai padeça
indefeso; assim tens pronto lá dentro.
ODISSEU:

Hefesto, rei do Etna, abrasa o brilhante
olho de mau vizinho, e livra-te enfim.
Tu, ó prole de Noite negra, ó Sono;
vem puro à fera odiosa aos Deuses.
Após belíssimas batalhas em Troia,
não destruais Odisseu e os marujos,
por varão ínscio de Deuses e mortais;
ou deve-se considerar a sorte Nume,
e o poder de Numes menor que a sorte.

[TERCEIRO ESTÁSIMO (608-624)]

CORO:

Tensa, a tenaz
pegará a cerviz
do canibal, pois logo com fogo
destruirá lucíferas pupilas.
Já o tição em brasa
oculta-se na cinza, imenso ramo
de carvalho. Eia, vá, Máron, mãos à obra,
arranca o olho do louco
Ciclope, que beba mal!
Eu ainda ao hederígero Brômio
saudoso quero ver,
após a solidão de Ciclope.
Será que tanto obterei?

[QUARTO EPISÓDIO (625-654)]

ODISSEU:

Calai-vos, por Deuses, feras, acalmai-vos,
fechai as juntas da boca, nem soprar deixo,
não deixo piscar o olho, nem pigarrear,
não desperte o perverso, até que a visão
do olho do Ciclope se destrua com fogo.

CORO:

Calemos, após sorver o ar nas maxilas.

ODISSEU:

Eia, pegai o tição com ambas as mãos,
após entrardes; ele está bem afogueado.

CORO:

Diz tu quem nas primeiras linhas deve

pegar a abrasada estaca e queimar a luz
de Ciclope, para sermos sócios na sorte.
CORO A:
— Nós estamos postos muito longe
da porta para pormos fogo no olho.
CORO B:
— Nós ficamos há pouco mancos.
CORO A:
— O mesmo sofremos, parados
torcemos os pés não sei como.
ODISSEU:
Torcestes, parados?
CORO:
— E os olhos
nossos estão cheios de pó, ou cinza.
ODISSEU:
Covardes e nulos são estes aliados.
CORO:
Por termos dó das costas e do lombo,
e por não querermos perder os dentes,
colididos, isso nos torna covardes?
Mas sei canção de Orfeu muito boa,
para que o tição por si mesmo ande
e queime o monocular filho da Terra.
ODISSEU:
Há muito sabia que és tal por natureza,
agora sei mais bem. De meus amigos
devo servir-me. Se não tens braço forte,
exorta, para que, com tuas exortações,
consigamos ter a valentia dos amigos.
CORO:
Farei isso. Arriscaremos o cário.
Com exortações, arda o Ciclope.

[QUARTO ESTÁSIMO (655-662)]

CORO:
Iò ió! Impeli com denodo,
apressai, queimai o olho
da fera que devora hóspede.
Fumegai, oh, queimai, oh,
pastor de ovelhas do Etna.

Torce, puxa, que por dor
ele não te faça nada vão.

[QUINTO EPISÓDIO (663-709)]

CICLOPE:
Ai! Abrasam-me o brilho do olho.
CORO:
Belo peã! Canta-o de novo, Ciclope!
CICLOPE:
Ai, ainda! Que ultraje sofremos, que dano!
Eia, que não fujais fora desta gruta
impunes, nem vivos, pois eu de pé
porei aptas mãos às portas desta penha.
CORO:
O que clamas, ó Ciclope?
CICLOPE:
Danei-me.
CORO:
Pareces feio.
CICLOPE:
E além disso, infeliz.
CORO:
Bêbado, caíste no meio das brasas?
CICLOPE:
Ninguém me lesou.
CORO:
Ora, não te lesavam.
CICLOPE:
Ninguém me cega.
CORO:
Ora, não estás cego.
CICLOPE:
Como tu.
CORO:
E como ninguém te cegaria?
CICLOPE:
Zombas. Onde está Ninguém?
CORO:
Nenhures.
CICLOPE:
O hóspede, que saibas certo, lesou-me,

o biltre que, ao me dar a poção, inundou.
CORO:
Terrível é o vinho, e forte na peleja.
CICLOPE:
Por Deuses, fugiram ou estão em casa?
CORO:
Eles em silêncio permanecem agarrados
à pedra umbrosa.
CICLOPE:
Em qual das mãos?
CORO:
À tua destra.
CICLOPE:
Onde?
CORO:
Junto à pedra.
Tens?
CICLOPE:
Mal após mal. Bati e quebrei
a cabeça.
CORO:
E eles aí te escaparam.
CICLOPE:
Não disseste por aqui?
CORO:
Não, por ali.
CICLOPE:
Por onde?
CORO:
Volta por lá, pela esquerda.
CICLOPE:
Ai, rides. Insultais-me nos males.
CORO:
Não ainda, mas ele está diante de ti.
CICLOPE:
Ó perverso, onde estás?
ODISSEU:
Longe de ti,
em guarda vigio este corpo de Odisseu.
CICLOPE:
Que dizes? Mudado dizes nome novo?

ODISSEU:
Odisseu o nome que meu pai me deu.
Devias ser punido por ímpio banquete,
pois bem teríamos posto fogo em Troia,
se morte de colegas não te puníssemos.
CICLOPE:
Aiaî! Antigo oráculo se cumpre;
disse que por ti eu teria olho cego,
vindo de Troia. Mas ainda vaticinou
que por isso tu sofrerias punição,
por muito tempo à deriva no mar.
ODISSEU:
Mando-te prantear; e digo que fiz.
Eu irei à praia, e moverei o navio
ao mar Siciliano e à minha pátria.
CICLOPE:
Não! Partida esta pedra, lançada,
eu te esmagarei e aos marinheiros.
Irei monte acima, ainda que cego,
subindo a pé através deste túnel.
CORO:
Nós, marinheiros deste Odisseu,
doravante serviremos a Báquio.

ALCESTE

As personagens do drama:
Apolo
Morte
Serva
Alceste, esposa de Admeto
Admeto, rei de Feras
Eumelo, filho de Alceste e Admeto
Héracles
Feres, pai de Admeto

Servo
Coro de velhos

ARGUMENTO DE DICEARCO DE *ALCESTE*

Apolo solicitou às Partes que Admeto, quando fosse morrer, oferecesse quem se dispusesse de bom grado a morrer por ele para viver depois por igual tempo. Assim se entregou Alceste, a mulher de Admeto, porque nenhum dos pais anuiu em morrer por seu filho. Não muito depois desse infortúnio, Héracles chegou e soube de um servo a respeito de Alceste, foi ao túmulo, fez Morte se afastar e cobre a mulher com vestes e reclamava a Admeto que a recebesse e guardasse, pois dizia tê-la recebido por prêmio de luta. Como ele não quisesse aceitar, descobriu e mostrou a que ele pranteava.

ARGUMENTO DO GRAMÁTICO ARISTÓFANES DE *ALCESTE*

Alceste, filha de Pélias, tendo consentido em morrer por seu próprio marido, foi salva por Héracles em visita à Tessália, quando coagiu os Deuses subterrâneos e arrebatou-lhes a mulher. O tratamento do mito não consta em nenhum outro. O drama foi o décimo sétimo. Representou-se no arcontado de Glaucino, no segundo ano da octogésima quinta Olimpíada. Sófocles foi o primeiro e Eurípides o segundo com *As Cretenses*, *Alcméon em Psófida*, *Têlefo* e *Alceste*. O drama tem reviravolta cômica. A cena do drama situa-se em Feras, uma cidade da Tessália. O coro se compõe de anciãos nativos, que se apresentam compassivos com o infortúnio de Alceste. Apolo diz o prólogo.

O drama é satírico, porque se volta para a alegria e prazer, à margem do trágico. Repelem-se como inadequados à poesia trágica os dramas *Orestes* e *Alceste* porque começam por infortúnio e terminam com felicidade e alegria, o que é mais assunto da comédia. Drama representado em 438 a.C.

[PRÓLOGO (1-76)]

APOLO:

Ó palácio de Admeto, onde suportei
aceitar mesa servil apesar de ser Deus!
A causa foi Zeus por matar meu filho
Asclépio lançando-lhe raio no peito.
Irritado matei os Ciclopes fabricantes
do fogo de Zeus e o pai me obrigou
servir junto a homem mortal em paga.
Nesta terra guardei bois do hospedeiro
e conservei esta casa aqui até agora.
Sendo eu pio, tinha no filho de Feres
um homem pio, que resgatei da morte,
ao iludir Partes; permitiram-me Deusas
que Admeto evitasse de imediato Hades,
se com os ínferos trocasse outro morto.
Interrogou a todos e percorreu os seus,
ao pai e à provecta mãe que o gerou,
não achou senão a mulher que anuísse
em morrer por ele e não mais ver luz.
Ele agora em casa a tem nos braços
moribunda, pois neste dia está dado
que ela morra e se despeça da vida.
Poluência não me pegue nesta casa!
Deixo o caríssimo teto deste palácio.
Agora vejo aqui perto o Deus Morte,
sacerdote dos mortos, que a levará
à casa de Hades, e veio na medida
atento ao dia em que há de morrer.

MORTE:

Â â!
Por que estás ante a casa? Que te traz,
Febo? Injusto com as honras dos ínferos
és, aliás, porque as excluis e extingues.
Não te bastou impedir a morte
de Admeto, com dolosa arte
iludindo Partes? Agora, aliás,
aqui arqueiro armado estás atento?
Ela prometeu, se livrasse o esposo,
morrer antes — ela, a filha de Pélias.

APOLO:
Não temas! Tenho justiça e boas razões.
MORTE:
Qual a função do arco, se tens justiça?
APOLO:
É habitual carregá-lo sempre comigo.
MORTE:
E sem justiça dar auxílio a esta casa?
APOLO:
Pesam-me conjunturas do caro varão.
MORTE:
Ainda me tirarás este segundo morto?
APOLO:
Mas nem antes te espoliei por violência.
MORTE:
Como está sobre a terra, e não sob o chão?
APOLO:
Em troca da esposa, por quem vens agora.
MORTE:
E conduzirei aos ínferos sob o chão.
APOLO:
Vai com ela; não sei se te persuadiria.
MORTE:
Matar quem devido, eis nossa ordem.
APOLO:
Não, mas atrasar a morte dos futuros.
MORTE:
Compreendo tua palavra e propósito.
APOLO:
Até que Alceste chegasse à velhice?
MORTE:
Não! Crê, honras ainda me agradam.
APOLO:
Não terias mais do que uma só vida.
MORTE:
Se morrem jovens, tenho maior prêmio.
APOLO:
E se anciã se for, terá rica sepultura.
MORTE:
Fazes a lei, Febo, em prol de opulentos.
APOLO:

Que dizes? Ainda és hábil sem que se saiba?
MORTE:
Quem pode compraria morrer de velhice.
APOLO:
Pensas, então, em me fazer este favor? 60
MORTE:
Não! Conheces os meus procedimentos.
APOLO:
Hostis aos mortais, odiosos aos Deuses.
MORTE:
Não poderias ter tudo que não deves ter.
APOLO:
Sim, obedecerás, por mais cru que sejas,
tal varão está por vir ao palácio de Feres, 65
porque Euristeu o mandou buscar carro
de cavalos na tempestuosa terra trácia.
Quando hospedado na casa de Admeto
ele te tomará esta mulher por violência.
E de minha parte não terás gratidão, 70
igualmente o farás e me serás odioso.
MORTE:
Com muitas falas nada mais obterias,
pois a mulher descerá à casa de Hades.
Vou até ela, consagrarei com a espada,
sagra-se aos subterrâneos Deuses este 75
cujo cabelo do crânio este sabre limpa.

[PÁRODO (77-135)]

CORO:
Que calma é essa diante do palácio?
Que silêncio é esse na casa de Admeto?
— Mas não há por perto alguém dos seus
que dissesse se finada devemos prantear 80
a rainha, ou se ainda viva vê esta luz
a filha de Pélias
Alceste, que todos cremos
ter sido para o seu marido
a melhor mulher. 85

— Ouvem-se gemidos [EST. 1]
ou bater de mãos, no palácio,

ou pranto como de finados?
— Não, nenhum servo
está perto das portas.
Ah, sonífero de erronia,
ó Peã, surgisses!
— Não se calariam se morta.
— Não saiu de casa já morta.
— Como? Não sei. Por que crês?
— Como Admeto faria ermos
funerais da digna mulher?

— Diante das portas não vejo [ANT. 1]
água lustral como é uso
nas portas dos finados.
— No vestíbulo não se cortou
cabelo que em luto fúnebre
cai, nem de mulher
mão jovem ressoa.

— Este é o dia marcado...
— O que dizes aí?
— ... para ela ir sob a terra.
— Tocas a vida, tocas o âmago.
— Quando se laceram os bons,
deve pranteá-los quem nobre
desde o princípio se considera.

Mas não há na terra [EST. 2]
para onde, se enviassem
navio, ou para Lícia,
ou para o árido
santuário de Âmon,
livrariam a vida de mal-estar,
pois a morte sem sorte
vem. Não tenho que rês
sacrificar à lareira dos Deuses.

Somente se o filho [ANT. 2]
de Febo com os olhos
visse esta luz, ela deixaria
as sedes sombrias
e as portas de Hades,
pois ressuscitava abatidos,

antes de o raio de Deus matá-lo
golpeado com fulminante fogo.
Que esperança de vida ainda tenho?

Tudo pelos reis já foi cumprido,
nos altares de todos os Deuses,
completos sacrifícios cruentos,
e nenhum remédio de males há.

[PRIMEIRO EPISÓDIO (136-212)]

CORO:
Mas eis uma das servas do palácio vem
a verter lágrimas; que sorte ouvirei?
Se trisca a sorte dos donos, prantear
é perdoável. Se ainda vive a mulher,
se pereceu, nós gostaríamos de saber.
SERVA:
Podes dizer que ela está viva e morta.
CORO:
E como o mesmo estaria morto e vivo?
SERVA:
Ela já está prostrada e assim agoniza.
CORO:
Não mais se espera que salve a vida?
SERVA:
Por estar dado, o dia tem violência.
CORO:
Não se fazem por ela as oferendas?
SERVA:
Pronto o adorno, para sepultá-la o esposo.
CORO:
Ó mísero, quem perdes por quem és!
SERVA:
O dono ainda não o vê, antes que doa.
CORO:
Saiba-se que bem gloriosa morrerá
a melhor das mulheres sob sol amplo.
SERVA:
Como não a melhor? Quem se oporá?
Que dizer da mulher que a superasse?
Que mais mostraria honra ao esposo

do que consentir em morrer por ele?
Isto mesmo toda a urbe está sabendo,
e admira ouvir o que ela fez em casa.
Quando ela soube que chegou o dia
de morrer, com água do rio banhou
a alva pele e nos aposentos de cedro
vestiu-se com vestes e adorno distintos
e de pé diante de Héstia fez esta prece:
“Senhora, eu parto para sob a terra,
“e por último, prostrada, te pedirei
“que crie meus órfãos e case-o com
“boa esposa e a ela com bom marido,
“e não morram precoces os filhos
“como pereço mãe, mas com bons
“Numes singrem boa vida na pátria.”
Todos os altares da casa de Admeto
ela visitou e pôs coroas e fez prece
cortando a fronde dos ramos de mirto
sem lágrimas nem pranto. O iminente
mal não mudava a cor da pele formosa.
E depois caída no tálamo desse modo
pranteou o leito e disse estas palavras:
“Ó leito, onde soltei virgínea donzelice
“por este marido, antes de quem morro,
“salve! Não te odeio, só me destruíste,
“pois por temer trair-te a ti e ao esposo,
“morro. Outra mulher tomará tua posse,
“não mais casta e talvez com boa sorte.”
Beija-o prostrada e molha todo o leito
com profusão de pranto de olhos úmidos.
Quando de muitas lágrimas se saciou,
tendo caído do leito, anda cabisbaixa
e saindo do tálamo deu muitas voltas
e lançou-se outra vez de volta ao leito.
Os filhos pendurados no manto da mãe
choravam; tendo-os, ora um, ora outro,
nos braços, abraçava, qual moribunda.
Todos os servos choravam no palácio,
lastimando a dona, e ela estendia a mão
direita a cada um e ninguém era tão mau
que ela não interpelasse e fosse saudada.

Tais são os males no palácio de Admeto.
Morto ele teria ido, mas por fugir disso
tem tanta dor, de que nunca se esquecerá.

CORO:

Admeto geme algures por estes males,
se lhe é preciso perder nobre mulher?

SERVA:

Chora, sim, com sua esposa nos braços,
e suplica que ela não o deixe, a pedir
o impossível; ela fina e fenece no mal.
Ela, entregue, mísero peso no braço,
respirando, porém, ainda que pouco,
tem o desejo de ver os raios do sol
como nunca antes, pela última vez
contemplará o brilho e círculo do sol.
Mas irei e anunciarei a tua presença.
Nem todos querem bem os soberanos
que os assistam benévolos nos males,
mas tu és antigo amigo de meus donos.

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (213-237)]

CORO:

— *Ió!* Zeus, que saída dos males [EST.]
haveria? Onde? Que solução
da presente sorte dos soberanos?
— *Aiaî!*
Haverá alguma? Ou corto o cabelo
e vestimos já
negro aparato de vestes?
— É terrível, ó amigos, terrível; todavia,
supliquemos aos Deuses,
máximo é o poder dos Deuses.
— Ó rei Peã,
descobre um remédio dos males de Admeto.
— Inventa! Inventa! Antes disto
descobriste, ainda agora
livra-nos de Morte,
cessa o sanguinário Hades.

— *Papaî!* [ANT.]
Ó filho de Feres, que sofres

despojado de tua esposa!
— *Aiaî!*
Isto merece a imolação
e mais do que pender
o pescoço na forca celeste.
— Não cara, mas caríssima
esposa, neste dia
tu verás morrer.
— Olha! Olha!
Ela sai do palácio e vem com o esposo.
— Reclama, oh, geme, ó terra de Feres,
a melhor
esposa, consumida pelo mal,
sob a terra com o ctônio Hades.

[SEGUNDO EPISÓDIO (238-434)]

CORO:
Nunca direi que as núpcias alegram
mais do que afligem, por indícios
anteriores e por ver a sorte do rei,
que, ao perder a melhor
esposa, sem poder viver,
viverá o tempo restante.
ALCESTE:
Ó Sol e luz diurna [EST. 1]
e remoinhos celestes
de nuvens em movimento!
ADMETO:
Ele vê a ti e a mim maltratados
sem ofensa aos Deuses por que morras.
ALCESTE:
Ó terra e tetos do palácio [ANT. 1]
e leitos nupciais
da pátria Iolco!
ADMETO:
Ergue-te, ó mísera, não te entregues,
pede piedade aos poderosos Deuses!
ALCESTE:
Vejo birreme, vejo barco
no lago e o barqueiro dos mortos
Caronte com a mão no arpão

já me chama. “Por que tardas?
“Apressa-te! Tu impedes.”
Açulando assim me apressa.
ADMETO:
Oímoi! Amarga embarcação
me disseste. Ó mau Nume que sofremos!
ALCESTE:
Leva-me, leva-me ele, leva-me ele [ANT. 2]
(não vês?) para a morada dos mortos,
sob negras brilhantes sobrancelhas
o alado Hades contemplando.
Que farás? Deixa! Por que via
eu misérrima vou adiante!
ADMETO:
Lastimada pelos teus e muito mais
por mim e filhos com a dor comum.
ALCESTE:
Deixai, deixai-me doravante! [EPODO]
Deitai-me! Não tenho força nos pés.
Hades perto, sombria
noite passa pelos olhos.
Filhos, filhos, não mais,
não mais tendes vossa mãe.
Alegres, ó filhos, vede a luz!
ADMETO:
Oímoi! Ouvir esta palavra triste
e maior para mim que toda morte.
Pelos Deuses, não ouses me deixar,
pelos filhos, não os tornes órfãos
mas, vamos, coragem!
Se perecesses, eu nada mais seria,
em ti estamos para viver ou não,
pois veneramos teu amor.
ALCESTE:
Admeto, vês que situação é a minha,
antes de morrer te direi meu desejo.
Eu por dar preferência a ti e em vez
de minha vida fazer-te ver esta luz
morro por ti quando podia não morrer,
mas ter um marido tessálio se quisesse

e habitar opulento palácio da realeza.
Não quis viver separada de ti
com filhos órfãos e não poupei
juventude, tendo meios de diversão.
Todavia, teu pai e tua mãe te traíram,
quando na vida bem lhes era morrer,
bem salvar o filho e gloriosa a morte.
Tinham-te só a ti e nenhuma esperança
de gerar outros filhos após tua morte;
e viveríamos eu e tu o tempo restante
e não gemerias separado da esposa
e não criarias órfãos, mas é assim que
algum Deus fez de modo a ser assim.
Que seja! Lembra-te deste meu favor,
eu não te pedirei nunca nada condigno,
pois nada é mais precioso que a vida,
mas o justo, como dirás; amas os filhos
não menos que eu, se bem és prudente.
Mantém os filhos donos de meu palácio
e não desposes madrasta destes filhos,
que, por ser pior que eu, por ciúmes,
erguerá mão contra os teus e meus filhos.
Assim eu te peço que não faças isso;
a madrasta, que vem odiosa aos filhos
anteriores, não é mais benigna que víbora.
O filho varão tem no pai a grande torre
a quem interpelasse e tivesse resposta.
Mas tu, filha, como adolescerás bem?
Que cônjuge de teu pai a sorte te dará?
Não erga contra ti ignominioso rumor,
quando jovem, a destruir tuas núpcias.
A mãe não te dará nunca em casamento,
filha, nem no parto ela te dará coragem,
presente, onde nada é melhor que a mãe.
Urge que eu morra; e isto não amanhã
nem no terceiro do mês o mal me atinge,
mas logo estarei entre os não mais vivos.
Adeus, sede felizes! Tu podes, esposo,
alardear que tiveste a melhor mulher,
e vós, filhos, ter nascido de vossa mãe.
CORO:

Coragem! Não receio afirmar por ele;
assim fará, se não lhe falta bom senso.
ADMETO:
Sim, assim será, não temas, porque eu
viva te tive e morta só a ti chamarão
minha mulher e além de ti nenhuma
noiva tessália se dirigirá a este marido.
Não há mulher nem de pai tão nobre,
nem aliás tão notável pela formosura.
Basta de filhos! Peço aos Deuses
fruir deles, pois de ti não fruímos.
Guardarei teu luto não por um ano,
mas quanto a vida resistir, mulher,
com horror a minha mãe e com ódio
a meu pai, caros na fala, não no ato.
Tu deste o mais caro por minha vida
e salvaste. Não tenho que gemer
ao perder contigo um cônjuge tal?
Cessarei as festas, as bebedeiras,
coroas e Musa que estava em casa.
Nunca mais nem tocaria mais lira
nem me animaria ao som de flauta
líbia, tu me tiraste o prazer da vida.
Por hábil mão de artistas em efígie
o teu corpo será estendido no leito
em que eu me deitarei e abraçarei
chamando-te e crerei ter nos braços
a cara mulher, ainda que não tenha.
Frio prazer, suponho, mas aliviaria
do peso da vida. Vindo em sonhos,
tu me alegrarias. É doce ver os nossos,
ainda que à noite, quanto tempo fosse.
Se eu tivesse língua e canto de Orfeu,
para encantar filha de Deméter e seu
marido com hinos e tirar-te de Hades,
eu desceria, e nem o cão de Plutão
nem o remeiro guia-mortos Caronte
me impediria de trazer tua vida à luz.
Mas espera-me lá, quando eu morrer,
e prepara a casa, como conviveremos.
Incumbirei que me ponham no mesmo

cedro teu e estendam o flanco perto
de teu flanco. Nunca mais, nem morto,
seja eu separado de ti, fiel a mim única!
CORO:
Suportarei contigo, amigo com amigo,
o pranteado luto por ela, que o merece.
ALCESTE:
Ó filhos, ouvistes vós mesmos,
vosso pai diz que por vós não terá
outra esposa e não me desonrará.
ADMETO:
Ainda agora o digo e cumprirei.
ALCESTE:
Assim de minha mão tem os filhos!
ADMETO:
Tenho — dom amigo de mão amiga.
ALCESTE:
Sê em vez de mim a mãe dos filhos!
ADMETO:
É muito necessário, despojados de ti.
ALCESTE:
Ó filhos, quando viveria, vou aos ínferos.
ADMETO:
Oímoi! Que farei em separado de ti?
ALCESTE:
Tempo te abrandará, nada é o morto.
ADMETO:
Por Deuses, leva-me contigo aos ínferos!
ALCESTE:
É o bastante eu morrer antes por ti.
ADMETO:
Ó Nume, que cônjuge tu me tiras!
ALCESTE:
Deveras tenebrosa pesa minha vista.
ADMETO:
Morri, se tu me deixares, mulher!
ALCESTE:
Podem dizer que nada mais sou.
ADMETO:
Ergue o rosto! Não deixes os filhos!
ALCESTE:

Não por gosto, mas adeus, ó filhos!
ADMETO:
Olha para eles, olha!
ALCESTE:
Nada mais sou.
ADMETO:
Que fazes? Vais?
ALCESTE:
Adeus!
ADMETO:
Morri mísero!
CORO:
Foi-se, não há mais a mulher de Admeto.
EUMELO:
Ió, sorte! Minha mãe se foi [EST.]
aos ínferos, não está mais,
ó pai, sob o sol,
mísera me fez a vida órfã.
Vê! Vê a pálpebra
e as mãos inertes!
Ouve! Ouve! Ó mãe, suplico!
Eu, ó minha mãe,
eu te chamo, teu filho
caído ante o teu rosto.
ADMETO:
Ela não ouve nem vê, somos assim
eu e ambos vós batidos de infortúnio.
EUMELO:
Ó pai, fico jovem só [ANT.]
sem minha mãe! *Ô!*
Sofro as misérias
que suportas comigo irmã moça.
Ó pai,
sem proveito, sem proveito desposaste,
não foste com ela ao fecho da velhice,
pois pereceu antes. Com tua partida,
ó mãe, a casa está perdida.
CORO:
Admeto, necessário é suportar esta perda.
Dentre mortais nem primeiro nem último
perdeste nobre esposa, mas reconhece

que morrer é uma dívida de todos nós!

ADMETO:

Estou sabendo, este mal não subitâneo
atacou, e ciente disso há muito sofria.
Mas farei os funerais desta morta.
Comparecei vós e presentes ressoai
o peã sem libação aos Deuses ínferos!
A todos os tessálios, de quem sou rei,
proclamo luto comum por esta mulher
com o corte de cabelos e as vestes negras.
Vós, que jungis quadrigas e potros selados,
com o ferro cortai a crina dos pescoços.
Nesta cidade nenhum som de flauta
nem lira ressoe por doze plenilúnios!
Não enterrarei outro morto mais caro
que esta, nem melhor para mim, digna
de honra, porque só morreu por mim.

[SEGUNDO ESTÁSIMO (435-475)]

CORO:

Ó filha de Pélias, [EST. 1]
alegre no palácio de Hades
habites a morada sem sol!
Saiba Hades, o Deus de crina negra,
e saiba ele, sentado ao remo
e ao leme, o velho
condutor de mortos,
ter levado a melhor mulher, a melhor,
pelo lago Aqueronte,
em lenho birreme!

Os cultores de Musas [ANT. 1]
te cantarão ao septicorde casco montês
e ao celebrarem com hinos sem lira,
em Esparta, quando a hora circular
do mês de Carneio circunda,
alta a lua
a noite toda,
e na brilhante e próspera Atenas.
Tal tema de canto
morta legaste aos cantores.

Se dependesse de mim [EST. 2]
e pudesse te trazer à luz
da moradia de Hades
e das águas de Cocito
de navio no rio dos ínferos!
Tu, ó única, ó cara, dentre mulheres,
tu ousaste
com tua própria vida resgatar
o esposo, do Hades. Leve
te seja a terra em cima, ó mulher!
Se o marido escolhesse novo leito,
ele seria horrendo para mim
e para os teus filhos.

Sem a concordância da mãe [ANT. 2]
em sepultar-se na terra em vez
do filho, nem a do pai ancião,
não ousaram defender o filho
ambos cruéis de crinas grisalhas.
Tu, na juventude, morta antes
do varão novo, nova te foste.
Tal pudesse eu encontrar
amor de parelha esposa!
Eis a rara sorte na vida!
Comigo sem tristeza
conviveria toda a vida.

[TERCEIRO EPISÓDIO (476-567)]

HÉRACLES:
Hóspedes, residentes nesta terra de Feres,
será que encontro Admeto no palácio?
CORO:
Está no palácio o filho de Feres, ó Héracles,
mas diz que necessidade te traz ao solo
tessálio que vens a esta cidade de Feres!
HÉRACLES:
Faço um trabalho para Euristeu de Tirinto.
CORO:
E para onde vais? Jungiste que percurso?
HÉRACLES:
Atrás da quadriga de Diomedes da Trácia.

CORO:
Como poderias? Que sabes do hospedeiro?
HÉRACLES:
Nada sei, ainda não fui à terra dos bístones.
CORO:
Não podes ter posse das éguas sem luta.
HÉRACLES:
Mas também não posso recusar o trabalho.
CORO:
Ora, mata e virás, ou ficarás por lá morto.
HÉRACLES:
Não seria este o meu primeiro combate.
CORO:
E que terias a mais, se vencesses o dono?
HÉRACLES:
Conduzirei essas potras ao rei de Tirinto.
CORO:
Não é fácil pôr-lhes freio nos maxilares.
HÉRACLES:
Se é que não sopram fogo das narinas.
CORO:
Dilaceram varões com ágeis maxilares.
HÉRACLES:
Dizes pasto de feras montesas, não éguas.
CORO:
Verias as cocheiras molhadas de sangue.
HÉRACLES:
O criador se ufana de ser filho de quem?
CORO:
Filho de Ares, rei de áureo escudo trácio.
HÉRACLES:
Dizes este trabalho ainda de meu Nume,
é sempre ríspido e para o íngreme vai,
se devo travar batalha com os filhos
que Ares gerou, primeiro com Lupino,
depois com Cisne. Vou a este terceiro
combate contra potras e contra dono.
Mas não se verá o filho de Alcmena
nunca tremer perante o braço inimigo.
CORO:
Deveras ele mesmo, o rei desta terra,

Admeto está vindo para fora da casa.

ADMETO:

Salve, filho de Zeus, sangue de Perseu!

HÉRACLES:

Admeto, salve também tu, ó rei tessálio!

ADMETO:

Quisera! Sei bem que tu és benevolente.

HÉRACLES:

Por que te distingue a tonsura de luto?

ADMETO:

Devo neste dia sepultar alguém morto.

HÉRACLES:

Dos teus filhos afaste Deus essa dor!

ADMETO:

Vivem em casa os filhos que eu gerei.

HÉRACLES:

O pai é deveras em sua hora se partiu.

ADMETO:

Ele ainda vive, e minha mãe, Héracles.

HÉRACLES:

Será que faleceu Alceste, tua mulher?

ADMETO:

Dela posso dizer uma dúplice palavra.

HÉRACLES:

Disseste que morreu, ou ainda vive?

ADMETO:

Vive e não mais vive, isso me aflige.

HÉRACLES:

Não sei de nada, pois não falas claro.

ADMETO:

Não sabes da parte que será sua sorte?

HÉRACLES:

Sei que aceitou morrer em vez de ti.

ADMETO:

Como ainda vive, se ela aceitou isso?

HÉRACLES:

Â! Não a chores antes, adia até o dia!

ADMETO:

Está morto quem vai e aí não é mais.

HÉRACLES:

Considera-se um ser, o outro não ser.

ADMETO:
Tu, Héracles, pensas assim, eu, aliás.
HÉRACLES:
Por que tu choras? Quem seu morreu?
ADMETO:
Mulher, falamos de mulher há pouco.
HÉRACLES:
Forasteira ou nascida em tua família?
ADMETO:
Forasteira, aliás estava ligada à casa.
HÉRACLES:
Como em tua casa ela perdeu a vida?
ADMETO:
Por ser morto o seu pai, aqui era órfã.
HÉRACLES:
Pheû!
Encontrássemos-te sem dor, Admeto!
ADMETO:
Com que intenção teces essa palavra?
HÉRACLES:
Irei para lareira de outro hospedeiro.
ADMETO:
Não pode, ó rei! Tanto mal não venha!
HÉRACLES:
É inoportuno o hóspede se for a aflitos.
ADMETO:
Os mortos estão mortos. Entra em casa!
HÉRACLES:
É feio hóspede cear junto a quem chora.
ADMETO:
É fora a hospedaria a que te levaremos.
HÉRACLES:
Deixa-me ir e serei grato dez mil vezes.
ADMETO:
Tu não podes ir à lareira de outro varão.
Guia-o tu e abre-lhe a hospedaria recôndita
da casa e ordena aos servos encarregados
que lhe sirvam mesa farta e fechai bem
portas externas, pois convém que hóspede
à mesa não ouça lástimas nem se aflija.
CORO:

Que fazes? Ao desabar tanto infortúnio,
Admeto, ousas ter hóspede? Que tolo és?

ADMETO:

Mas se eu o afastasse da casa e da urbe
ao chegar hóspede, tu me aprovarias?
Não, pois meu infortúnio não se faria
menor, mas eu seria mais inospitaleiro.
Aos males isso acrescentaria outro mal,
a minha casa se dizer odiosa ao hóspede.
Eu mesmo encontro nele ótimo hóspede
toda vez que vou à árida terra de Argos.

CORO:

Por que lhe escondeste o presente Nume,
se é dos nossos, como tu mesmo dizes?

ADMETO:

Ele não aceitaria nunca entrar em casa,
se soubesse algo de meus sofrimentos.
Pareço imprudente ao agir assim, creio,
e não me aprovarão, mas o meu palácio
não sabe repelir nem desonrar hóspedes.

[TERCEIRO ESTÁSIMO (568-605)]

CORO:

Ó casa hospitaleira de varão livre sempre, [EST. 1]
até Apolo pítio de bela lira
se dignou te habitar,
suportou ser pastor
em tuas pastagens,
por oblíquas colinas
com teus rebanhos, a flautear
himeneus pastoris.

Criam-se com melodiosa alegria linces vários, [ANT. 1]
veio do vale de Ótris a fulva
tropa de leões,
e dançou ao som de tua cítara,
ó Febo, a sarapintada
corça ao ir com leves tornozelos
além dos abetos de altas frondes,
alegre com jubilosa dança.

Riquíssimo de ovelhas [EST. 2[

habita junto às belas águas
do lago Bébio, e delimita
as terras lavradas
e o chão das planícies
na sombria estrebaria do Sol,
sob o céu dos molossos,
e domina até a costa sem-porto
do Pélion no mar Egeu.

Ainda agora abre a casa, [ANT. 2]
acolhe hóspede, com olhos úmidos
de chorar sua esposa recém-falecida
em casa. A nobreza
leva ao respeito.
Entre bons tudo é possível.
Admiro a sabedoria.
Em minha alma há confiança
no bem do varão reverente a Deus.

[QUARTO EPISÓDIO (606-961)]

ADMETO:
Benévola presença de varões de Feras,
os servos levam erguido o cadáver
aparatado para os funerais e a pira.
Saudai vós a morta, como é o uso,
já de saída para o último percurso!
CORO:
Vejo que teu pai com passo de idoso
caminha e os servos trazem nas mãos
adorno a tua esposa, adereço dos ínferos.
FERES:
Venho condoído de teus males, filho.
Nobre, ninguém contesta, e prudente
esposa perdeste, mas é sim necessário
suportar isso, ainda que seja difícil.
Recebe este adorno e sob a terra
que se vá! É honorável seu corpo,
ela morreu antes por tua vida, filho,
não me fez sem filho, não me deixou
findar sem ti numa lutuosa velhice,
fez mais gloriosa a vida para todas

as mulheres ao ousar este nobre feito.
Porque o salvaste e reergueste-nos
caídos, salve! Até na casa de Hades
estimo estejas bem. Digo tais núpcias
úteis aos mortais, ou iméritas núpcias.

ADMETO:

Não vieste a meu convite a estes funerais
nem conto a tua presença entre os meus.
Ela não usará nunca esse teu adorno,
pois não disso carente será sepultada.
Devias condoer quando eu ia morrer;
tu ficaste longe e deixaste morrer outro
jovem, tu, velho, e chorarás este morto?
Ora, não foste deveras o pai deste corpo,
nem a que diz ser mãe e assim se chama
mãe me gerou, mas de sangue servil
ocultaram-me no seio de tua mulher.
Ao saíres à prova mostraste quem és,
e não me considero nascido teu filho.
De todos distinto por pusilanimidade
tu chegas tão idoso ao termo da vida
e não quiseste nem ousaste morrer
em vez de teu filho, mas tu deixaste
a mulher forasteira, a única que eu
com justiça consideraria mãe e pai.
Bem terias combatido este combate,
morto em vez de teu filho, era breve
todo o tempo que te restava de vida.
Eu e ela viveríamos o tempo restante,
e não gemeria sozinho os meus males.
Tudo que o de bom Nume deve fruir
fruíste: foste jovem gestor de poder,
eu era teu filho herdeiro desta casa,
e não deixarias, morto sem filhos,
a casa órfã para rapinagem de outros.
Não dirás que me entregaste à morte,
por eu desonrar tua velhice, eu que te
mais respeitei, e em troca disso vós
ambos, tu e a mãe, me dais tal graça.
Não seria açodamento fazeres filhos,
que cuidem de ti na velhice, e morto

paramentem e exponham o cadáver.
Não te sepultarei eu com esta mão,
estou morto para ti, e se por outro
salvador vejo a luz, afirmo que dele
sou filho e filho cuidadoso do velho.
Em vão os velhos rezam por morrerem
maldizendo a velhice e a longeva vida,
se a morte se aproxima, ninguém quer
morrer, e a velhice não mais lhes pesa.
CORO:
Cessa! É bastante o presente infortúnio,
ó filho! Não exasperes o espírito do pai!
FERES:
Ó filho, que mercenário lídio ou frígio
tu presumes repelir de ti com injúrias?
Não sabes que de pai tessálio sou
nascido tessálio legitimamente livre?
Tu transgrides, e jovem lançando-nos
palavras assim não irás após as lançar.
Eu te gerei que fosses o dono da casa
e criei, mas por ti eu não devo morrer,
pois não recebi essa tradição ancestral
de pais morrerem por filhos, não grega.
De má sorte, ou de boa sorte, contigo
nasceste, a sorte que te devíamos tens.
És o rei de muitos, e te deixarei terras
extensas, as quais recebi de meu pai.
Que injustiça te fiz? De que te espolio?
Não morras por mim, nem eu por ti!
Apraz-te ver a luz, crês que ao pai não?
Calculo que o tempo nos ínferos seja
longo, e breve o de vida, doce porém.
Tu, sem pudor, lutaste por não morrer,
e vives, tendo ido além da sorte dada,
tendo-a matado, e tu falas de minha
covardia, ó pior, vencido por mulher,
ela que morreu por ti, o belo jovem?
Hábil descobriste como não morrer nunca,
se sempre persuadires a mulher presente
a morrer por ti e ainda invectivas os seus
se o não querem fazer por seres covarde?

Cala-te! Pensa que, se tu amas tua própria
vida, todos amam e, se falares mal de nós,
sofrerás maledicências muitas e não falsas.
CORO:
Muitas maledicências ditas agora e antes.
Cessa, ó ancião, de dizer mal de teu filho!
ADMETO:
Já que falei, fala tu! Se te dói ouvir
a verdade, não devias vacilar comigo.
FERES:
Antes vacilaria eu se morresse por ti.
ADMETO:
O mesmo é morrer o jovem e o velho?
FERES:
Devemos viver uma só vida, não duas.
ADMETO:
Possas tu viver mais tempo que Zeus!
FERES:
Deprecas o pai sem padecer injustiça?
ADMETO:
Percebi que és amante da longevidade.
FERES:
Não expões esse morto em vez de ti?
ADMETO:
Uma amostra de tua covardia, ó pior.
FERES:
Não pereceu por nós, isso não dirás!
ADMETO:
Pheû!
Tomara que afinal precises de mim!
FERES:
Corteja muitas para que mais morram!
ADMETO:
Invectiva-o a ti, não quiseste morrer.
FERES:
Amigo é este brilho do Deus, amigo.
ADMETO:
Vil e nada viril essa tua resolução.
FERES:
Não ris de transportar o velho morto.
ADMETO:

Quando morreres, morrerás inglório.
FERES:
Má fama, se morto, não me importa.
ADMETO:
Pheû pheû! Que descarada a velhice!
FERES:
Essa não é descarada. Insana a achaste.
ADMETO:
Parte e deixa-me sepultar este morto.
FERES:
Partirei, sepultarás sendo quem a matou,
darás ainda justiça a teus contraparentes.
Ora, Acasto não está mais entre varões,
se não te cobrar o sangue de sua irmã.
ADMETO:
Some tu e aquela que convive contigo,
sem-filho de filho vivo, qual mereceis,
envelhecei! Não mais comigo ao mesmo
teto vais. Se através de arautos devesse
proibir-te a lareira ancestral, proibiria.
Nós, devendo suportar o presente mal,
vamos para instalarmos o morto na pira.
CORO:
Ió ió! Mísera por temeridade,
ó nobre e de longe a melhor,
adeus! Propício Hermes ctônio
e Hades te recebam, e se os bons
lá têm algo mais, disso partícipe
sentes-te junto à noiva de Hades!
SERVO:
Sei que vieram ao palácio de Admeto
muitos hóspedes e de diversas terras
e servi-lhes a ceia, mas pior que este
ainda não tinha recebido nesta lareira.
Ele, primeiro, ao ver o dono de luto,
entrou e ousou transpor as portas.
Depois em nada prudente recebeu
a hospedagem, ciente da situação,
e se não lhe trazíamos algo, pedia.
Com a taça feita de hera nas mãos
bebe o mero vinho da negra mãe,

até aquecê-lo a ampla chama vínea
e coroa o crânio com ramos de mirto
e uiva sem Musa, dois sons se ouvem:
ele cantava sem se importar com males
de Admeto e pranteávamos a senhora
os servos, sem mostrarmos ao hóspede
nosso pranto, assim Admeto instou.
E agora no palácio sirvo o banquete
a hóspede malfeitor ladrão predador.
Ela se foi de casa, não segui cortejo,
não estendi a mão, lastimando minha
dona, que para mim e todos os servos
era mãe, pois defendia de mil males,
lenindo a ira do marido. Tenho justo
horror ao hóspede vindo nos males?

HÉRACLES:

Tu aí, que olhas solene e pensativo?
Servo não deve olhar torto hóspedes,
mas recebê-los com o espírito afável.
Se vês presente um sócio do dono, tu
por estares zeloso de dor alheia recebes
com rosto de horror e cenhos cerrados.
Vem aqui, para seres ainda mais sábio!
Sabes coisas mortais que natureza têm?
Não creio. Donde saberias? Ouve-me:
todos os mortais têm morte obrigatória,
não há ninguém entre mortais que saiba
se no dia de amanhã ainda estará vivo,
invisível a via por onde o fortuito virá
não se ensina nem se captura com arte.
Tendo ouvido e aprendido isso comigo,
alegra-te, bebe, e considera tua a vida
de cada dia, tudo o mais é fortuito.
Honra ainda a mais doce das Deusas
aos mortais, Cípris, benévola Deusa.
Deixa tudo o mais e confia em minhas
palavras, se te pareço dizer a verdade.
Creio sim. Despede aflição excessiva
e bebe conosco, superior a essa sorte,
denso de coroas! Ainda sei claro que
desse ora sombrio e contrito espírito

o remo da taça caído te transportará.
Mortais devem pensar como mortais.
Aqueles solenes de cenhos cerrados,
todos eles, para eu me servir de juiz,
não têm vida deveras, mas infortúnio.
SERVO:
Sabemos disso, mas agora estamos
não como é digno de festa e de riso.
HÉRACLES:
A morta era forasteira. Não chores
demais, os donos desta casa vivem.
SERVO:
Vivem? Não sabes os males da casa.
HÉRACLES:
Se o teu dono não me disse mentira.
SERVO:
Demais, ele é hospitaleiro demais.
HÉRACLES:
Não trataria bem, por morta lá fora?
SERVO:
Sim decerto por demais era assaz fora.
HÉRACLES:
Será que não me disse ter infortúnio?
SERVO:
Alegra-te! A nós, os males dos donos.
HÉRACLES:
Esta fala não preludia males de fora.
SERVO:
Pois não me afligiria te ver festejar.
HÉRACLES:
Será que sofri mal de hóspedes meus?
SERVO:
Não vieste à devida recepção em casa.
Guardamos luto, estás vendo a tonsura
e as vestes negras.
HÉRACLES:
Quem morreu?
Faleceu algum filho ou o velho pai?
SERVO:
Morreu a mulher de Admeto, hóspede.
HÉRACLES:

Que dizes? Ainda assim me hospedou?
SERVO:
Teve escrúpulo de te afastar desta casa.
HÉRACLES:
Ó mísero, que cônjuge tu perdeste!
SERVO:
Morremos todos, não ela somente.
HÉRACLES:
Mas percebi ao ver olhar de lágrimas,
a tonsura e o rosto, mas persuadia-me
de que eram funerais de luto forasteiro.
A contragosto eu transpus estas portas
e bebia em casa do varão hospitaleiro
nessa situação, e festejo com a cabeça
densa de coroas. Tu nada me disseste,
tanto infortúnio desabado no palácio.
Onde a sepulta? Onde vou descobri-lo?
SERVO:
À beira da via que leva reto a Larissa,
verás a tumba polida fora do subúrbio.
HÉRACLES:
Ó meu audaz coração e braço, agora
mostra que filho te gerou para Zeus
Alcmena de Tirinto filha de Eléctrion!
Eu preciso de salvar a recém-falecida
mulher e instalar outra vez nesta casa
Alceste, e a Admeto retribuir o favor.
Irei e vigiarei Morte, negrialada rainha
dos mortos, e creio que a descobrirei
bêbada de sacrifícios junto ao túmulo.
Se precipitar-me do lugar da tocaia,
e pegá-la envolta em meus braços,
não há quem a resgatará de ter dor
no flanco, antes de soltar a mulher.
Se eu perder essa presa e não chegar
à oferenda cruel, irei à casa sem sol
da donzela e do senhor dos ínferos,
pedirei e confio que trarei para cima
Alceste, e a entregarei ao hospedeiro,
que me recebeu em casa e não repeliu,
ainda que batido por grave infortúnio,

que ocultou por nobre respeito a mim.
Que tessálio mais hospitaleiro que ele?
Que morador da Grécia? Não se dirá,
porém, que nobre fez bem a gente má.

[*KOMMÓS* (861-961)]

ADMETO:
Ió,
hediondas vias, hediondas vistas
do palácio viúvo!
Ió moí moi! Aiaî aiaî!
Onde ando? Onde paro? Que digo? Que calo?
Como eu morreria?
Para grave Nume a mãe me gerou.
Invejo os finados, tenho paixão por eles,
desejo morar naquele palácio.
Não gosto de ver a luz,
nem pisar o pé na terra,
tal refém me tomou
Morte e deu a Hades.

CORO:
Anda! Anda! Vai ao nicho da casa! [EST. 1]
ADMETO:
Aiaî!
CORO:
Tuas dores são dignas de lastimar.
ADMETO:
È é!
CORO:
Passaste por aflições, bem sabemos.
ADMETO:
Pheû pheû!
CORO:
A ela nos ínferos não vales.
ADMETO:
Ió moí moi!
CORO:
É triste que nunca mais vejas
na frente o rosto de tua esposa.

ADMETO:

Lembraste o que me lacera o ânimo.
Ao marido que mal maior que perder
a esposa fiel? Não a desposasse jamais
nem tivesse vivido com ela nesta casa!
Invejo os sem núpcias nem filhos
dentre mortais, pois uma é a vida
de que aturarem comedido fardo.
As doenças de filhos e os leitos
nupciais destruídos por mortes,
não é suportável ver, se possível
ser sempre sem núpcias nem filhos.

CORO:
Sorte, Sorte inelutável sobreveio. [ANT. 1]
ADMETO:
Aiaî!
CORO:
Limite nenhum das dores dispões.
ADMETO:
È é!
CORO:
Tão pesadas de suportar, contudo...
ADMETO:
Pheû pheû!
CORO:
...suporta! Não primeiro perdeste...
ADMETO:
Ió moí moi!
CORO:
... a mulher, esse manifesto mal
oprime ora um, ora outro mortal.

ADMETO:
Ó longos lutos e dores
por nossos sob a terra!
Por que me impediste saltar
no cavo sepulcro do túmulo
e jazer extinto com a melhor?
Em vez de uma, Hades teria
duas almas fidelíssimas, juntas
transpondo a lagoa subterrânea.

CORO:

Na família eu tinha [EST. 2]
quem digno de pranto
perdeu em casa novo
o único filho, mas
sem filhos tinha
bastante males
com grises cãs
tarde na vida.

ADMETO:
Ó brio da casa, como entrar?
Como habitar, tendo mudado
o Nume? *Oí moi!* Muito é o meio!
Entrei um dia com as tochas
do Pélion e com os himeneus
tomando a mão de minha amada
e a festa prosseguia ruidosa
felicitando a morta e a mim
porque éramos cônjuges
ambos nobres e de nobres.
Hoje ais, em vez de himeneus,
vestes negras, em vez de alvas
túnicas, seguem-me ao entrar
no leito matrimonial ermo.

CORO:
Junto da boa sorte [ANT. 2]
sem males te veio
essa dor, mas tens
a vida e o alento.
Morta, a esposa deixou amizade.
Que é novo nisso? Desatrelou
já muitos
a morte da esposa.

ADMETO:
O Nume da mulher creio ter melhor sorte
que o meu, ainda que não pareça, amigos,
porque nenhuma dor jamais a atingirá,
e gloriosa repousou das muitas fadigas.
Eu, que não devia viver, evitei a morte
e triste levarei a vida. Agora aprendo.
Como suportarei entrar neste palácio?

A quem saudando, e por quem saudado,
teria boa entrada? Aonde me voltarei?
A solidão lá de dentro me expulsará,
quando eu vir o leito vazio da esposa,
cadeiras em que se sentava, e o áspero
piso sob o teto, e os filhos nos joelhos
caírem e chorarem a mãe, e eles outros
gemerem que dona desta casa perderam.
Assim, em casa; e de fora me repelirão
as núpcias dos tessálios e as reuniões
cheias de mulheres, pois não suportarei
ver as da mesma idade de minha esposa.
Alguém por ser inimigo dirá de mim:
"Vê: vive mal quem não ousou morrer,
"mas covarde ele deu em troca a esposa
"e evitou Hades; e ainda crê ser varão?
"Odeia os pais, sem querer ele mesmo
"morrer." Além dos males, tal fama
terei. Amigos, o que me vale viver
assim com infâmia e com infortúnio?

[QUARTO ESTÁSIMO (962-1005)]

CORO:

Eu ainda por Musa [EST. 1]
ainda altaneiro saltei
e toquei muitas razões
e mais forte que Coerção
nenhuma droga descobri
que nas tabuinhas trácias
a voz de Orfeu descreveu,
nenhuma de quantas drogas
Apolo deu aos Asclepíades
ao cortarem seus antídotos
para os doentios mortais.

Só da Deusa não há [ANT. 1]
ida aos altares e estátuas
nem ela ouve sacrifícios.
Ó senhora, não me sejas
maior que antes na vida.
Zeus leva a termo

o que anui contigo.
O ferro dos Cálibes
tu à força dominas.
Não há pudor algum
de abrupta volição.

Deusa te encadeou as mãos sem fuga. [EST. 2]
Resiste! Não reconduzirás os finados
dos ínferos com prantos.
Até os filhos dos Deuses
finam nas trevas da morte.
Amiga, quando conosco,
amiga ainda será, morta,
a mais nobre entre todas
jungiste esposa no leito.

Não se creia tumba de extinto defunto [ANT. 2]
o túmulo de tua esposa, honre-se como
Deuses, venerável aos viajantes.
Dirá alguém ao passar
por esta oblíqua via: "Ela
morreu em vez do marido
e agora é venturoso Nume.
Salve, rainha! Sê propícia!"
Tais palavras lhe dirão.

[ÊXODO (1006-1163)]

CORO:
Ó Admeto, ao que parece, vem
o filho de Alcmena à tua lareira.
HÉRACLES:
Ao amigo devo falar com franqueza,
Admeto, e não ter no coração queixas
calado. Eu avaliava que por assistir
teus males de perto me provaria amigo,
não revelaste os funerais serem de tua
esposa, mas hospedaste-me em casa
alegando cuidar de lutos forasteiros
e coroei a cabeça e aos Deuses libei
libações em tua casa em má sorte,
e reprovo, reprovo, sim, esse trato.
Não quero te afligir nestes males.

Direi por que voltei e venho aqui.
Recebe de mim e salva esta mulher
até que com éguas trácias eu venha
aqui após destruir o rei dos bístones.
Se fosse o que não seja e eu retorne,
ofereço-a para que sirva em tua casa.
Com muita fadiga veio-me às mãos.
Descubro competição aberta a todos
instituída, façanha digna de atletas,
donde a conduzo, prêmio da vitória.
Vencedores de jogos leves podiam
obter potros, mas aos que venciam
os maiores, pugilato ou luta, seguia
gado ou mulher, e dando-se a sorte
era infame deixar o glorioso ganho.
Como disse, peço cuides da mulher,
não furtada, mas obtida com fadiga.
Com tempo talvez ainda me aproves.

ADMETO:

Sem te desonrar nem fazer injúria,
ocultei triste sorte de minha mulher.
Mas esta dor se acrescentaria à dor,
se fosses para a casa de outro hóspede.
Chorar o meu mal era-me o bastante.
Se há mesmo mulher, peço-te, ó rei,
que instes a salvá-la outro tessálio
não sofrido como eu. Tens em Feras
muitos hóspedes, não me lembres
males. Não a poderia ver em casa,
sem prantear. Não acrescentes dor
à minha dor! Pesa-me demais isto.
Onde em casa criaria mulher nova?
Nova, por brilhar na roupa e ordem.
Acaso habitará abrigo entre varões?
Como ainda será intacta, se circular
entre rapazes? Não é fácil, Héracles,
conter o jovem, eu tenho tua cautela.
Ou entro na cama da morta e instruo?
E como a incrusto no leito daquela?
Temo duas queixas: gente da terra
não me acuse de trair a benfeitora

e cair nos lençóis de outra jovem,
e da morta veneranda devo tomar
muita precaução. Mas tu, mulher,
quem afinal sejas tu, sabe que tens
o vulto de Alceste, és símil no porte.
Oímoi! Por Deuses, leva-me dos olhos
esta mulher! Não me mates já morto,
pois ao vê-la creio ver minha mulher!
Perturba meu coração e de meus olhos
águas prorrompem. Ó mísero de mim,
como agora provo deste amargo luto!

CORO:

Eu não poderia bendizer a sorte, mas
devo suportar o que for dom de Deus.

HÉRACLES:

Tivesse eu tanto poder que trouxesse
das ínferas moradas para a luz a tua
mulher e pudesse te fazer este favor!

ADMETO:

Bem sei que gostarias, mas onde isso?
Não é possível os mortos virem à luz.

HÉRACLES:

Não excedas! Suporta conforme sina!

ADMETO:

É mais fácil exortar que suportar dor.

HÉRACLES:

O que terias, se queres sempre gemer?

ADMETO:

Sei disso, mas um desejo me conduz.

HÉRACLES:

O amor ao morto induz ao pranto.

ADMETO:

Destruiu-me ainda mais do que digo.

HÉRACLES:

Perdeste boa mulher, quem contesta?

ADMETO:

De modo a não mais gostar de viver.

HÉRACLES:

Tempo lene, ora ainda o mal vigora.

ADMETO:

Tempo se diria, se tempo de morrer.

HÉRACLES:
Mulher e novas núpcias te cessarão.
ADMETO:
Cala-te. Que disseste? Eu não creria.
HÉRACLES:
O que? Sem núpcias, o leito viúvo?
ADMETO:
Não há quem com este se deitará.
HÉRACLES:
Pensas que ajuda em algo à morta?
ADMETO:
Onde ela estiver, deve ser honrada.
HÉRACLES:
Certo, certo, mas parecerás louco.
ADMETO:
Por não declarar noivo este varão.
HÉRACLES:
Certo que és amigo fiel à esposa.
ADMETO:
Morra eu, se a trair, não mais viva!
HÉRACLES:
Recebe-a generosamente em casa!
ADMETO:
Não, suplico-te, por Zeus, teu pai!
HÉRACLES:
Sim, errarás, se tu não fizeres isso.
ADMETO:
E se fizer, dor morderá o coração.
HÉRACLES:
Ouve! Talvez se dê a devida graça.
ADMETO:
Pheû!
Nunca a recebesses na competição!
HÉRACLES:
Se venço, também vences comigo.
ADMETO:
Falaste bem, que se vá a mulher!
HÉRACLES:
Irá, se deve ir. Antes, vê se deve ir!
ADMETO:
Deve ir, se não te irritares comigo.

HÉRACLES:
Por saber algo, tenho esta atenção.
ADMETO:
Vence! Não me fazes por agradar.
HÉRACLES:
Mas ainda me louvarás, ouve só!
ADMETO:
Trazei, se devo recebê-la em casa.
HÉRACLES:
Não permitiria ir com teus servos.
ADMETO:
Traz tu mesmo em casa, se queres.
HÉRACLES:
É nas tuas mãos que eu a deixarei.
ADMETO:
Não a tocaria, pode entrar em casa.
HÉRACLES:
Somente confio em tua mão destra.
ADMETO:
Ó rei, obrigas-me ao que não quero.
HÉRACLES:
Ousa dar a mão e tocar a forasteira!
ADMETO:
Dou a mão como a decapitar Górgona.
HÉRACLES:
Tens?
ADMETO:
Tenho.
HÉRACLES:
Conserva e mostrarás
que o filho de Zeus é hóspede generoso.
Olha para ela, se algo se parece com tua
mulher e afasta-te com boa sorte da dor!
ADMETO:
Deuses, que digo? Milagre inesperado!
Percebo de verdade a minha mulher.
Ou Deus me inflige mordaz alegria?
HÉRACLES:
Não inflige, mas aqui vês tua esposa.
ADMETO:
Vê se isto não é espectro dos ínferos!

HÉRACLES:
Não hospedaste invocador de mortos.
ADMETO:
Mas vejo minha esposa que sepultei?
HÉRACLES:
Sabe! Não admiro se descrês da sorte.
ADMETO:
Toco? Falo como se a esposa vivesse?
HÉRACLES:
Fala, pois podes tudo que desejavas.
ADMETO:
Ó vista e vulto de minha mulher,
tenho-te súbito sem crer que visse!
HÉRACLES:
Tens. Não te inveje nenhum Deus!
ADMETO:
Ó nobre filho do supremo Zeus,
tenhas bom Nume e o pai genitor
conserve! A sós reergueste os meus.
Como a conduziste dos ínferos à luz?
HÉRACLES:
Travando luta contra Nume detentor.
ADMETO:
Onde dizes travar combate com Morte?
HÉRACLES:
Junto à tumba, atocaiado ao investir.
ADMETO:
Por que esta mulher está quieta muda?
HÉRACLES:
Não te é lícito ainda ouvir as palavras
dela antes de ser purificada dos ínferos
Deuses e antes de ser o terceiro dia.
Entra! Conduz para dentro. Sê justo,
no porvir, Admeto, e honra os hóspedes!
E salve! Eu partirei e cumprirei a prova
proposta pelo soberano filho de Estênelo.
ADMETO:
Permanece conosco e sê nosso conviva.
HÉRACLES:
Outra vez será assim, agora devo correr.
ADMETO:

Boa sorte! E que seja breve teu regresso!
Ordeno aos cidadãos e a toda a tetrarquia
formarem coros pelas boas circunstâncias.
Altares fumem com reses propiciatórias!
Agora por mudança temos vida melhor
que antes, pois não negarei a boa sorte.

CORO:

Muitas são as formas dos Numes,
muitos atos inopinados de Deuses
e as expectativas não se cumprem
e dos inesperados Deus vê a saída.
Assim aconteceu este fato.

MEDEIA

As personagens do drama:

Nutriz
Preceptor
Medeia
Coro de mulheres
Creonte
Jasão
Egeu
Mensageiro
Filhos de Medeia

ARGUMENTO DE *MEDEIA*

Jasão, ao chegar a Corinto, conduzindo ainda Medeia, recebe em casamento Glauce, a filha de Creonte, rei de Corinto. Medeia, quando ia ser banida de Corinto por Creonte, tendo pedido permanecer por um só dia e conseguido, em paga da graça envia por seus filhos de presente a Glauce vestes e coroa de ouro e usando-os ela perece. Creonte, ao abraçar a filha, morre também. Medeia, tendo matado seus próprios filhos, transportada pelo carro de serpentes aladas, que recebeu do Sol, foge para Atenas e lá se casa com Egeu, filho de Pandíon.

Ferecides e Simônides dizem que Medeia cozeu e rejuvenesceu Jasão. Sobre Éson, o pai dele, o Poeta de *Os Regressos* diz assim:

> Logo ela fez Éson caro moço jovem
> ao elidir a velhice com sábio espírito
> e cozer muitas drogas em tachos áureos.

Ésquilo, em *As Nutrizes de Dioniso*, conta que rejuvenesceu cozendo também as nutrizes de Dioniso com os maridos delas. Estáfilo diz que Jasão de certo modo foi morto por Medeia, pois ela o instou a repousar sob a popa de Argos quando o navio ia desfazer-se pelo tempo; ao cair assim a popa em Jasão, ele morreu.

Parece que adaptou e serviu-se do drama de Néofron, segundo Dicearco em *A Vida da Grécia* e Aristóteles em *Memórias*. Reprovam-lhe Medeia não ter conservado a simulação, mas ter caído em pranto, ao tramar contra Jasão e a mulher. Aprovam a entrada, por ser ela muito patética, a elaboração "não nos vales" e o que segue. Por ignorar isso, Timáquidas diz que Eurípides se serviu de inversão, como Homero:

> "vestiu perfumadas roupas e banhou-se" (*Od*. 5. 264).

ARGUMENTO DO GRAMÁTICO ARISTÓFANES DE *MEDEIA*

Medeia, por ódio a Jasão por ele se ter casado com Glauce, filha de Creonte, matou-a e a seus próprios filhos, separou-se de Jasão e casou-se com Egeu. O tratamento do mito não consta em nenhum outro. A cena do drama se situa em Corinto. O coro se compõe de mulheres da urbe. A nutriz de Medeia diz o prólogo. Representou-se no arcontado de Pitodoro, no primeiro ano da octogésima sétima Olimpíada. Eufórion foi o primeiro, Sófocles o segundo e Eurípides o terceiro com *Medeia*, *Filoctetes*, *Díctis* e o drama satírico *Os colhedores*. Não se conserva. Drama representado em 431 a.C.

[PRÓLOGO (1-130)]

NUTRIZ:

Nunca houvesse a nave Argo voado
à Cólquida por negras Simplégades!
Nunca houvesse caído pinho cortado
no vale do Pélion! Não tivessem remado
seletos varões que levaram o áureo velo
a Pélias! Minha dona Medeia não teria
navegado para as torres da terra de Iolco,
aturdida no ânimo por amor de Jasão,
nem teria persuadido as filhas de Pélias
a matar o pai, nem estaria em Corinto,
com marido e filhos, tentando agradar
aos cidadãos desta terra a que chegou
exilada e servir em tudo Jasão mesmo,
o que vem a ser a máxima segurança,
quando mulher não destoa do marido.
Agora ódio é tudo e a casa está doente.
Traindo os seus filhos e minha dona,
Jasão tem o leito nupcial da princesa,
esposo da filha de Creonte, rei da terra.
Medeia, mísera, porque está desonrada,
grita: "Juramentos!" Evoca a fé máxima
da mão destra e Deuses por testemunha
de que recompensa ela obtém de Jasão.
Jaz sem comer, o corpo entregue à dor,
consumida em lágrimas todo o tempo,
ao saber que injustiça sofria do marido,
sem erguer os olhos, nem afastar a face
da terra. Qual pedra, ou onda do mar,
ouve os amigos, quando aconselhada,
se não, então, volta o alvo pescoço
para si mesma, e chora por seu pai
e pela terra e casa que traiu e partiu
com o homem que agora a desonra.
Reconheceu a mísera no infortúnio
como não deixar atrás a terra pátria.
Repele os filhos e não alegra vê-los.
Temo que ela tome nova resolução.
Espírito forte, não suportará maus-

-tratos, eu a conheço, e tenho medo
que atinja o fígado com afiada faca,
em silêncio, dentro de casa, no leito,
ou ainda que mate o rei e o noivo
e então tenha um maior infortúnio.
Terrível ela, quem lhe moveu ódio
dificilmente cantará bela vitória.
Estes filhos, depois das corridas,
vêm, sem saber dos males da mãe
nada; mente nova não tende à dor.

PRECEPTOR:

Antigo bem da casa de minha dona,
por que estás à porta nessa solidão
a lastimar os teus próprios males?
Como quer Medeia ficar só, sem ti?

NUTRIZ:

Antigo servo dos filhos de Jasão,
bons servos têm a sorte dos donos,
quando é má, e repercute no ânimo.
Eu estou neste grau de sofrimento
que me veio o desejo de vir e dizer
a sorte da senhora ao Céu e à Terra.

PRECEPTOR:

Pois a mísera não cessa de chorar?

NURIZ:

Invejo-te; o mal começa, não cessa.

PRECEPTOR:

Ó tola, se isto se deve dizer da dona,
pois não sabe dos seus novos males.

NUTRIZ:

Que é, ó velho? Não te negues a dizer.

PRECEPTOR:

Nada; arrependi-me até do que disse.

NUTRIZ:

Peço não ocultes de tua colega serva;
se necessário, sobre isso serei silente.

PRECEPTOR:

Ouvi dizerem, sem parecer escutar,
perto dos jogos de velhos sentados
à beira da venerável fonte Pirene,
que o soberano deste solo coríntio

Creonte baniria os filhos e a mãe.
No entanto, se esta palavra é clara,
não sei; quereria eu que não fosse.
NUTRIZ:
E suportará Jasão que filhos sofram
isso, ainda que em briga com a mãe?
PRECEPTOR:
Antigas alianças perdem das novas,
e aquele para esta casa não é amigo.
NUTRIZ:
Morremos, se novo mal juntarmos
ao antigo, antes de secar a sentina.
PRECEPTOR:
Não é hora de a senhora saber disto,
mantém a calma tu, e cala a palavra.
NUTRIZ:
Ó filhos, ouvis como é o vosso pai?
Morra... não, pois é o meu senhor,
mas é pego sendo mau para os seus.
PRECEPTOR:
Que mortal não? Agora sabes disto:
que se ama mais a si que ao próximo,
uns por justiça, outros por ganância,
se pelas núpcias o pai não os estima?
NUTRIZ:
Entrai em casa, filhos, pois bem será.
Conserva-os tu o mais possível a sós,
e não os leves à mãe de mau humor.
Eu a vi já fitá-los com olhar de touro,
como para fazer algo, e não cessará
a ira, antes de ferir alguém, bem sabe!
Que o faça a inimigos, não aos seus!
MEDEIA (dentro):
Ió!
Infeliz de mim, mísera de males,
ió moí moi, como eu morreria?
NUTRIZ:
Isso é aquilo, meus filhos: a mãe
move seu coração, e move sua ira.
Muito rápido, entrai vós em casa,
e não vos aproximeis da vista,

e não defronteis, mas respeitai
a índole rude e natureza odiosa
do espírito obstinado.
Ide, entrai o mais rápido!
É claro, de início, que alta
nuvem de prantos tão logo
mais furiosa fulminará. Que fará
afinal a magnífica infatigável
alma mordida de males?

MEDEIA:

Aiaî!
Sofri mísera, sofri dores
miserandas. Ó execrados
filhos, pereçais, de mãe odiosa,
com o pai, e dane-se a casa toda!

NUTRIZ:

Ió moí moi! Ió, mísera!
Que têm os filhos com os erros
do pai? Que ódio lhes tens? *Oímoi*,
filhos, não sofrais o que receio!
Terríveis são as vontades dos reis;
pouco dominados, muito poderosos
dificilmente abrandam os rancores.
O hábito de viver com os pares
vale mais. Não com os grandes
possa eu envelhecer vigoroso!
O nome dos comedidos vence
primeiro na fala e no uso é o melhor
aos mortais em muito. Transgressões
não podem ser oportunas aos mortais
e produzem maiores ruínas, quando
o Nume se enfurece em casa.

[PÁRODO (131-213)]

CORO:

Ouvi a voz, ouvi o grito
da mísera Cólquida, não ainda
calma? Ó anciã, vamos, diz!
Pranto, no bifronte palácio,
ouvi, e não me praz, ó mulher,
a dor desta casa,

por me ser cara.

NUTRIZ:

Não há casa, isso já se foi.
Núpcias régias o possuem,
ela chora a vida no tálamo,
a senhora, e amigo algum
falando aquece o coração.

MEDEIA:

Aiaî!
Caia na minha cabeça
raio do céu! Que vida logro?
Pheû pheû! Morte me livrasse
de odiosa vida.

CORO:

Ouves, ó Zeus, ó Terra, ó Luz, [EST.]
que tom a mísera
noiva entoa?
Que amor tens
de inabordável leito, ó tola?
Apressarás o termo da morte?
Não peças por isso!
Se teu marido tem novo leito,
não te exasperes por isso.
Zeus nisso te fará justiça.
Não chores demais o marido.

MEDEIA:

Ó grande Têmis, ó senhora Ártemis,
vedes o que padeço, presa
por grandes juras a execrado
marido? Visse-os eu, a ele e à noiva,
destruídos com o teto, por ousadia
de antes serem injustos comigo.
Ó pai, ó pátria, donde me mudei
infame por ter morto meu irmão!

NUTRIZ:

Ouvis o que diz e como invoca
Ártemis votiva e Zeus, que entre
mortais se tem por juiz das juras?
Não há como por pouco
a senhora cessar o rancor.

CORO:

Como à nossa vista [ANT.]
viria e aceitaria a voz
de palavras proferidas,
se despedisse grave ira
e sanha do espírito?
Não nos falte ânimo
diante dos amigos!
Mas vai e trá-la cá fora de casa,
diz aqui ainda amigos,
avia-te antes que faça algum mal
aos seus! Grande dor assim impele.

NUTRIZ:

Assim farei, mas pavor é se persuadirei
minha senhora;
mas farei este favor laborioso.
Todavia, olhar de leoa parida
faz dela touro ante todo servo
que a ela se vá e dirija a palavra.
Não erraria se dissesse sinistros,
e não sábios, os antigos mortais,
que inventaram hinos para festas
e para banquete, e nos jantares
audição divertida com os víveres;
nenhum mortal inventou o fim
de odiosos pesares, com Musa
e cantos de muitas cordas, quando
mortes e má sorte abatem a casa.
Mas os mortais logram remediá-lo
com os cantares; onde há felizes
jantares, por que modular voz vã?
Presente a plenitude da ceia tem
por si mesma prazer para mortais.

CORO:

Ouvi clamor cheio de gemidos,
mísera grita os claros clamores:
"Mau noivo traidor das núpcias!"
Invoca, por ter sofrido injustiça,
a Deusa Lei da jura de Zeus, a
qual a trouxe à adversa Grécia

por mar noturno sobre salobre
ferrolho do Mar intransponível.

[PRIMEIRO EPISÓDIO (214-409)]

MEDEIA:
Mulheres coríntias, eu saí de casa,
não me censureis! Sei muitos mortais
serem veneráveis, uns, longe das vistas,
outros, forasteiros, e os de pés quietos
conquistaram a infâmia e o desleixo.
Não há justiça nos olhos dos mortais,
que antes de conhecer claro um varão
odeiam ter visto, sem sofrer injustiça.
Deve o hóspede ceder muito à urbe;
não aprovo citadino que, obstinado,
é áspero com cidadãos por inépcia.
Este fato, por sobrevir inesperado,
destruiu-me a vida. Vou, e da vida
deixo a graça, quero morrer, amigas.
Meu marido, em quem eu tinha tudo,
bem sei, tornou-se o varão mais vil.
De todos os seres com vida e noção,
o mais miserável somos as mulheres,
que primeiro com excessivo dinheiro
devem comprar marido e ter o dono
do corpo; este mal ainda é o pior,
e nele o combate é maior, ter mau
ou bom; divórcio difama as mulheres
e elas não podem repudiar o marido.
Ao chegar a nova morada e costumes,
não instruída em casa, deve ser vate
de qual será o melhor uso do cônjuge.
Quando este nosso desempenho é bom,
e o varão convive sob jugo sem violência,
a vida é invejável. Se não, vale a morte.
O varão, se pesa o convívio em casa,
sai fora e cessa o fastio do coração,
voltado a um amigo ou um colega;
mas nosso fado é fitar uma só vida.
Dizem que temos vida sem perigo
em casa, mas eles lutam com lança,

por pensar mal; preferiria três vezes
manter o escudo a parir uma só vez.
Mas eu e tu não falamos o mesmo:
tu possuis esta urbe e casa paterna,
fruição da vida e convívio dos seus,
mas eu, erma de urbe, sou ultrajada
pelo varão, cativa de terra bárbara,
sem mãe, nem irmão, nem família
para ancoradouro deste infortúnio.
Tanto almejarei alcançar de ti,
se tiver inventado meio e via
de punir o varão por estes males:
silêncio! Mulher é cheia de pavor
e má em resistir e enfrentar faca,
mas quando injustiçada no leito,
não há nada mais sujo de sangue.

CORO:

Assim farei. Com justiça punes o marido,
Medeia. Não admiro que chores a sorte.
Vejo ainda Creonte, o rei desta terra,
vindo, mensageiro de novos decretos.

CREONTE:

A ti, sombria e furiosa com o marido,
Medeia, disse que fora desta terra sejas
banida e leves contigo teus dois filhos,
e sem demora, porque sou o juiz desta
razão e não regressarei à minha casa
antes de te expulsar dos lindes da terra.

MEDEIA:

Aiaî! Toda destruída mísera pereço;
os inimigos soltam todas as velas,
e da ruína não se vê saída acessível.
Direi, todavia, ainda que mal tratada,
por que me banis desta terra, Creonte?

CREONTE:

Temo-te, não devo escamotear a fala,
não me faças à filha mal sem remédio.
Muitos indícios aqui são convergentes.
És hábil e competente em muitos males,
e tens a dor de perder o leito do marido.

Ouço tuas ameaças, a mim anunciadas,
de que ao sogro, ao noivo e à noiva,
farás algo. Evitarei que sofra isso.
Mais vale agora te magoar, mulher,
que depois lamentar ter sido brando.
MEDEIA:
Pheû pheû!
Não só agora, mas muitas vezes, Creonte,
a fama atrapalha e produz grandes males.
Não deve nunca o varão prudente
ensinar os filhos a serem muito hábeis.
Além da inércia, que lhes imputam,
atraem malévola inveja dos cidadãos.
Se propuseres novas manhas a leigos,
parecerá que és inútil e incompetente.
Tido por melhor que supostos sábios,
na urbe terás a fama de ser molesto.
Eu também tenho esta mesma sorte.
Por ser hábil, para uns sou invejável,
para outros, quieta, para outros, outra,
para outros, árdua; sou não muito hábil.
Tu me temes; não padeces de um erro?
Não estou tal, que me temas, Creonte,
de modo a enganar varões soberanos.
Por que és injusto comigo? Casa a filha
com quem quiseres. Mas o meu marido
odeio. Tu, creio, agiste com prudência,
e agora não renego o teu bem estar.
Casai, sede felizes; mas nesta terra
deixai-me viver. Ainda injustiçada,
farei silêncio, vencida por mais forte.
CREONTE:
Falas suave de ouvir, mas no espírito
eu temo que me trames algum mal.
Confio em ti tanto menos que antes:
a mulher impulsiva, tal qual o varão,
é mais fácil de prever que hábil calada.
Mas sai o mais rápido! Não digas nada,
que assim está certo e não tens como
residir conosco sendo minha inimiga!
MEDEIA:

Não, por teus joelhos e tua filha noiva!
CREONTE:
Perdes palavras, não me persuadirias.
MEDEIA:
Mas expulsas-me e não respeitas súplicas?
CREONTE:
Não te quero mais bem que à minha casa.
MEDEIA:
Ó pátria, quanto agora me lembro de ti!
CREONTE:
Além dos filhos, para mim é o mais caro.
MEDEIA:
Pheû pheû! Amor, grande mal de mortais!
CREONTE:
Conforme a sorte ainda assistir, suponho.
MEDEIA:
Zeus, não te escape a causa destes males!
CREONTE:
Vai-te, ó mísera, e livra-me de fadigas!
MEDEIA:
Temos fadigas e fadigas não nos faltam.
CREONTE:
Logo te vais por força de mão de guardas.
MEDEIA:
Não assim, mas a ti te suplico, Creonte.
CREONTE:
Parece que darás trabalho, ó mulher!
MEDEIA:
Irei ao exílio, não te suplico por isso.
CREONTE:
Ora, por que forças e não soltas a mão?
MEDEIA:
Deixa-me demorar somente este dia
e concluir o cuidado de nosso exílio
e a ida de meus filhos, quando o pai
prefere não fornecer nada aos filhos.
Apieda-te deles, também tu és pai,
é natural tua benevolência com eles.
Por mim não me importo se exilada,
mas por eles choro se têm infortúnio.
CREONTE:

Menos minha vontade foi soberana
e por respeito tive sim muitas perdas.
Agora ainda vejo que erro, mulher,
todavia assim farei. Eu te assevero:
se te vir o próximo fulgor de Deus
e a teus filhos nos lindes desta terra,
morrerás. Esta fala não tem mentira.
Agora, se tens que ficar, fica um dia;
não farás nada do que me dá pavor.

CORO:

Pheû pheû! Mísera por teus males,
ó mísera mulher,
aonde te voltarás, a que hóspede
casa ou terra salvadora de males
descobrirás?
Como Deus te levou, Medeia,
a ínvia onda de males?

MEDEIA:

Está tudo mal; quem contradirá?
Mas isso não é assim, não creiais.
Ainda há combates para os noivos
e para os aliados não poucas dores.
Crês que alguma vez o adularia,
se não lucrasse algo, ou lograsse?
Nem saudaria, nem daria a mão.
Ele atingiu um tal grau de tolice
que, podendo destruir meus planos
com o exílio, deixou-me este dia
quando farei três de meus inimigos
mortos, o pai, a filha e meu marido.
Com muitas vias letais para eles,
não sei qual uso primeiro, amigas.
Se porei fogo na casa das núpcias,
ou fincarei afiada faca no fígado,
ao ir silente à casa onde é o leito.
Mas há um porém, se eu for pega
enquanto planejo e agrido a casa,
morta farei rirem meus inimigos.
Pode mais esta reta em que somos
mais hábeis, matá-los com drogas.
Seja!

Estão mortos! Quem me receberá?
Que hóspede me oferecerá asilo
e casa em segurança e defenderá?
Ninguém. Esperarei pouco ainda
se nos surge alguma torre segura,
e dolosa e silente irei à matança;
mas se me perseguir o inelutável,
com a faca, ainda que vá morrer,
eu os matarei e ousarei ser cruel.
Não, oh Senhora, que eu venero
sobretudo e que elegi cooperadora,
Hécate, residente junto ao meu lar,
impunes não ferirão meu coração!
Acres e fúnebres lhes farei as núpcias,
acres, a aliança e meu exílio da terra.
Eîa! Não poupes nada do que sabes,
Medeia, ao deliberar e ao planejar!
Vai terrível! É combate de valentia.
Vês o que sofres? Não causes riso
por estas núpcias de Jasão com Sísifo,
nascida de pai nobre e prole do Sol!
Tens ciência; e mais, ainda somos
mulheres, as impossíveis em bens,
em tudo as mais hábeis malfeitoras.

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (410-445)]

CORO:

Sacros rios acima correm as águas, [EST. 1]
e Justiça e tudo o mais retornam,
varões têm dolosos planos, e jurar
por Deuses não é mais adequado.
Famas tornarão minha vida gloriosa;
a honra é do gênero feminino,
não mais díssona Fama terá mulheres.

Musas de antigos cantores cessarão [ANT. 2]
de entoar hinos à minha perfídia.
Entre nossos saberes, Febo não pôs
a canção de divina voz da lira,
ao guiar coros; eu replicaria hino
ao gênero masculino. Longa vida

muito dirá da porção nossa e de varões.

Tu desde a casa paterna navegaste [EST. 2]
de coração louco ao passar no mar por gêmeas
pedras e vives
em hóspede terra, ao perder
o leito esponsal sem o marido,
mísera, banida sem honras
és exilada desta terra.

A graça das juras se foi, o pudor [ANT. 2]
não mora mais na Grécia, voou de volta ao céu.
Não tens a casa paterna,
ó misera, para te ancorar
dos males, e mais forte
que as tuas núpcias
há outra rainha em casa.

[SEGUNDO EPISÓDIO (446-626)]

JASÃO:

Não agora vi primeiro, mas muitas vezes,
o áspero sentimento como inelutável mal.
Sendo possível teres tu esta terra e a casa,
se levasses com leveza as decisões do rei,
por palavras vazias serás banida desta terra.
A mim não me importa, não cesses nunca
de dizer que Jasão é o mais vil dos varões,
mas com o que tens dito referente aos reis,
considera lucro que a punição seja o exílio.
Eu sempre tentava extinguir o sentimento
do rei furioso e queria que permanecesses,
mas tu não cessas a tolice, sempre dizendo
mal do rei, por isso da terra serás exilada.
Todavia, sem ter faltado até aqui aos meus
venho, tendo em vista antes o teu, mulher,
que não sem bens vás com os filhos ao exílio,
e nada te falte. O exílio por si mesmo atrai
muitos males; pois ainda que tu me odeies,
eu não seria nunca de má vontade contigo.

MEDEIA:

Ó pior perverso, esse mal extremo posso
com a língua dizer de ti, por tua covardia.

Vieste a mim, vieste por ser o mais odioso
aos Deuses, a mim e a todo ser humano?
Isto não é audácia, também não é ousadia,
olhar de frente os amigos ao maltratá-los,
mas a pior de todas doenças dos homens,
a desfaçatez. Mas tu fizeste bem em vir;
tanto eu aliviarei a alma de te maldizer,
quanto tu terás o desgosto de me ouvir.
Primeiro pelo princípio começo a falar:
salvei-te, como sabem todos os gregos
que embarcaram no mesmo navio Argo,
na missão de montar touros ignívomos
subjugados e semear lavoura mortífera;
a serpente que envolvendo o velo de ouro
em anéis de muitas voltas guardava insone,
matei, retendo acima a tua luz salvadora,
mas eu mesma traidora de pai e casa meus
cheguei assim a Iolco do monte Pélion
contigo, mais animada do que sábia;
matei Pélias, como mais dói ser morto,
pelas próprias filhas, e destruí toda a casa.
Ainda assim tratado por nós, ó pior varão,
traíste-nos e contraíste as novas núpcias,
já com filhos. Se fosses ainda sem filho,
seria perdoável a tua paixão por núpcias.
A fé das juras se foi, e não posso saber
se pensas que os Deuses não regem mais
ou que novas leis de homens agora vigem,
quando tu sabes que para mim és perjuro.
Pheû! Mão destra, que tu muito tocavas,
e nestes joelhos estou tangida em vão
por mau varão, e perdemos esperanças.
Vai! Como se fosses amigo, farei saber
por me parecer que de ti terei que bem?
Se inquirido, porém, parecerás pior.
Agora aonde me volto? À casa do pai
e pátria que traí por ti e vim para cá?
Ou às míseras Pelíades? Muito bem
me aceitariam em casa cujo pai matei.
Pois assim está: inimiga me tornei
dos de casa e os que eu não devia

maltratar fiz inimigos por favor a ti.
Por isso, para muitas mulheres gregas,
fizeste-me venturosa e tenho em ti
admirável e fiel esposo, mísera de mim,
se serei exilada banida desta terra,
sem amigos, a sós com seus filhos;
belo vitupério para o recente noivo,
mendigarem filhos e salvadora tua.
Ó Zeus, por que deste aos homens
claros indícios do ouro que é falso,
mas para reconhecer o varão mau
nenhum traço é natural no corpo?

CORO:

Uma terrível e incurável ira surge,
se amigos com amigos atiçam rixa.

JASÃO:

Parece não posso ser mau orador,
mas tal qual hábil piloto de navio
com as altas bordas da vela fugir
da tua eloquente falação, mulher.
Eu, já que alças demais teu favor,
penso que entre Deuses e mortais
só Cípris salvou a minha viagem.
Tua mente é sutil, mas é abscôndita
fala explicar que Amor te forçou
com inevitáveis setas a me salvar.
Mas não o farei com maior rigor,
pois onde foste útil não está mal.
Por minha salvação obtiveste mais
do que deste, como eu explicarei.
Primeiro, grega em vez de bárbara
terra tu habitas e conheces justiça
e o uso da lei sem o favor da força.
Todos os gregos viram que és hábil
e tiveste fama; se habitasses os últimos
confins da terra, nada se diria de ti.
Não tivesse nenhum ouro em casa,
nem hineasse melhor que Orfeu,
se minha sorte não fosse insigne!
Tanto te falei de minhas fadigas,
pois tu propuseste a luta verbal.

Régias núpcias me vituperaste,
direi que nisso fui primeiro hábil,
depois prudente, e ainda amigo
teu e de meus filhos. Mas calma!
Quando me mudei do solo de Iolco
causando muitos males inevitáveis,
que sorte inventaria melhor que esta:
no exílio, desposar a filha do rei?
Não odiando teu leito, como te dói,
aturdido por desejo de nova noiva,
e não empenhado em luta prolífera,
bastam os nascidos, e não reprovo;
mas o mais: como viveríamos bem,
e livres de privações, sabendo que
todo amigo evita de longe o pobre,
criaria filhos dignos de minha casa
e sendo pai de irmãos de teus filhos
criaria a identidade, uniria a família,
teria bom Nume. Que filho te falta?
Meus futuros filhos têm a vantagem
da utilidade aos vivos. Pensei mal?
Não dirias, se o leito não te doesse.
Mas vós mulheres chegastes a ponto
de acreditar ter tudo, se o leito é reto.
Se aliás ocorre algo relativo ao leito,
as melhores e as mais belas se tornam
as mais hostis. Deviam ter os mortais
filhos de algures, e não ser mulheres,
e assim os homens não teriam mal.

CORO:

Jasão, bem adornaste estas palavras,
contudo, posto contradiga teu juízo,
creio que és injusto se trais a esposa.

MEDEIA:

Muito em muito difiro dos mortais.
Para mim, o hábil orador, se injusto,
está condenado à máxima punição;
crendo na voz bem vestir injustiças,
ousa ser maléfico, não muito hábil.
Tal também tu: não me sejas formoso
e terrível orador! Só a palavra te baterá.

Se não fosses mau, devias persuadir-me
e casar-te, não em silêncio dos amigos.
JASÃO:
Bem útil tu serias nesse assunto, creio,
se te anunciasse núpcias, se nem agora
ousas do coração despedir grande rancor.
MEDEIA:
Isso não te deteve, mas um leito bárbaro
na velhice não te promoveria boa fama.
JASÃO:
Entende bem isto: não por mulher
desposo o leito régio que hoje tenho,
mas, tal como disse antes, por querer
salvar-te e plantar em defesa da casa
príncipes consanguíneos de meus filhos.
MEDEIA:
Não tenha eu triste vida de bom Nume
nem riqueza que me dilacere o espírito!
JASÃO:
Sabe mudar-te e parecerás mais hábil!
Não te pareçam os bens nunca tristes!
E se tens boa sorte, não creias ter má!
MEDEIA:
Faz o ultraje, quando tens um refúgio,
mas eu a sós serei exilada desta terra!
JASÃO:
Tu mesma escolheste, não acuses outro.
MEDEIA:
Que fiz? Será que me casei e te traí?
JASÃO:
Imprecastes contra os reis ilícitas pragas.
MEDEIA:
E dá-se que as impreco contra tua casa.
JASÃO:
Não litigarei contigo mais que isso.
Mas se de meus recursos queres ter
algo útil a ti e aos filhos nesse exílio,
diz. Posso dar com mão sem recusa
e sinalar hóspedes que te tratem bem.
Se não aceitas isso, és tola, mulher.
Se cessares o rancor, lucrarás mais.

MEDEIA:
Não usaríamos os hóspedes teus,
não aceitaríamos, e não nos dês!
Dom de varão vil não tem proveito.
JASÃO:
Mas eu tomo Numes por testemunha
que busco fazer tudo por ti e os filhos;
não te aprazem os bens, mas obstinada
repeles os amigos; pois terás mais dor.
MEDEIA:
Vai! O desejo da nova noiva te toma
se algo te atrasa fora da vista da casa.
Casa-te! Talvez, e com Deus se dirá,
tuas núpcias sejam tais que as chores!

[SEGUNDO ESTÁSIMO (627-662)]

CORO:
Amores excessivos não dão bom nome [EST. 1]
aos varões, nem valor. Se suficiente
Cípris, não outra Deusa tão boa graça!
Ó rainha, não me dispares do áureo arco
a inevitável seta untada de anseio!

Preze-me Prudência, dom supremo dos Deuses! [ANT. 1]
Não iras ambíguas e rixas insaciáveis, terrível
ao turvar ânimo por outras núpcias
Cípris atice! Honrando leitos não belicosos,
discirna perspicaz as núpcias das mulheres!

Ó pátria, ó casa, não [EST. 2]
seja nunca sem urbe,
vida inviável impossível,
a mais triste miséria!
Com morte, com morte,
domine ao fim do dia!
Não há outra dor maior
que a privação da pátria.

Sei, não por alheia [ANT. 2]
palavra posso dizer:
urbe, amigos não têm dó
de tua dor, a mais terrível.

Ingrato morra quem não
honrar amigos nem abrir
pura a chave do espírito!
Nunca será meu amigo.

[TERCEIRO EPISÓDIO (663-823)]

EGEU:
Salve, Medeia! Mais belo proêmio
que este não se sabe dizer a amigos.
MEDEIA:
Salve tu, ó filho do sábio Pandíon
Egeu! Donde vens ao solo desta terra?
EGEU:
Deixei o antigo oráculo de Febo e vim.
MEDEIA:
Que te leva ao umbigo da terra vatídico?
EGEU:
Indagando como teria semente de filhos.
MEDEIA:
Deuses! Aqui estendes a vida sem filho?
EGEU:
Somos sem filho por sorte de um Nume.
MEDEIA:
Sendo casado ou inexperiente do leito?
EGEU:
Não somos sem jugo do leito conjugal.
MEDEIA:
Que Febo te disse a respeito de filhos?
EGEU:
Palavras mais sábias que o saber humano.
MEDEIA:
É-nos lícito conhecer o oráculo do Deus?
EGEU:
Muito, quando ainda pede sábio espírito.
MEDEIA:
Que disse o oráculo? Diz, se ouvir é lícito.
EGEU:
Do saco não soltar eu o proeminente pé...
MEDEIA:
Antes que faças o quê ou vás a que terra?
EGEU:

Antes que eu regresse à lareira paternal.
MEDEIA:
E tu, por que navegaste para esta terra?
EGEU:
Um certo Piteu é o rei da terra trezênia.
MEDEIA:
Reverente filho, como dizem, de Pélops.
EGEU:
Quero lhe comunicar o oráculo do Deus.
MEDEIA:
Sábio varão e experiente de tais palavras.
EGEU:
O mais caro dos meus hóspedes aliados.
MEDEIA:
Tenhas boa sorte! Logres quanto queres!
EGEU:
Por que tens essa vista e tez derretida?
MEDEIA:
Egeu, o meu é o pior marido de todos.
EGEU:
Que dizes? Diz-me claro teu desânimo.
MEDEIA:
Jasão me faz injustiça que não lhe fiz.
EGEU:
O que fez? Diz-me com mais clareza.
MEDEIA:
Impõe-nos uma mulher dona da casa.
EGEU:
Não ousou cometer esse indigno ato?
MEDEIA:
Sabe claro: amigos antes, ora sem honra!
EGEU:
Por um amor, ou por ódio ao teu leito?
MEDEIA:
Grande amor. Ele não foi fiel aos seus.
EGEU:
Que ele se vá, se é mau como dizes!
MEDEIA:
Seu amor é ter aliança dos soberanos.
EGEU:
Quem lhe dá a filha? Conclui a fala!

MEDEIA:
Creonte, o rei desta terra dos coríntios.
EGEU:
Compreende-se tua tristeza, mulher.
MEDEIA:
Estou perdida, e mais, expulsa da terra.
EGEU:
Por quem? Anuncias outro novo mal.
MEDEIA:
Creonte me expulsa fora de Corinto.
EGEU:
Jasão permite? Nem isso eu aprovo.
MEDEIA:
Não na palavra, mas quer tolerar.
Mas eu te suplico por tuas barbas
e por teus joelhos e faço-me súplice:
tem dó, tem dó de meu mau Nume
e não me contemples erma exilada!
Recebe no lugar em casa à lareira!
Assim por Deuses Amor produtor
de filhos te seja e tu próspero findes!
Não sabes que achado aqui achaste.
Cessarei falta de filho e semearás
sementes de filhos, tais drogas sei.
EGEU:
Mulher, por muitas razões me animo
a dar-te a graça, primeiro por Deuses
e depois por filhos cujo ser anuncias,
pois eu estou todo empenhado nisso.
Assim estou. Ao saíres tu desta terra,
tentarei hospedar-te porque sou justo.
Tanto, todavia, te declaro, ó mulher:
desta terra não quererei te conduzir, 726
mas tu mesma desta terra te remove! 729
Se por ti mesma fores à minha casa, 727
terás abrigo e não te entregarei nunca, 728
quero ser inimputável junto aos hóspedes.
MEDEIA:
Assim será! Mas se eu tivesse fiança
disso, eu teria tudo bem de tua parte.
EGEU:

Não confias? Ou que dificuldade tens?
MEDEIA:
Confio. Meu inimigo é a casa de Pélias
e Creonte. Se me sequestrarem da terra,
sob o jugo de juras não me entregarias.
Convindo na fala e sem juras de Deuses,
poderias ser amigo e confiar em gestões
de arautos, pois minha causa é sem força,
mas eles têm riqueza e têm a casa do rei.
EGEU:
Mostraste muita prudência nas palavras,
mas se te parece, não me recuso a jurar.
Para mim, assim tenho maior segurança,
podendo ter justificativa a teus inimigos,
e tua parte é mais certa. Diz os Deuses!
MEDEIA:
Jura pelo solo da Terra e pelo Sol pai de
meu pai, compõe todo o ser dos Deuses!
EGEU:
A fazer o quê ou não fazer o quê? Diz!
MEDEIA:
Não me banires tu nunca de tua terra,
nem vivo me entregares de bom grado,
se um meu inimigo quiser sequestrar.
EGEU:
Juro, pela Terra e pela lúcida luz do Sol
e Deuses todos, manter o que ouço de ti.
MEDEIA:
Basta! Se não manténs a jura, que terias?
EGEU:
O que entre os mortais acontece aos ímpios.
MEDEIA:
Prossegue em paz, pois está tudo bem
e eu chegarei o mais rápido à tua casa,
já feito o que devo e obtido que busco!
CORO:
Leve-te o filho de Maia rei guia
para casa! E possas tu conseguir
isso de que cuidas com empenho
porque a mim tu me pareceste,
ó Egeu, ser um varão generoso!

MEDEIA:

Ó Zeus, Justiça de Zeus e Luz do Sol,
agora vitoriosas sobre os meus inimigos
seremos, ó amigas! Estamos a caminho.
Agora creio ter justiça de inimigos meus.
Quando mais sofríamos, este varão
mostra o porto das minhas decisões:
amarraremos nele os cabos da popa,
indo à cidadela e fortaleza de Palas.
Já te direi todas as minhas decisões,
recebe não para o prazer as palavras!
Enviarei um de meus servos a Jasão,
e pedirei que ele me venha visitar.
Se vier, eu lhe direi brandas palavras
de que assim me parece e está bem:
régias núpcias, que tem por me trair,
são convenientes e são boa decisão.
Pedirei que meus filhos permaneçam,
não para abandonar em terra inimiga
meus filhos aos ultrajes dos inimigos,
mas para matar a filha do rei com dolo.
Enviarei os filhos com dons nas mãos
à noiva para não bani-los desta terra:
um véu sutil e coroa trançada de ouro.
Se ela pegar o adorno e puser na pele,
morrerá mal e todos os que a tocarem,
com tais drogas untarei os seus dons.
Aqui, porém, despedirei esta palavra.
Deplorei como o feito deve ser feito
por mim doravante, matarei os filhos
meus, não há quem os possa resgatar.
Quando destruir toda a casa de Jasão,
sairei da terra, por matar filhos caríssimos
foragida, por ousar o mais ilícito feito.
Intolerável é o riso de inimigos, amigas.
Seja! Que me lucra viver? Sem pátria
nem casa, não tenho abrigo de males.
Cometia um erro lá, ao abandonar
a casa do pai, fiada em fala de varão
grego que por Deus nos dará justiça.
Por mim, não verá jamais os filhos

vivos no futuro, nem de sua nova
noiva terá filhos, porque má deve
morrer mal com as minhas drogas.
Não me considerem reles e fraca
nem quieta, mas de outra maneira,
dura com inimigos, boa com amigos.
Assim sendo, a vida é mais gloriosa.

CORO:

Já que nos fizeste saber essa palavra,
querendo te ser útil e cooperar com
as leis dos mortais, proíbo-te fazê-lo.

MEDEIA:

Não há outro modo, mas tens perdão
por falar isso, não sofreste como eu.

CORO:

Mas ousarás matar tua prole, mulher?

MEDEIA:

Assim seria maior a lesão do marido.

CORO:

Tu te tornarias a mais mísera mulher.

MEDEIA:

Seja! São vãs as falas no meio.
Mas vamos, anda e traz Jasão!
Recorro a ti em todas as fianças.
Nada dirás de minhas decisões,
se me queres bem e és mulher.

[TERCEIRO ESTÁSIMO (824-865)]

CORO:

Os Erectidas desde outrora prósperos [EST. 1]
filhos de Deuses venturosos do sacro
lugar inexpugnável, nutridos da mais
ínclita ciência sempre em doce curso
na mais lúcida luz, onde contam
que santas nove Musas de Piéria
produziram a loira Harmonia.

Nas águas do belo riacho Cefiso [ANT. 1]
celebra-se que a Cípris haurindo
sopra médias auras de suave hálito
de ventos locais, e sempre envoltos

os cabelos em olente coroa de rosas,
envia os Amores sócios da ciência,
auxiliares de todas as virtudes.

A urbe dos rios sacros [EST. 2]
ou o lugar que escolta
amigos como te acolher
a ti, a infanticida
ilícita em seu meio?
Vê o golpe nos filhos!
Vê que matar escolhes!
Por teus joelhos de todo
por tudo te suplicamos:
não mates os filhos!

Donde audácia no espírito [ANT. 2]
ou na mão e no coração
terás contra teus filhos
levada a terrível ousadia?
Como à vista dos filhos
terás sem pranto a parte
de matar? Não poderás,
se os filhos suplicarem,
tingir mão sanguínea
com o ânimo audaz.

[QUARTO EPISÓDIO (866-975)]

JASÃO:
Vim convidado; ainda que inimiga,
nisto não falharias; mas quero ouvir
que novidade queres de mim, mulher.
MEDEIA:
Jasão, peço-te por ter dito palavras
ser perdoada; que toleres minha ira
é natural, por muitos favores mútuos.
Eu cheguei por razões a mim mesma
e repreendi: “mísera, por que enfureço
“e me torno hostil a quem bem delibera?
“Torno-me odiosa aos reis desta terra
“e ao esposo que nos faz o mais útil,
“ao desposar princesa e gerar irmãos
“de meus filhos. Não me livrarei

"da fúria? Que sofro, pérvios Deuses?
"Não tenho filhos? Não sei que somos
banidos da terra e escassos de amigos?"
Assim refletindo, percebi ser grande
a minha irreflexão e vã a minha fúria.
Agora aprovo, creio que és prudente
por mais esta nossa aliança; eu, não,
quando devia participar destes planos
e completar e auxiliar junto ao leito
e ter prazer em aliar-me à tua noiva.
Mas somos quais somos, não digo mal,
mulheres; não devia te ver qual males,
nem contrapor tolices a outras tolices.
Retrato-me e digo que pensava mal
então, mas agora mais bem o decidi.
Ó filhos, filhos, vinde, deixai a casa,
vinde fora, abraçai e interpelai o pai
conosco e daquela antes inimizade
mudai-vos com a mãe em amigos!
Temos tréguas e o rancor revogado.
Tomai a mão destra! Ai, que males!
Como percebi algo dos escondidos!
Ó filhos, assim vivos muito tempo
estendereis mão amiga? Mísera de mim,
que chorosa e cheia de pavor estou!
A tempo, suprimi a rixa com o pai,
e enchi de lágrimas esta terna visão.

CORO:

Em meus olhos, verde veio o pranto;
e não siga mais que o presente mal.

JASÃO:

Assim aprovo, mulher, aliás não reprovo;
é natural o gênero feminino comover-se,
quando outras núpcias advêm ao marido.
Mas o teu coração mudou para o melhor,
e reconheceste afinal a tempo a decisão
prevalecente; assim age mulher prudente.
Para vós, filhos, o pai não sem prudência
com os Deuses criou a grande salvação;
creio que sereis, nesta terra de Corinto,
vós, os primeiros, com os irmãos ainda.

Crescei vós, tudo o mais perfazem o pai
e quem dentre os Deuses nos quer bem!
Possa eu vos ver chegar fortes ao fecho
da juventa, superiores a meus inimigos!
Por que tens verde pranto nas pupilas
ao voltares para trás a esmaecida face,
e não aceitas contente esta minha fala?

MEDEIA:

Não é nada; pensamentos destes filhos.

JASÃO:

Tem confiança, por eles eu farei bem.

MEDEIA:

Assim farei; não descreio de tua fala.
Mulher é feminina também no pranto.

JASÃO:

Por que tanto choras por estes filhos?

MEDEIA:

Gerei-os; quando pedias que vivam,
penetrou-me o receio se assim será.
Das causas por que vens falar comigo,
umas estão ditas, outras mencionarei.
Quando o rei da terra decide banir-me
(para mim é o melhor, bem reconheço,
não residir no caminho teu nem do rei
do país, pois pareço inimiga da casa),
nós partiremos desta terra para o exílio,
mas para que tua mão eduque os filhos,
pede a Creonte não os exile desta terra.

JASÃO:

Não sei se persuadiria, mas devo tentar.

MEDEIA:

Tu, mas impele tua mulher a suplicar
que o pai não exile os filhos da terra.

JASÃO:

Sim, e imagino eu que a persuadirei,
se ela é uma dentre outras mulheres.

MEDEIA:

Eu participarei deste esforço contigo.
Enviarei para ela os mais belos dons
dos homens de hoje, estou bem ciente,
um véu sutil e coroa trançada de ouro,

sendo os filhos portadores. O mais rápido
um servo deve trazer aqui o adorno.
Bom Nume será não um, mas miríade,
por ter em ti o melhor marido no leito,
e por obter este adorno, que um dia Sol,
pai de meu pai, dá a seus descendentes.
Filhos, tomai estes dotes nas mãos,
levai e dai à princesa, venturosa noiva!
Ela não receberá repreensíveis dons.

JASÃO:

Ó tola, por que tu abres mão disto?
Crês a casa do rei escassa de véus?
Crês falta de ouro? Poupa! Não dês!
Se a mulher nos tem consideração,
há de pôr antes dos bens, vejo claro.

MEDEIA:

Não, até aos Deuses dons persuadem.
Ouro vale mais a mortais que mil falas.
Dela é o Nume, a ela Deus agora exalta,
a nova rainha; e o exílio de meus filhos
trocaríamos pela vida, não só por ouro.
Ó filhos, mas entrai na casa rica, súplices
à nova mulher do pai, e minha senhora,
e reivindicai revogação de vosso exílio,
dando o adorno! Isto é o mais necessário,
receber ela mesma em mãos estes dons.
Ide vós rápidos, e indo bem, para a mãe,
sede vós bons núncios do que busca ter!

[QUARTO ESTÁSIMO (976-1001)]

CORO:

Agora não espero mais vivos os filhos, [EST. 1]
não mais; já marcham para o massacre.
A noiva receberá o áureo diadema,
mísera receberá erronia
e no loiro cabelo porá com as mãos
o adorno de Hades.

Graça imortal e brilho a persuadirão [ANT. 1]
a cingir o véu e a coroa feita de ouro;
já será noiva junto aos ínferos.

Mísera cairá em tal cerco
e sorte de morte; não poderá
ela evitar a erronia.

Tu, ó misero, pobre noivo genro do rei, [EST. 2]
não sabes que para os filhos
levas a ruína da vida
e para tua esposa morte hedionda.
Ó mísero, que extravio da sorte!

Lastimo contigo tua dor, ó mísera mãe [ANT. 2]
dos filhos, que matarás
por causa do leito conjugal
que teu esposo sem lei deixou
e contraiu outras núpcias.

[QUINTO EPISÓDIO (1002-1080)]

PRECEPTOR:
Senhora, eis os teus filhos livres de exílio,
a princesa noiva recebeu em mãos os dons
contente; e há paz dos de lá com teus filhos.
Éa!
Por que turvaste quando tens boa sorte?
Por que voltaste para trás o teu rosto
e não recebes contente esta minha fala?
MEDEIA:
Aiaî!
PRECEPTOR:
Isso aí não condiz com o que anunciei.
MEDEIA:
Aiaî outra vez mais!
PRECEPTOR:
Núncio de que sorte
não sei, mas perdi a fama de bom núncio?
MEDEIA:
Anunciaste teu anúncio, não te repreendo.
PRECEPTOR:
Por que estás cabisbaixa e vertes pranto?
MEDEIA:
Grande coerção, velho! Assim Deuses
e eu, sendo imprudente, tracei o plano.
PRECEPTOR:

Ânimo! Voltarás ainda por teus filhos.
MEDEIA:
Voltarei outrem antes, mísera de mim!
PRECEPTOR:
Não só tu foste separada de teus filhos,
a situação mortais devem suportar bem.
MEDEIA:
Assim farei. Entra em casa e provê
aos filhos o necessário de cada dia!
Ó filhos, filhos, ambos tendes urbe
e casa, em que já sem mim, mísera,
residireis sempre espoliados da mãe.
Eu partirei exilada para outra terra,
antes de vos fruir e ver bons Numes,
antes de enfeitar os banhos, a noiva
e o leito nupcial e oferecer as luzes.
Ó infeliz desta minha obstinação!
Ora, ó filhos, eu em vão vos criei,
eu em vão me fatiguei e me afligi
e suportei as duras dores do parto.
Mísera, sim, tive muitas esperanças
de ter em vós o sustento na velhice
e ao morrer ter os funerais perfeitos,
invejáveis aos mortais; agora se foi
o doce cuidado. Esbulhada de ambos,
triste e dolorosa levarei minha vida;
e vós não mais vereis com os olhos
a mãe, dados a outra forma de vida.
Pheû pheû! Por que me fitais, ó filhos?
Por que ainda me rides o último riso?
Aiaî! Que fazer? O coração se foi,
ante o olhar puro dos filhos, mulheres!
Eu não poderia; despeço as anteriores
decisões; levarei meus filhos da terra.
Por que afligir o pai deles com males
e ter eu mesma duas vezes tais males?
Não assim eu! Decisões se despeçam!
Que me deu? Quero me expor ao riso
por deixar impunes os meus inimigos?
Assim se ouse! Mas que vileza minha,
pôr no espírito ainda brandas palavras!

Entrai, filhos, em casa! A quem lícito
não for estar presente a meus sacrifícios
caberá cuidar-se! Não perderei a mão.
Â! Â!
Não, ó ânimo, tu não farás assim!
Deixa-os, ó mísera! Poupa os filhos!
Vivos conosco lá eles te alegrarão.
Por ilatentes ínferos junto de Hades,
nunca será de modo que a inimigos
eu permita ultrajar os meus filhos!
De todo urge que morram; por isso,
nós, que geramos, devemos matar.
Assim de todo se fez e não há fuga.
A coroa está na cabeça, e nos véus
a princesa noiva morre, eu bem sei.
Mas irei sim pela via a mais audaz
e os enviarei por mais audaz ainda.
Com os filhos quero falar: ó filhos,
dai de afagar a mãe a mão direita.
Ó mão caríssima e caríssima boca
e vulto e rosto formoso dos filhos!
Tende bons Numes, mas lá! Aqui
o pai suprimiu. Ó suave abraço, ó
pele branda e sopro doce dos filhos!
Ide! Ide! Não posso mais vos olhar,
mas ante vós sou vencida de males.
Compreendo que males vou fazer,
mas o furor supera minhas decisões,
ele causa os maiores males aos mortais.

[INTERLÚDIO ANAPÉSTICO (1081-1115)]

CORO:
Muitas vezes já percorri sutis
palavras e estive em contendas
maiores do que convém ao gênero
feminino explorar.
Mas nós também temos Musa,
que por sabedoria frequenta
não a todas, mas raro gênero
de mulheres não sem Musa,
talvez uma se visse em muitas.

Digo ainda que os mortais
sem a experiência de filhos
em boa sorte superam
os genitores.
Os sem filhos, sem experiência
se filhos a mortais são doces
ou tristes, por não ter a sorte,
abstêm-se de muitos males.
Vejo quem tem em casa
a doce florada de filhos
usar todo o tempo no afã
primeiro de criá-los bem
e legar-lhes meios de vida
e além disso ainda é
incerto se têm fadigas
por inúteis ou por bons.
O pior de todos os males
a todos os mortais direi:
com muitos meios de vida
e filhos vindos à juventa
e sendo bons, assim fosse
Nume que Morte antecipe
os filhos à casa de Hades.
Além de outras por que
ainda esta tristíssima dor
por causa de filhos
dão os Deuses aos mortais?

[SEXTO EPISÓDIO (1116-1250)]

MEDEIA:
Amigas, há muito à espera da sorte
espreito os de lá como caminharão.
Eis que avisto este servo de Jasão
em marcha para cá; o fôlego arfante
mostra que anunciará um novo mal.
MENSAGEIRO:
Ó terrível transgressora da norma
Medeia, foge! Foge! Não dispenses
carro naval nem condução terrestre!
MEDEIA:
Que motivo tenho para fugir assim?

MENSAGEIRO:
Mortos, há pouco, por tuas drogas,
a jovem princesa e seu pai Creonte.
MEDEIA:
Disseste belíssima fala, estarás entre
meus benfeitores e amigos doravante!
MENSAGEIRO:
Que dizes? Estás sã, ou louca, mulher?
Quando tu ultrajaste a lareira dos reis,
compraz-te ouvir e tal não te apavora?
MEDEIA:
Posso também eu contradizer as tuas
palavras. Mas não te exaltes, amigo!
Diz! Mortos como? Duas vezes tanto
prazer teríamos, se mortos de todo mal.
MENSAGEIRO:
Quando os teus dois filhos vieram
com o pai e foram ao quarto da noiva,
alegramo-nos, servos que sofríamos
com teus males; logo se ouviu que
tu e marido libastes a rixa de antes.
Um beija a mão, outro a loira cabeça
dos filhos; eu mesmo por prazer fui
com os filhos ao quarto das mulheres.
A dona, que ora temos em vez de ti,
antes que avistasse o teu par de filhos,
mantinha os olhos ansiosos em Jasão;
em seguida, todavia, cobriu os olhos
e voltou para trás o rosto esmaecido
de horror à ida dos filhos. Teu marido
afastou a cólera e o rancor da princesa,
falando isto: “Não sejas hostil a amigos!
“Cessa o furor! Volta de novo o rosto!
“Considera amigos os de teu marido!
“Recebe os dons e junto a teu pai pede
“por mim revogar o exílio destes filhos!”
Ela, ao ver o adorno, não se absteve
e anui em tudo ao varão, e antes que
o pai e teus filhos saíssem do quarto,
apanhou o cintilante véu e cingiu-se
e compõe a áurea coroa nas madeixas

e ajeita a cabeleira no espelho nítido
sorrindo perante sua inânime imagem.
Depois se ergue do banco e percorre
o quarto com suave passo de alvo pé,
jubilosa dos dons, muitas vezes muito
revistando com os olhos o tendão reto.
Depois, porém, houve terrível espetáculo:
ela muda de cor, pende e volta para trás
com membros trêmulos e cai no banco
a custo de modo a não cair no chão.
Uma velha serva, porque lhe parecia
vir a ira de Pã ou de algum dos Deuses,
alarideou, antes de ver correr na boca
a alva espuma e as pupilas dos olhos
girarem e na pele não se ter o sangue.
Em vez de alarido, lançou ela grande
lamento. Uma já foi ao quarto do pai
e outra já foi ao recém-casado marido
para dizer a situação da noiva e toda
a casa ressoava as contínuas correrias.
Já ao dobrar a corrida de seis pletros
o veloz corredor alcançaria os lindes,
mas ela, de silentes e fechados olhos,
mísera despertou com terrível gemido.
Duplo mal contra ela movia o ataque:
a áurea coroa ao redor de sua cabeça
criava mirífico fluxo de onívoro fogo
e o véu sutil, dom de teus filhos, roía
a esmaecida carne da de mau Nume.
Ergue-se do banco e foge em chamas
vibrando crina e crânio várias vezes
para arrojar a coroa, mas encaixado
o ouro estava preso e o fogo fulgia
duas vezes mais ao vibrar o cabelo.
Cai no solo, vencida pela situação,
irreconhecível à vista senão do pai.
Não se via a constituição dos olhos,
nem o rosto formoso; e sangue do alto
da cabeça pingava, confuso com fogo;
as carnes, qual resina de pinho, caíam
dos ossos, por ocultos dentes da droga,

terrível espetáculo. Em todos o Pavor
de tocar a morta; a sorte era o mestre.
O mísero pai, ignorante da situação,
súbito entra no quarto e roça a morta.
Já pranteia, e envolvendo nos braços,
beija, dizendo assim: "Ó mísera filha,
"que Nume tão imérito te destruiu?
"Que do velho faz tumba erma de ti?
"*Oímoi!* Que eu morra contigo, filha!"
Quando cessou o pranto e os gemidos,
ao tentar reerguer o seu velho corpo,
aderia, qual hera a ramo de loureiro,
ao véu sutil, e terrível era a peleja,
porque ele queria reerguer o joelho,
mas ela retinha, e se fizesse força,
rasgava as velhas carnes dos ossos.
Em tempo se desfez e em morte má
expirou, não suportando mais o mal.
Jazem mortos a filha e o velho pai,
próximos, situação digna de pranto.
Esteja-me teu caso fora de questão!
Saberás tu mesma fugir do castigo.
Mortais não de hoje reputo sombra;
e sem tremor diria que os mortais
tidos por sábios e hábeis ao falar
estão condenados à maior tolice.
Varão mortal não tem bom Nume.
Ao ser próspero, um teria melhor
sorte que outro, mas não bom Nume.

CORO:

Parece que o Nume hoje vincula
com justiça muitos males a Jasão.
Ó mísera filha de Creonte, lastimo
tua situação! Foste à casa de Hades
por causa das núpcias de Jasão.

MEDEIA:

Amigas, decidi agir o mais rápido,
matar os filhos e partir desta terra,
e não, por protelação, dar os filhos
ao massacre de outra mão inimiga.
De todo devem morrer; e porque

devem, nós, genitores, mataremos.
Arma-te, coração! Por que tardamos
fazer os terríveis e necessários males?
Ó minha mísera mão, pega a faca!
Pega! Vai à meta dolorosa da vida!
Não fraquejes! Não lembres filhos
caríssimos que geraste! Esquece
neste mesmo breve dia teus filhos
e depois chora! Ainda que os mates,
são caros, e eu, mulher de má sorte.

[QUINTO ESTÁSIMO (1251-1292)]

CORO:
Ió! Terra e brilhantíssimo [EST. 1]
Raio de Sol, vede! Vede
a funesta mulher antes de atingir
os filhos com mão mortal filicida!
Floriu de tua áurea semente
e pavor é sangue de Deus
cair no chão por mortais.
Ó Luz nascida de Zeus, coíbe!
Cessa! Retira de casa a mísera
Erínis mortal sob os ilatentes!

Vai, vã fadiga de filhos! [ANT. 1]
Ora, vã prole tua geraste, ó
vinda do mais inóspito acesso
das negras pedras Simplégades!
Ó mísera, por que te atinge
grave furor e morte se troca
por morte violenta?
Ásperas a mortais as consanguíneas
poluências na terra dores uníssonas
dos Deuses atingindo casas filicidas.

FILHO (dentro):
Ió moi! 1270a
[EST. 2]
CORO:
Ouves a voz? Ouves os filhos? 1273
Ió, mísera! Ó mulher de má sorte! 1274
FILHO 1:

Oímoi! Que fazer? Como fugir da mão da mãe?
FILHO 2:
Não sei, ó meu irmão! Morremos.
CORO:
Entrar em casa? Devo
impedir a morte dos filhos.
FILHO 1:
Sim, por Deuses, impeçais! É urgente.
FILHO 2:
Já estamos perto das malhas da faca.
CORO:
Ora, ó mísera, eras pedra ou ferro,
ó tu, que com a Parte homicida
matarás a messe
de filhos que geraste!

Ouvi, uma, uma mulher antiga ANT. 2
atingiu com a mão seus filhos,
Ino, louca dos Deuses, quando a esposa
de Zeus a enviou de casa às errâncias;
por morte ímpia dos filhos
a mísera cai no mar
ao pôr o pé além da praia marinha
e finda morta com ambos os filhos.
Por que ainda não seria terrível?
Ó fatigante leito de mulheres,
quantos males
já fizeste aos mortais!

[ÊXODO (1293-1419)]

JASÃO:
Mulheres, que estais diante de casa,
Medeia, a de terríveis ações, está
nesta casa ou mudou-se para o exílio?
Ela deve ter-se ocultado sob a terra,
ou alada ter voado ao fundo do céu,
senão, pagará justiça à casa do rei.
Confia que ao matar os reis da terra
ela mesma fugirá impune desta casa?
Mas não cuido dela como dos filhos,
os que ela maltratou a maltratarão,

mas vim salvar a vida de meus filhos.
Que os parentes não me façam nada
em punição à ilícita matança da mãe!
CORO:
Mísero, não sabes em que mal estás,
Jasão, pois não dirias essas palavras.
JASÃO:
Que é? Ela quer também me matar?
CORO:
Teus filhos mortos por mão da mãe.
JASÃO:
Oímoi! Quê? Destruíste-me, mulher!
CORO:
Não penses mais que os filhos vivem!
JASÃO:
Onde os matou? Em casa, ou fora?
CORO:
Abre a porta e verás os filhos mortos!
JASÃO:
Tirai traves o mais rápido, ó servos!
Soltai trancas para eu ver duplo mal,
os mortos, mas dela cobrarei justiça.
MEDEIA:
Por que moves e removes essa porta
buscando mortos e a mim, que os fiz?
Cessa tua fadiga! Se precisas de mim,
diz o que queres! Não me porás a mão!
O Sol, o pai do pai, nos dá esta viatura
para proteção contra o braço inimigo.
JASÃO:
Ó horrenda! Ó mulher a mais odiosa
aos Deuses, a mim e a todo ser humano,
ousaste mãe atacar com faca teus filhos
e destruíste-me a mim, falto dos filhos!
Ao agires assim, tu contemplas o Sol
e a Terra, ao ousares o mais ímpio ato?
Morras! Eu agora penso, antes, não,
ao te trazer da casa e da terra bárbara
para a casa grega, grande infortúnio,
traidora do pai e da casa que te criou.
Os Deuses me enviaram teu ilatente:

mataste o teu irmão junto à lareira
e embarcaste em Argo de bela proa.
Assim começaste. Por este marido
desposada, e mãe dos meus filhos,
por causa de núpcias os destruíste.
Não há mulher grega que ousasse
fazer isso. Em vez delas, preferi
desposar-te, aliada e inimiga letal,
leoa, não mulher, com a natureza
mais selvagem que a tirrena Cila.
Mas nem com dez mil vitupérios
eu te feriria, tal foi tua ousadia!
Vai, ó vil sanguinária dos filhos!
Cabe-me lastimar o meu Nume,
não gozarei as recentes núpcias,
não interpelarei vivos os filhos
que gerei e criei, mas perdi.

MEDEIA:

Eu poderia ao teu contrapor longo
discurso, se Zeus pai não soubesse
o que sofreste de mim e o que fiz.
Desprezando meu leito, não irias
ter vida de prazer para rir de mim,
nem iria a princesa nem teu sogro
Creonte impunes banir-me da terra.
Por isso, se queres, diz ainda leoa
e Cila, que habitou o solo tirreno,
pois feri, como devia, teu coração!

JASÃO:

Males comuns a ti mesma te doem.

MEDEIA:

Bem sabe: rende a dor se não ris.

JASÃO:

Ó filhos, que maligna mãe tivestes!

MEDEIA:

Ó filhos, morrestes por mal do pai!

JASÃO:

Não os destruiu esta minha destra.

MEDEIA:

Mas o teu ultraje e novas núpcias.

JASÃO:

Pelas núpcias decidiste matá-los?
MEDEIA:
Crês pequena a dor para a mulher?
JASÃO:
Se for sábia. A ti, todos os males.
MEDEIA:
Eles não vivem mais, isso te doerá.
JASÃO:
Vivem — *oímoi!* — poluidores teus!
MEDEIA:
Sabem Deuses quem começou o mal.
JASÃO:
Sabem, sim, o teu execrável espírito.
MEDEIA:
Odeia! Detesto tua palavra acerba.
JASÃO:
E eu, a tua! Fica fácil a separação.
MEDEIA:
Como? Que fazer? Também quero.
JASÃO:
Deixa-me sepultar e chorar mortos.
MEDEIA:
Não; eu os sepultarei com esta mão
no templo da Deusa Hera altaneira
para que nenhum inimigo os ultraje
virando tumba. Nesta terra de Sísifo,
instituirei solene festa e cerimônia
doravante por esta ímpia matança.
Eu mesma irei à terra de Erecteu
viver com Egeu, filho de Pandíon.
Tu vil morrerás vil, como convém,
ferido no crânio por resto de Argo,
visto o triste fim de minhas núpcias.
JASÃO:
Outra Erínis dos filhos te destrua!
E cruenta Justiça!
MEDEIA:
Que Deus ou Nume te ouvirá,
perjuro e enganador de hóspede?
JASÃO:
Pheû pheû! Hedionda e filicida!

MEDEIA:
Vai para casa e sepulta a esposa!
JASÃO:
Vou sem a parte dos dois filhos.
MEDEIA:
Não chores ainda! Espera Velhice!
JASÃO:
Ó filhos caros!
MEDEIA:
À mãe, não a ti!
JASÃO:
E tu os mataste!
MEDEIA:
Para te punir!
JASÃO:
Ómoi! Mísero, quero oscular
o rosto amável de meus filhos.
MEDEIA:
Agora os invocas, agora os saúdas,
antes repelias.
JASÃO:
Por Deuses, dá-me
que toque o frágil corpo dos filhos!
MEDEIA:
Não podes. Proferes palavras vãs.
JASÃO:
Ó Zeus, ouves isto, repelidos,
o que sofremos desta hedionda
leoa massacradora das crianças?
Mas quanto é possível e posso
pranteio-as e apelo aos Deuses
pedindo aos Numes testemunho
que me mataste filhos e impedes
de roçar a mão e sepultar mortos.
Nunca eu os houvesse gerado
para vê-los destruídos por ti!
CORO:
Muitos os dons de Zeus Olímpio,
muitos atos inesperados de Deuses
e as expectativas não se cumprem
e dos inesperados Deus vê a saída.

Assim aconteceu este fato.

OS HERACLIDAS

As personagens do drama:
Iolau
Copreu / Arauto
Coro
Demofonte
A virgem Macária
Servo
Alcmena
Mensageiro
Euristeu

ARGUMENTO DE *OS HERACLIDAS*

Iolau era filho de Íficles e sobrinho de Héracles. Na juventude fez campanha com ele e na velhice foi benevolente defensor dos filhos dele, pois, ao serem banidos de toda a terra por Euristeu, foi a Atenas com eles e lá, refugiado junto aos Deuses, obteve a segurança de Demofonte, soberano da urbe. Quando Copreu, arauto de Euristeu, quis retirar os suplicantes, Iolau o impediu e Copreu se foi após ameaçar que esperassem guerra. Demofonte pouco se preocupou com isso, mas como houve oráculo promissor de vitória se imolasse a mais nobre virgem a Deméter, ficou consternado com o vaticínio. Não considerava justo matar nem a própria filha, nem a de seus concidadãos, por causa de suplicantes. Ao saber desse oráculo, Macária, uma das filhas de Héracles, enfrentou de bom grado a morte. Honraram-na por sua nobre morte e ao observar os inimigos presentes travaram a batalha. Drama representado cerca de 430 a.C.

[PRÓLOGO (1-72)]

IOLAU:

Há muito tempo tenho a opinião:
um já nasce justo com os vizinhos,
outro, de ânimo entregue ao lucro,
é inútil à urbe e de difícil convívio,
mas bom para si. Sei, não de ouvir.
Em respeito e honra ao parentesco,
quando podia estar quieto em Argos,
fui a muitas lutas a sós com Héracles,
quando conosco; agora está no céu
e mantenho seus filhos sob as asas
e salvo, falto de salvação eu mesmo.
Quando o pai deles se foi da terra,
Euristeu primeiro quis nos matar,
mas fugimos e se a urbe se perdeu,
a vida se salvou. Fugimos errantes,
expulsos de uma urbe para outra.
Além dos outros males, Euristeu
quer nos impor ainda este ultraje:
envia arautos aonde nos soubesse
sediados, exige e exclui da terra,
alega Argos urbe não pouco amiga
e o rancor, com a mesma boa sorte.
Eles, quando me veem sem forças
e estes pequenos e órfãos do pai,
honram o poder e excluem da terra.

Eu, com exilados filhos, sou exilado,
e com eles, se estão mal, estou mal,
por temer trair. Mortal nenhum diga:
"Vede! Quando os filhos não têm pai,
"Iolau não defendeu, sendo parente."
Repelidos de toda região da Grécia,
vindos a Maratona e à terra limítrofe,
ante altares de Deuses sentamos súplices
por socorro; nesta planície da terra,
dizem, residem dois filhos de Teseu,
por herança da família de Pandíon,
parentes seus, pelos quais chegamos
nesta via aos limites de ínclita Atenas.
Dois velhos são comandantes da fuga:
eu, tomando conta destas crianças,
e ela, Alcmena, dentro deste templo,
com o ser feminino filial nos braços
salva; vexa-nos que virgens novas
fiquem junto à turba e ante altares.
Hilo e os seus irmãos mais velhos
buscam que torre nos dará moradia,
se nos expulsam à força desta terra.
Ó filhos, filhos, vinde! Agarrai meu
manto! Vejo o arauto de Euristeu
vir para nós, o que nos persegue
de toda terra, erradios, espoliados.
Ó odioso, morresses tu e teu rei,
porque muitos males anunciaste
de tua boca ao nobre pai destes!

ARAUTO:

Crês que tens sede nesta bela sede
e em urbe aliada, por imprudência.
Não há quem confrontado escolha
tua inútil força em vez de Euristeu.
Anda! Que sofres aí? Deves voltar
a Argos onde pétrea te espera justiça.

IOLAU:

Não, porque me bastará o altar
de Deus e a terra livre onde estamos.

ARAUTO:

Queres dar trabalho ao meu braço?

IOLAU:
Não me levarás à força, nem a estes.
ARAUTO:
Tu saberás, bom vate aqui não foste.
IOLAU:
Isso não aconteceria comigo vivo.
ARAUTO:
Parte! Ainda que tu não queiras, eu
os levarei, por os supor de Euristeu.
IOLAU:
Ó residentes há longo tempo em Atenas,
socorrei! Suplicantes de Zeus forense,
somos forçados e coroas conspurcadas,
vitupério à urbe e desonra aos Deuses!

[PÁRODO (73-110)]

CORO:
Éa! Éa! Que clamor perto do altar
ergueu-se? Que situação indicará?
Vede o velho fraco vertido no solo! [EST.]
Ó miserável,
por que na terra cais infausta queda?
IOLAU:
Hóspedes, ele desonra teus Deuses,
tira-me à força dos altares de Zeus.
CORO:
Tu, ó velho, de que terra vieste
ao povo comum de quatro urbes?
Ou aportais com remo marinho
vindo da bordas de Eubeia?
IOLAU:
Hóspedes, não tenho vida ilhada,
mas venho de Micenas à tua terra.
CORO:
Velho, o povo de Micenas
que nome te denominou?
IOLAU:
Vede o assistente de Héracles
Iolau! Este não é sem renome.
CORO:

Sei de ouvir. Mas de quem
trazes em teu braço jovens
tão novos? Explica!
IOLAU:
Hóspedes, são filhos de Héracles,
suplicantes teus e da urbe vieram.
CORO:
Por quê? Diz-me! [ANT.]
Buscando falar perante a urbe?
IOLAU:
Não ser entregues nem ir a Argos
por força retirados de teus Deuses.
ARAUTO:
Mas isso não bastará a teus donos,
que com o poder aqui te descobrem.
CORO:
Hóspede, os súplices dos Deuses
é bom respeitar e sedes de Numes
não lhes deixar por braço violento,
pois não o sofrerá soberana Justiça.
ARAUTO:
Expede da terra os de Euristeu
e não usaremos o braço violento!
CORO:
É sem Deus repelir a súplica
dirigida por hóspedes à urbe.
ARAUTO:
É belo ter o pé fora dos fatos
por sorte de prudência maior.

[PRIMEIRO EPISÓDIO (111-352)]

CORO:
Não devias ousar dizer ao rei da terra,
mas em honra à terra livre não retirar
nunca à força os hóspedes de Deuses?
ARAUTO:
Quem é o senhor desta urbe e região?
CORO:
Demofonte, filho do nobre pai Teseu.
ARAUTO:

Ora, o debate desta questão seja
com ele, o mais se disse em vão!
CORO:
Depressa vem ele mesmo e o seu
irmão Ácamas, ouvindo a palavra.
DEMOFONTE:
Já que velho te antecipaste aos jovens
no socorro junto a esta lareira de Zeus,
diz! Que sorte reúne esta aglomeração?
CORO:
Os súplices são os filhos de Héracles,
coroado o altar, como vês, ó senhor,
e Iolau, o fiel assistente do pai deles.
DEMOFONTE:
Por que esta situação pede lamúrias?
CORO:
Ao tentar levar à força desta lareira,
ele provocou gritos e lançou de joelho
o velho de modo a eu prantear de dó.
DEMOFONTE:
Ele tem as vestes e a forma do manto
gregas mas a obra é de braço bárbaro.
Tua é a palavra e diz-me sem tardar
de que terra deixaste os fins e vieste.
ARAUTO:
Sou argivo; já que queres saber isso,
quero dizer por que e de quem venho.
O rei Euristeu de Micenas me enviou
para levá-los e vim com muita justiça
nos atos e nas palavras, ó estrangeiro.
Por ser eu argivo conduzo os argivos,
estes fugitivos de minha terra mesma,
pelas leis lá vigentes são condenados
à morte. É justo que vivendo em urbe
façamos conosco a soberana justiça.
Ao irmos a lareiras de muitos outros,
estamos por estas mesmas palavras
e não se ousou criar males próprios.
Mas ou percebendo em ti estultícia
vieram para cá, ou correndo o risco
do inelutável, quer fosses, quer não,

tão ininteligente e lesado de espírito.
Não esperam que, se fores sensato,
somente tu de toda a Grécia visitada
te apiedes da situação dos néscios.
Olha! Compara! Se os dás à terra,
ou se nos deixas levar, que lucras?
Podes receber de nós reforços tais
de acrescentar a esta urbe todo braço
de Argos e toda a força de Euristeu.
Se ouvires as palavras e os gemidos
deles enternecido, a ação se tornará
combate de lança. Não creias que
cederemos sem luta igual a Cálibes!
Que dirás? Afastado de que campos,
esbulhado de quê, combater Argos?
Em defesa de que aliados? Por quem
sepultarás os mortos? Mau conceito
terás dos cidadãos, se por um velho,
tumba, quase nada, por assim dizer,
e esses jovens, pões o pé na sentina.
Bem dirás que só terás esperança
e isso é muito inferior ao presente.
Esses aí, contra os argivos armados,
combateriam mal, se fossem adultos,
se isso te incita. É vasto o intervalo
em que seríeis desfeitos. Ouve-me!
Não dês! Deixes-me levar os meus
e tem Micenas! Não sofras isto que
amas fazer: quando podes escolher
melhores amigos, preferir os piores!

CORO:

Quem faria justiça ou saberia dizer,
antes de saber claro a fala de ambos?

IOLAU:

Ó rei, este princípio vige em tua terra,
é-me possível falar e ouvir por turno,
não se expulsa antes, tal qual alhures.
Nós e ele não temos nada em comum.
Já que não mais temos ser em Argos,
por voto, mas nos baniram da pátria,
como com justiça como sendo micênios

ele nos levaria, a nós, expulsos da terra?
Somos forasteiros. Ou julgais banir
de toda a Grécia o banido de Argos?
Não de Atenas. Não por pavor de argivos
expulsarão desta terra os filhos de Héracles.
Aqui não é Tráquis, nem fortaleza aqueia,
donde, sem justiça, mas exaltando Argos,
como ainda agora dizes, nos expulsaste,
suplicantes sentados juntos aos altares.
Se assim for e se preferirem tuas falas,
não mais conheço aqui a livre Atenas.
Mas conheço sua coragem e natureza;
preferirão a morte, pois entre os nobres,
considera-se antes o respeito que a vida.
Quanto à urbe, basta, pois é negativo
louvar demasiado; sei que muitas vezes
fui molestado por excesso de louvor.
A ti quero te explicar que é necessário
salvá-los, visto que presides esta terra.
Piteu é filho de Pélops e de Piteu é filha
Etra e de Etra é filho o teu pai Teseu.
Por outra remonto a eles tua família:
Héracles era filho de Zeus e Alcmena,
e esta, neta de Pélops; teu pai e o deles
podem-se dizer filhos de primos-irmãos.
Tens com eles esse vínculo, Demofonte.
Além do vínculo, já te digo o que deves
pagar a estes jovens. Digo que um dia
eu escudeiro do pai deles naveguei com
Teseu em demanda do mortífero cinto.
Quando Teseu, para agradar a Pirítoo, [Kovacs]
foi ao fundo de Tártaro raptar a moça, [Kovacs]
preso na cadeia, Héracles o libertou [Kovacs]
e da morada sombria de Hades trouxe
teu pai. Toda a Grécia o testemunha.
Estes pedem em retribuição a graça
de não serem traídos nem retirados
de teus Deuses à força, fora da terra.
Teu é o vexame, e por igual da urbe,
parentes, súplices e errantes, serem
tirados à força — *oímoi!* Olha! Olha-os!

Mas suplico-te, cingindo com os braços,
por teu queixo, não desdenhes nunca
receber nos braços os filhos de Héracles!
Sê-lhes consanguíneo! Sê-lhes amigo,
pai, irmão, senhor, porque tudo o mais
é melhor do que sucumbir aos argivos!
CORO:
Ouvi e tive dó da situação deles, ó rei!
Agora vi sobretudo a nobreza da sorte
ser vencida, pois estes filhos de nobre
pai estão em não merecida sorte ruim.
DEMOFONTE:
Três caminhos da reflexão me coagem,
ó Iolau, a não rejeitar as tuas palavras.
O maior é Zeus em cujo altar tu estás
sentado com a assembleia dos filhos,
o nosso vínculo e nossa antiga dívida
de tratá-los bem pela graça paterna
e o vexame de que mais devo cuidar:
se eu permitir este altar ser saqueado
por forasteiro, não se crerá que tenho
terra livre, mas que por temer argivos
traio suplicantes, isso é quase a forca.
Mas pudesses vir com melhor sorte!
Entretanto, não temas agora que te
tirem à força deste altar com os filhos!
Vai tu a Argos e diz isso a Euristeu!
Além disso, se acusa estes forasteiros,
obterá justiça, mas tu não os levarás.
ARAUTO:
Nem se for justo e vencer pela palavra?
DEMOFONTE:
Como justo levar à força o suplicante?
ARAUTO:
Não me vexa, mas não te causa dano?
DEMOFONTE:
A mim, sim, se te permitir retirá-los.
ARAUTO:
Expulsa-os e de lá nós os levaremos!
DEMOFONTE:
É sinistro se te crês mais que o Deus.

ARAUTO:
Para cá, parece, devem fugir os maus.
DEMOFONTE:
A moradia de Numes dá asilo a todos.
ARAUTO:
Os micênios talvez não pensem assim.
DEMOFONTE:
Não sou o soberano dos deste lugar?
ARAUTO:
Sem lhes causar mal, se és prudente.
DEMOFONTE:
Deis-vos mal sem desonrar Deuses!
ARAUTO:
Não quero faças guerra aos argivos.
DEMOFONTE:
Assim também eu, mas não os trairei.
ARAUTO:
Todavia receberei e levarei os meus.
DEMOFONTE:
Ora, voltar a Argos não te será fácil.
ARAUTO:
Se eu fizer tentativa, logo o saberei.
DEMOFONTE:
Com pranto os tocarás e não demora.
CORO:
Por Deuses, não ouses ferir o arauto!
DEMOFONTE:
Se o arauto não souber ser prudente.
CORO:
Vai-te daqui! E tu, ó rei, não o toques!
ARAUTO:
Vou, é fraca a peleja de um só braço.
Volto com muita lança de Ares argivo
toda de bronze para cá. Esperam-me
dez mil escudeiros e o rei Euristeu
ele mesmo no comando. Nos confins
de Alcátoo está à espreita dos daqui.
Ao ouvir tua soberbia, virá brilhante
a ti, aos cidadãos, a esta terra e safra.
Teríamos em vão tão vasta juventude
em Argos, se te deixássemos impune.

DEMOFONTE:

Dana-te! Eu não temo essa tua Argos.
Daqui não os levarás à força, para
meu vexame, pois tenho esta urbe
não submissa aos argivos mas livre.

CORO:

É hora de prudência, antes de
vir às fronteiras a tropa argiva,
o Ares dos micênios é bem veloz
e sobre esses ainda mais que antes.
Esta é a regra de todos os arautos,
a ampliação dos acontecimentos.
Pensas que aos reis dirá quantos
e que terrores sofreu e por pouco
escapou de ter espedaçada a vida?

IOLAU:

Os filhos não têm prêmio mais belo
que ter nascido de nobre e bom pai
e desposar nobre. Não aprovo quem
vencido pela paixão se uniu a pobre,
ultraje por prazer legado aos filhos.
A nobreza se defende da má sorte
mais que a pobreza. Ao cairmos no
fundo dos males, descobrimos estes
nossos parentes, únicos defensores
destes em toda a terra grega habitada.
Ó filhos, dai, dai-lhes a mão direita!
E vós, a eles! Aproximai-vos mais!
Ó filhos, pusemos amigos à prova.
Se o regresso à pátria enfim surgir
e ocupardes a casa e honras do pai,
recebei de volta e os reis desta terra [Kovacs]
tende sempre salvadores e amigos!
Lembrai-vos de não ter lança hostil
a esta terra, mas tende a mais amiga
de todas. Dignos de vossa reverência,
de tanta terra e da tropa de pelasgos
livraram-nos de modo a ter inimigos,
ao verem mendigos erradios, todavia
não traíram nem expulsaram da terra.

Eu, ainda vivo, e morto, então morto,
com muita loa perto de Teseu, ó caro,
te exaltarei e me alegrarei de dizer
que bem falaste e defendeste os filhos
de Héracles, e salvas a glória paterna
nobre na Grécia, e filho de pai nobre
tens a sorte de não ser inferior ao pai,
com outros raros, pois um em muitos
talvez acharíeis não inferior ao pai.

CORO:

Esta terra sempre quer socorrer
com a justiça aos sem recursos.
Teve dez mil fainas por amigos
e agora vejo este combate perto.

DEMOFONTE:

Bem disseste, ó velho, e clamo
assim ser, a graça se lembrará.
Eu farei a reunião de cidadãos,
farei que receba tropa micênia
com muita mão; espia primeiro
enviarei, furtivo não me ataque;
veloz em Argos é todo socorro;
com os vates imolarei. Leva-os
para casa, deixa a lareira de Zeus!
Se me ausentar, há quem cuide
de ti, mas vai para casa, ó velho!

IOLAU:

Não deixaria o altar, faremos preces
súplices aqui pelo bem-estar da urbe.
Quando deste embate bem te livrares,
iremos para casa. Deuses por aliados
temos não menos que os argivos, ó rei.
Deusa Hera os preside, esposa de Zeus,
e a nós, Atena. Digo que nisto se funda
o bem-estar, a sorte de Deuses melhores,
porque Palas não suportará ser vencida.

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (353-380)]

CORO:

Se tens grande alarde, outros [EST.]
não se importam contigo,

ó forasteiro de Argos,
não me apavora grandiloquência.
Não assim na grande
Atenas de belos coros!
És demente tu e o filho
de Estênelo rei de Argos.

Ao vires a outra urbe [ANT.]
não menor que Argos,
forasteiro retiras à força os fronteiros
súplices dos Deuses em minha terra,
sem cederes aos reis
nem dizeres outra justiça.
Onde isso seria bom
junto a quem pensa bem?

A Paz a mim me agrada, [EPODO]
mas a ti, ó malévolo rei,
te digo, se vieres à urbe,
não como crês terás,
não só tu tens lança
e escudo de bronze.
Ó amador de guerras,
não turves com lança
a urbe de belas graças,
mas abstém-te!

[SEGUNDO EPISÓDIO (381-607)]

IOLAU:
Ó filho, por que vens com a cisma
nas vistas? Que dirás dos inimigos?
Estão por vir? Vieram? Que sabes?
Não desdirás as palavras do arauto.
Outrora com boa sorte, o estratego
virá, eu bem sei, não com modéstia
a Atenas. Mas Zeus é o retificador
dos pensamentos muito soberbos.
DEMOFONTE:
Vem a tropa argiva e o rei Euristeu;
eu mesmo fui ver. Todo varão que
diz guiar tropa deve conhecer bem,
não ver por núncios os adversários.

Não ainda enviou tropa à planície
da terra e sentado em pétrea penha
observa (esta opinião eu te daria)
onde conduzirá a tropa ora armada
e acampará nesta terra em segurança.
Tudo para mim, porém, já está certo.
A urbe em armas e as vítimas prontas
aos Deuses a quem se devem imolar,
os vates na cidade fazem sacrifícios.
Reuni todos os cantores de oráculos
e perguntei os públicos e os secretos
oráculos antigos nesta terra salvíficos.
Muito diferem uns de outros oráculos,
mas o saber brilha o mesmo em todos,
exortam-me a imolar a virgem à filha
de Deméter, tal que seja de nobre pai,
ruína dos inimigos e salvação da urbe.
Eu tenho tamanho empenho convosco,
como vês, mas não mato a minha filha,
nem obrigarei outro meu concidadão
coato. Quem não coato pensa tão mal
que dos braços dê seus próprios filhos?
Veríeis agora as compactas reuniões,
dizendo uns que é justo socorrer os
hóspedes súplices, acusando-me outros
de estupidez. Se eu deveras fizer isso,
a guerra civil doravante se prepara.
Examina isto e busca comigo como
seríeis salvos vós mesmos e este solo
e não seja eu caluniado por cidadãos.
Não exerço o poder como os bárbaros,
mas se for justo, serão justos comigo.

CORO:

Mas Deus não permite que esta urbe
socorra animada hóspedes carentes?

IOLAU:

Ó filhos, somos símeis a marinheiros,
que salvos de feroz furiosa tempestade
têm a terra ao alcance e então da terra
os ventos os levam de volta ao mar.
Assim somos expulsos desta terra,

estando nós já na praia quase salvos.
Oímoi! Por que me saciaste, ó mísera
esperança, se não me farias a graça?
É compreensível se ele não quer
matar filhos de cidadãos e aprovo
isso também. Se Deuses decidem
que assim seja, não morre a graça.
Ó filhos, não tenho que vos servir.
Aonde iremos? Que Deus sem coroa?
A que confins da terra não chegamos?
Morreremos, ó filhos, porque traídos.
Por mim não é nada se devo morrer
senão se morto saciar meus inimigos.
Eu vos choro e lamento, ó crianças,
e Alcmena, velha mãe de vosso pai.
Ó infausta, por longa vida que viveste,
infausto ainda eu por vastas fainas vãs.
Devíamos, devíamos vilmente caídos
em mãos de inimigos perder mal a vida.
Mas sabe! Coopera comigo! Não toda
esperança me fugiu de poder salvá-los.
Dai-me aos argivos em vez deles, ó rei!
Não corras o risco! Salvem-se os filhos!
Não devo amar minha vida, que se vá!
Euristeu quereria sobretudo me pegar
e lavrar o ultraje ao aliado de Héracles.
Ele é sinistro. É desejável aos sábios
ter sábio inimigo, não ínscio espírito,
porque teria muito respeito e justiça.

CORO:

Ó ancião, não te queixes desta urbe!
Teríamos uma falsa, todavia, maligna,
invectiva de que traímos os hóspedes.

DEMOFONTE:

Nobres palavras tuas, mas impossíveis.
Não por ti o rei para cá conduz a tropa.
Que lucra Euristeu da morte do velho?
Mas ele tem a intenção de matá-los.
Terror de inimigos os rebentos nobres
jovens e relembrados dos maus-tratos
ao pai, tudo de que se deve precaver.

Mas se tens outro plano mais oportuno,
prepara! Porque eu mesmo impotente
ouvi oráculos e estou cheio de pavor.

MACÁRIA:
Ó forasteiros, não atribuais audácia
à minha saída, isso primeiro imploro,
pois nas mulheres silêncio e prudência
é o mais belo, e ficar quieta em casa.
Ao ouvir os teus gemidos, ó Iolau,
saí não designada núncio da família,
mas sou conveniente e antes cuido
mais destes irmãos e de mim mesma,
quero saber se alguma dor somada
aos males antigos te morde o ânimo.
IOLAU:
Ó filha, dos filhos de Héracles mais
tenho não recente teu justo louvor.
O percurso que nos parecia ir bem
mudou-se outra vez em impossível,
pois ele diz que vaticínios indicam
que se imole não touro, nem novilha,
mas nobre virgem à filha de Deméter,
se nós e se esta urbe devemos viver.
Assim não temos recurso; ele diz que
não imolará filhos seus, nem alheios.
Não me diz com clareza, mas diz sim,
se não tivermos algum recurso disso,
que descubramos nós uma outra terra,
e que ele mesmo quer salvar esta terra.
MACÁRIA:
Nesta palavra temos nossa salvação?
IOLAU:
Nesta temos boa sorte quanto ao mais.
MACÁRIA:
Não mais temas lança hostil de argivos!
Estou mesmo antes de pedirem, ó velho,
disposta a morrer e a deixar-me imolar.
Que diremos? Se esta urbe considera
correr grande perigo por nossa conta,
nós mesmos, impondo males a outros,

podendo salvá-la, fugiremos da morte?
Não, porque ainda seria digno de riso
gemerem sentados súplices de Numes
e filhos daquele pai de que nascemos
verem-se vis? Isso convém a bravos?
Mui belo, creio, — tal não aconteça! —
tomada esta urbe, cair em mãos hostis,
e por ser filha de pai nobre, padecer
afrontas e então não menos ver Hades.
Mas banida irei errante desta terra?
Não me vexarei, então, se disserem:
"Por que cá viestes, apegados à vida,
"com ramos súplices? Ide da terra,
"porque não socorreremos covardes!"
Todavia, se estes estiverem mortos,
e eu salva, não espero estar bem,
muitos já traíram assim aos seus.
Quem há de querer desposar órfã
ou há de querer fazer filhos comigo?
Não é melhor morta que com indigna
sorte? Isso, aliás, conviria a outrem
que não fosse assinalada como eu.
Levai-me vós aonde devo morrer!
Coroai e consagrai, se é a decisão!
Vencei inimigos! Esta vida se oferece
espontânea e não coagida, e anuncio
morrer por estes irmãos e por mim.
Por não ser apegada à vida, achei
o mais belo achado, morrer gloriosa.

CORO:

Pheû pheû! Que dizer às nobres palavras
da virgem que por irmãos quer morrer?
Qual deles diria mais nobres palavras?
Quem dos homens ainda agiria assim?

IOLAU:

Ó filha, o teu rosto não é de alhures,
mas dele. Semente de espírito divino,
nasceste de Héracles, eu não me vexo
de tuas palavras, mas a sorte me dói.
Mas direi como isto seria mais justo.
Devem-se cá chamar todas as irmãs

e deve a sorteada morrer pela família.
Não é justo que tu sem sorteio morras.
MACÁRIA:
Eu não morreria por ter por sorteio,
graça não preside. Não fales, ó velho!
Mas se vós aceitais e quereis dispor
de mim, animada, dou a minha vida
por eles espontânea, não sob coerção.
IOLAU:
Pheû!
Esta fala tua é mais nobre que a de antes
e era máxima, mas superaste em audácia
a audácia e a palavra em palavra nobre.
Deveras não exorto nem proíbo, ó filha,
que morras, servirás a teus irmãos morta.
MACÁRIA:
Habilmente exortas. Não temas participar
de poluente meu! Mas livremente morro,
quando eu for para o terror da imolação,
se é que sou filha do pai de que me ufano.
Segue, velho! Quero morrer em teu braço
e presente cobre meu corpo com mantos!
IOLAU:
Eu não poderia estar presente à tua morte.
MACÁRIA:
Mas pede-lhe que eu expire a vida não
nos braços de varões, mas de mulheres!
DEMOFONTE:
Assim será, ó virgem desafortunada!
Seria feio para mim não te honrar
por muitas razões, por tua valentia
e por justiça. A mais audaz de todas
as mulheres eu vi em ti com os olhos.
Mas se queres, dirige-lhes e ao velho
as tuas últimas palavras antes de ir!
MACÁRIA:
Salve, ó velho! Salve e ensina estes
meninos a serem em tudo tão sábios
como és tu, não mais, assim basta!
Tenta animado salvá-los da morte!
Somos teus filhos educados por ti.

Vês que eu, para morrer por eles,
concedo a minha hora de núpcias.
Vós, irmãos presentes reunidos,
tenhais bom Nume e tenhais vós
o que meu coração perderá antes!
Honrai o velho e dentro de casa
a velha mãe de meu pai Alcmena,
e estes hóspedes! Se dos Deuses
tiverdes fim de males e regresso,
lembrai que à salvadora deveis
funerais! Os mais belos, é justo.
Não vos faltei, morri pela família.
Tenho estes bens em vez de filhos
e virgindade, se algo sob a terra.
Não haja nada! Se lá os mortais
mortos tivermos as aflições ainda,
não sei aonde voltar. Considera-se
a morte o maior remédio de males.

IOLAU:

Ó tu, a de mais brilhante valentia
de todas elas, sabe, serás por nós
honradíssima em tua vida e morta!
Salve! Receio mal dizer a Deusa
filha de Deméter, a que te sagras.
Ó filhos, vou-me! Solta membros
a dor. Pegai e sentai-me no templo!
Cobri-me ali com este manto, filhos!
Os acontecimentos não me agradam
e se não se dá o oráculo, não se vive
e maior é a ruína. Esta é a situação.

[SEGUNDO ESTÁSIMO (608-629)]

CORO:

Digo sem Deuses não ser próspero [EST.]
nem haver queda grave,
nem a mesma casa sempre ser firme
com boa sorte, e Parte
persegue uma a uma,
instala o do alto no breve,
faz o errante com bom Nume.
É ilícito fugir da sorte, com saber

não se afasta, mas em vão
o animado sempre terá faina.

Mas não caias! Tem dons de Deuses! [ANT.]
Não te aflija muito a dor!
A mísera tem bem falada parte
de morte por irmãos e terra,
e receberá fama
não inglória dos homens.
A virtude anda por fadigas.
Digno do pai, digno da nobreza
isto acontece, e se veneras a
morte de bravos, estou contigo.

[TERCEIRO EPISÓDIO (630-747)]

SERVO:
Ó jovens, salve! Onde o velho Iolau
e a mãe do pai estão longe do templo?
IOLAU:
Estou presente qual é minha presença.
SERVO:
Por que jazes e tens o rosto coberto?
IOLAU:
Um cuidado próprio me veio e tem.
SERVO:
Ergue-te então! Endireita a cabeça!
IOLAU:
Somos anciãos e já não temos força.
SERVO:
Venho, porém, trazer-te grande júbilo.
IOLAU:
Quem és tu? Onde eu te vi não lembro.
SERVO:
Servo de Hilo. Vê! Não me conheces?
IOLAU:
Ó caríssimo, vens salvar-nos do mal?
SERVO:
Sim, venho a esta presente boa sorte.
IOLAU:
Ó mãe de nobre filho, digo Alcmena,
sai! Ouve dele as bem-vindas palavras!

Faz tempo tu consumias a vida aflita
se haveria o regresso dos que vieram.
ALCMENA:
Por que esta casa ficou cheia de gritos,
Iolau? Que arauto presente de Argos
te constrange? Fraco é o meu vigor,
mas tanto deves conhecer, forasteiro!
Não os levarás, enquanto eu viver!
Ou não mais eu seja considerada mãe
dele! Mas se puseres a mão nos jovens,
não darás belo combate a dois velhos.
IOLAU:
Coragem, velha! Não temas. O arauto
não veio de Argos com palavras hostis.
ALCMENA:
Por que ergueste grito núncio de pavor?
IOLAU:
Para que te aproximasses ante o templo.
ALCMENA:
Nós não sabemos isto: quem esse é.
IOLAU:
Anuncia que veio o filho de teu filho.
ALCMENA:
Ó salve também tu por estas notícias!
Mas por que está ausente, se pôs o pé
neste solo? Onde está? Que o impede
de aparecer e alegrar o meu coração?
SERVO:
Acampa e dispõe a tropa com que veio.
ALCMENA:
Este assunto já não me interessa mais.
IOLAU:
Interessa, nosso trabalho é saber isso.
ALCMENA:
O que dos fatos então queres saber?
IOLAU:
Com quantos aliados ele se apresenta?
SERVO:
Muitos. Não posso dizer outro número.
IOLAU:
Sabem isso, creio, chefes em Atenas?

SERVO:
Sabem, e ele está ante a ala esquerda.
IOLAU:
A tropa está armada pronta para agir?
SERVO:
E as vítimas levadas fora das fileiras.
IOLAU:
A lança argiva está a qual distância?
SERVO:
De modo a se ver bem o estratego. 675
IOLAU:
E que faz? Dispõe fileiras inimigas?
SERVO:
Imaginamos isso, pois não ouvimos.
Mas irei. Não gostaria que os senhores
travem combate sem que eu participe.
IOLAU:
Irei contigo, pois pensamos o mesmo, 680
presentes cremos ser úteis aos amigos.
SERVO:
Não podias jamais dizer palavra tola.
IOLAU:
Nem faltar aos amigos em luta audaz. 683
SERVO:
Meu caro, não há o que foi teu vigor. 688
IOLAU:
Mas ainda lutarei com não menor número. 689
SERVO:
Acrescentas breve contrapeso aos amigos. 690
IOLAU:
Inimigo não suportará olhar-me de frente. 687
SERVO:
Não há lesão em olhar sem agir o braço. 684
IOLAU:
Por quê? Eu não fenderia mais o escudo? 685
SERVO:
Fenderias sim, mas antes cairias tu mesmo. 686
IOLAU:
Não me impeças de agir com meu preparo. 691
SERVO:
De agir não és capaz, mas de querer talvez.

IOLAU:
Desde que não fique, o mais podes dizer.
SERVO:
Como, sem as armas, parecerás armado?
IOLAU:
Há neste templo armas, despojos de guerra,
de que nos serviremos. Devolveremos,
se vivermos. Deus não cobrará de mortos.
Mas entra lá dentro, retira dos suportes
e traz-me o mais rápido o equipamento!
Oprobriosa se torna esta guarda de casa,
se uns lutam, e outros por frouxos ficam.

CORO:
O tempo ainda não aplana a audácia
tua, mas ela floresce, passado o corpo.
Por que fazes em vão o que te lesará
e terá pouca utilidade para nossa urbe?
Deves lutar por reconhecer tua idade
e deixar os impossíveis. Não há como
obter outra vez de volta a juventude.
ALCMENA:
Por que tu, não estando em teu juízo,
deixas-me só com meus filhos do filho?
IOLAU:
De varões é a defesa. Cuides tu deles!
ALCMENA:
O quê? Se morreres, como me salvarei?
IOLAU:
Os filhos do filho restados cuidarão de ti.
ALCMENA:
Se (que não aconteça) eles tiverem sorte?
IOLAU:
Os forasteiros não te trairão. Não temas!
ALCMENA:
Tamanha é a confiança. Nada mais tenho.
IOLAU:
Zeus ainda cuida de tuas fadigas, eu sei.
ALCMENA:
Pheû!
Zeus junto a mim não será mal falado;

se ele é lícito comigo, ele mesmo sabe.
SERVO:
Já vês aqui todo o arsenal das armas,
não seria apressado cobrir-te com elas,
porque perto é a luta e Ares mais odeia
os vacilantes. Se temes o peso das armas,
faz nu agora a caminhada e nas fileiras
cobre-te com este adorno, que levo lá!
IOLAU:
Disseste bem. Mas leva contigo as armas
à mão para mim, põe-me na mão a lança,
ergue o cotovelo esquerdo e dirige o pé!
SERVO:
É necessário um pedagogo de hoplita?
IOLAU:
Por auspício deve-se ir com segurança.
SERVO:
Se tu pudesses agir como és animado!
IOLAU:
Depressa! Será terrível, se falto à luta.
SERVO:
Se crês fazer algo, tu és lento, não eu.
IOLAU:
Não vês como minha perna se apressa?
SERVO:
Vejo que crês mais do que te apressas.
IOLAU:
Não dirás isso, quando me vires lá...
SERVO:
Fazendo o quê? Quisera tua boa sorte!
IOLAU:
Fendendo o escudo de algum inimigo.
SERVO:
Se ainda lá chegarmos, este é o pavor.
IOLAU:
Pheû!
Ó braço, qual sendo vigoroso, tomara
nós nos lembremos quando com Héracles
devastavas Esparta, faz-te meu aliado
igualmente! Que derrota nós imporíamos
a Euristeu, covarde para esperar a lança!

Vive na opulência ainda esta incorreção:
a aparência de valentia, pois imaginamos
quem tem boa sorte conhecer bem tudo.

[TERCEIRO ESTÁSIMO (748-783)]

CORO:

Terra e Lua de toda a noite [EST. 1]
e os mais brilhantes raios
do Deus luz dos mortais,
levai o meu anúncio
e propalai no céu
ante o trono real
e a glauca Atena:
pela terra pátria
e ainda em defesa da casa
aceitarei suplicantes e com
ferro gris cortarei o perigo.

Terrível é urbe qual Micenas [ANT. 1]
de bom Nume e por força
de lança muito louvada
conter ira de meu solo.
Ó urbe, mal é se trairmos
os súplices forasteiros
por ordens de Argos.
Zeus é meu aliado, não temo.
Zeus com justiça tem graça.
Numes não me parecerão
nunca menores que mortais.

Ó Rainha, teu é o chão [EST. 2]
da terra e a urbe de que
és mãe, dona e guardiã.
Leva alhures o injusto
que traz a tropa de lanceiros
de Argos para cá! Por virtude
não é justo banir-me de casa.

Sempre tens as tuas honras [ANT. 2]
feitas de muitos sacrifícios,
não se ignoram dia final de luas,
cantos de jovens e danças corais.

Na colina dos ventos
o clamor ressoa a noite toda
a batida dos pés das virgens.

[QUARTO EPISÓDIO (784-891)]

MENSAGEIRO:
Rainha, as falas mais breves de ouvir
porto para ti e para mim as mais belas:
vencemos inimigos e erguemos troféu
com todas as armas dos inimigos teus.
ALCMENA:
Ó caríssimo, este dia te promoveu,
foste libertado por essa mensagem,
mas da aflição não me livraste ainda,
pois o pavor se os que estimo vivem.
MENSAGEIRO:
Vivem, com a maior glória na tropa.
ALCMENA:
O velho Iolau, também ele está vivo?
MENSAGEIRO:
Sim, por Deuses está muitíssimo bem.
ALCMENA:
Por quê? Terá combatido com denodo?
MENSAGEIRO:
Tornou-se de ancião outra vez jovem.
ALCMENA:
Dizes portento, mas quero que contes
primeiro a boa sorte dos meus na luta.
MENSAGEIRO:
Uma só palavra minha te dirá isso tudo.
Quando nos contrapusemos uns aos outros
ao estendermos de frente a tropa armada,
Hilo desceu do carro de quatro cavalos,
e pôs-se no meio do intervalo da tropa,
e então disse: “Ó estratego que de Argos
“vens, por que não deixamos esta terra
“e Micenas outra vez viverem em paz? 805a [Kovacs]
“Se me atendes, esta urbe ateniense, 805b [Kovacs]
“povo terrível, não terás por inimigo 805c [Kovacs]
“e não farás nenhum mal a Micenas,
“espoliando varão. Mas, se só a sós

“lutares comigo, se matares, leva tu
“os filhos de Héracles, e se morreres,
“deixa-me ter honras e casa paterna!” 810
A tropa aprovou, pelo fim das fainas
e pela valentia, bem falada a palavra.
Mas ele, sem pudor de seus ouvintes
nem de sua covardia, sendo estratego,
não ousou fazer frente à valente lança, 815
mas foi péssimo. Então, sendo assim,
veio para escravizar os filhos de Héracles?
Hilo, portanto, retornou à sua posição.
Quando souberam que a reconciliação
não se concluiria em combate singular, 820
vates imolavam sem tardar e logo jorram
das gargantas bovinas o sangue propício.
Uns entravam no carro, outros sob escudos
roçavam lado a lado. O rei dos atenienses
conclamou a tropa como convém ao nobre: 825
“Ó concidadãos, deve cada um defender
“agora a terra que o nutriu e que o gerou!”
O outro, por sua vez, pedia aos aliados
não anuir em aviltar Argos e Micenas.
Quando soou agudo sinal do salpinge 830
tirreno e deram-se mútuo combate,
que estrépito de escudos crês troar,
que gemido e lamento a um só tempo?
Primeiro o assalto da lança argiva
quebrou-nos e então voltaram atrás. 835
Em seguida, pé contraposto a pé,
varão contra varão, a luta perdurava,
muitos caíam. Ouviam-se exortações:
“Ó Atenas!” — “Ó semeadores argivos!”
— “Não afastareis da urbe o vexame?” 840
Fizemos tudo a custo não sem fadiga
e pusemos em fuga o exército argivo.
Então, o velho Iolau, quando viu Hilo
avançar, estendeu a destra e suplicou
que entrasse no carro de cavalos, 845
e com as rédeas nas mãos, dirigia
contra éguas de Euristeu. Doravante
diria por ouvir de outros, vi até aqui.

Além da rocha santa da Deusa Atena
de Palene, ao ver o carro de Euristeu,
orou a Juventude e a Zeus por um só
dia tornar-se jovem e revidar justiça
a inimigos. Tu podes ouvir o portento.
Dois astros, fixos no jugo dos cavalos,
ocultaram o carro em sombria nuvem;
os mais sábios dizem que são teu filho
e Juventude; e ele, das trevas sombrias,
mostrou o tipo jovem de braços novos.
O ínclito Iolau toma o carro quadriga
de Euristeu defronte das pedras Cirônides.
Após atar-lhe as mãos, vem e conduz
o estratego qual belíssimas primícias,
antes próspero. Com a sorte de agora,
anuncia a todos os mortais clara lição:
não invejar quem parece ter boa sorte
antes de vê-lo morto, efêmeras sortes!

CORO:

Ó Zeus vencedor, agora posso ver
a luz do dia livre de terrível pavor!

ALCMENA:

Ó Zeus, a tempo viste meus males,
tenho de ti todavia a graça dos fatos,
e se antes não cria, agora sei claro
que meu filho convive com Deuses.
Ó filhos, agora sim, agora livres
de males, sereis livres de Euristeu
malfeitor, e vereis a urbe do pai,
tomareis a posse da gleba do solo
e sagrareis Deuses pátrios de que
exclusos teríeis triste vida errante,
hóspedes. Mas por que oculta arte
Iolau poupou sem matar Euristeu?
Diz! Pois para mim isto não é arte,
pegar inimigos sem revidar justiça.

MENSAGEIRO:

Em tua honra para com teus olhos
vires o rei submetido ao teu braço.
Não concorde, mas com violência,
jungiu-o à coerção, pois não queria

vivo vir ante teus olhos e dar justiça.
Mas, ó anciã, salve! Lembra-te tu
do que disseste quando iniciei a fala,
que me libertarias. Em tal situação,
a nobres convém falar sem mentir.

[QUARTO ESTÁSIMO (892-927)]

CORO:

Doce é o coro, se sonora [EST. 1]
graça de flauta esplende,
doce é a bela graça de
Afrodite, é um prazer
ver boa sorte de amigos,
que antes não pareciam.
Parte determinadora e Vida,
filha do Tempo, geram muitos.

Tens uma via justa, ó urbe. [ANT. 1]
Não deves disto te afastar,
honrar os Deuses. Negá-lo
passa perto da loucura,
estão mostrando
estas provas: um sinal
Deus anuncia, ao destruir
sempre a intenção dos injustos.

Teu filho está firme [EST. 2]
no céu, ó anciã!
Evito rumor de que desceu
à casa de Hades por ígnea
terrível chama devorado.
Em aposento áureo tange
o amável leito de Juventude.
Ó Himeneu, foste digno
dos dois filhos de Zeus.

Muitas falas conferem [ANT. 2]
com muitas e dizem
Atena aliada do pai deles
e a urbe e tropa da Deusa
os salvaram e detiveram
a transgressão do varão

violento perante Justiça,
meu pensamento e vida
nunca sejam insaciáveis!

[ÊXODO (928-1055)]

SERVO:

Senhora, vês, todavia será anunciado:
viemos a ti conduzindo aqui Euristeu,
inopina visão e sorte para ele não menos.
Não presumia que cairia em tuas mãos,
ao vir de Micenas com escudo fadigoso,
crendo-se mais que Justiça para pilhar
a urbe de Atena. O Nume, porém, fez
ao contrário e transformou a sua sorte.
Hilo e o bom Iolau ergueram estátua
pela bela vitória de Zeus vencedor
e ordenam-me conduzi-lo aqui a ti
para te agradar, o mais doce é ver
o inimigo de boa sorte ter má sorte.

ALCMENA:

Vieste, odioso? Pegou-te Justiça a tempo?
Vira primeiro teu rosto para cá para mim
e ousa olhar de frente os teus inimigos!
És dominado agora e não mais dominas.
Aquele és tu, pois isto eu quero saber,
que te dignaste de ultrajar o meu filho,
que está onde agora está, ó perverso,
e dizias que destruísse hidras e leões
e enviavas? Outros males que tramaste
calo, pois longo seria o meu relatório.
Que ultraje não ousaste tu fazer-lhe?
Tu o fizeste descer vivo até Hades.
Não te bastaram só essas ousadias,
mas de toda a Grécia me perseguias,
e aos filhos, súplices perante Numes,
nós, idosos, e eles, ainda crianças.
Mas descobriste varões e urbe livre
destemidos de ti. Deves morrer mal
e terás todo lucro, tendo feito muitos
males não devias morrer uma só vez.

SERVO:

A execução dele não te é possível.
ALCMENA:
Ora, em vão o fizemos prisioneiro.
Mas que lei impede que ele morra?
SERVO:
Os chefes desta terra decidem não.
ALCMENA:
O quê? Não é belo matar inimigos?
SERVO:
Não a quem pegam vivo na batalha.
ALCMENA:
E Hilo tolerou que assim decidissem?
SERVO:
Ele devia não ouvir esta terra, creio.
ALCMENA:
Este devia não viver nem ver a luz.
SERVO:
Primeiro foi injusto não ser morto.
ALCMENA:
Não pode ainda dar a bela justiça?
SERVO:
Não há ninguém que o executasse.
ALCMENA:
Eu mesma! Penso que sou alguém.
SERVO:
Ora, terás muito veto se o fizeres.
ALCMENA:
Amo esta urbe, não se contradiga!
Já que esse veio às minhas mãos,
não há entre mortais quem me tire.
Disso, quem quiser dirá que ouso
e sou mais soberba do que mulher
deve ser, mas este feito executarei.
CORO:
Ó mulher, terrível e compreensível
é teu ódio a esse homem, bem sei!
EURISTEU:
Ó mulher, sabe claro! Não te adularei
nem direi, em defesa de minha vida,
nada por que me imputem covardia.
Essa rixa eu não voluntário assumi.

Sabia, sim, que sou teu primo-irmão,
consanguíneo de teu filho Héracles.
Mas, se quisesse, ou não, era Deusa,
Hera me fez padecer esse distúrbio.
Quando assumi a hostilidade a ele,
e reconheci que essa luta eu lutaria,
tornava-me perito em muitos males,
muitos criei perante Noite cada vez
para destruindo e matando inimigos
no porvir não conviver com pavor,
ciente de que teu filho não era número,
mas deveras varão, ainda que hostil,
será bem falado, por ser bom varão.
Ora, desaparecido ele, não devia eu,
sendo odiado por eles e estando ciente
do ódio paterno, mover toda pedra,
tentando matar, banindo e tramando?
Com essas ações eu teria segurança.
Tu, se tivesses tido a minha sorte,
aos filhos adversos do leão inimigo
não farias mal, mas por prudência
deixarias ter Argos? Seria incrível.
Agora que não me mataram quando
era propenso, perante as leis gregas
morto sou impuro para quem mata.
A urbe liberou, prudente, honrando
mais ao Deus do que ao ódio a mim.
Falaste, ouviste resposta. Doravante
devem-se dizer o execrado e o nobre.
Por certo, assim estamos, nem quero
morrer, nem me iraria perder a vida.

CORO:

Quero dar breve conselho, Alcmena,
libera esse varão porque a urbe diz!

ALCMENA:

E se morresse e atendêssemos à urbe?

CORO:

Seria ótimo. Como será isso, então?

ALCMENA:

Eu instruirei facilmente: matá-lo-ei
e dá-lo-ei morto a seus reclamantes

e quanto ao corpo não desatenderei
à terra e ele morto me dará justiça.
EURISTEU:
Mata! Não te implorarei. A esta urbe,
porque me liberou e temeu de matar,
farei dom de antigo oráculo de Lóxias,
que a tempo valerá mais do que parece.
Morto, sepultai-me onde é o destino,
diante da divina virgem de Palene.
Benévolo contigo e salvador da urbe,
eu eterno meteco jazerei sob a terra
inimicíssimo aos descendentes deles,
quando vierem aqui com muitas mãos,
traidores desta graça. Hóspedes tais
defendestes. Como eu, ciente disso,
vim aqui, sem temer oráculo divino?
Crendo que Hera é maior que oráculos
e não me trairia. Não deixeis verter
libações nem sangue em meu túmulo!
Por isso, eu lhes darei mau regresso
e vós tereis de mim um duplo lucro,
morto vos serei útil e a eles, nocivo.
ALCMENA:
Ao ouvires isso, se vosso dever
é prover salvação à urbe e a eles,
por que tardais matar esse varão?
Ele mostra o meio mais seguro,
o varão é hostil, mas útil, morto.
Servos, levai-o aonde vós deveis
matar e dar aos cães! Não esperes
vivo banir-me outra vez da pátria!
CORO:
Assim me parece. Ide, servos!
As nossas incumbências
os reis terão com pureza.

HIPÓLITO

As personagens do drama:
Afrodite
Hipólito
Servo
Nutriz
Fedra
Serva
Teseu
Mensageiro
Ártemis
Coro

ARGUMENTO DE *HIPÓLITO*

Teseu era filho de Etra e Posídon e era rei de Atenas. Desposou Hipólita, uma das Amazonas, e gerou Hipólito, notável pela beleza e castidade. Quando a companheira deixou a vida, trouxe para casa a cretense Fedra, filha de Pasífae e Minos, rei de Creta. Teseu, ao matar Palas, um de seus parentes, exila-se em Trezena, onde se dava que Hipólito era criado por Piteu. Quando Fedra viu o moço, caiu em desejo, não por ser intemperante, mas por ira de Afrodite. Esta, decidida a matar Hipólito por sua castidade, impeliu Fedra ao amor e por fim executou o seu propósito. Ao suportar o distúrbio, com o tempo foi obrigada a revelá-lo à nutriz, que lhe prometeu auxiliar e contra sua opção delatou-a ao jovem. Fedra, ao saber que ele se irritou, repreendeu a nutriz e enforcou-se. Ao aparecer na ocasião e apressando-se em recolher a enforcada, Teseu descobriu presa a ela uma carta na qual acusava Hipólito da morte e de traição, e em confiança nos escritos ordenou o exílio de Hipólito e ele mesmo fez preces a Posídon. O Deus as atendeu e destruiu Hipólito. Ártemis esclareceu cada acontecimento a Teseu, não reprovou Fedra, mas consolou-o pela perda do filho e da mulher e disse que na terra instituísse honras a Hipólito.

ARGUMENTO DO GRAMÁTICO ARISTÓFANES DE *HIPÓLITO*

A cena do drama situa-se em Atenas. Representou-se no arcontado de Epamínon no quarto ano da octogésima sétima Olimpíada. Eurípides foi o primeiro, Iofonte o segundo e Íon o terceiro. Este é o segundo *Hipólito*, intitulado *Coroado*. Parece ter sido escrito posteriormente, pois neste drama corrigiu-se o impróprio e digno de reprovação. O drama é dos primeiros. Drama representado em 428 a.C.

[PRÓLOGO (1-120)]

AFRODITE:

Grande, e não anônima, entre mortais,
e no céu, Deusa tenho o nome de Cípris.
Quantos entre Mar e os confins de Atlas
habitam e contemplam o brilho do sol,
respeito os que veneram meus poderes,
mas abato os soberbos diante de mim.
Há mesmo até no ser dos Deuses isto:
alegram-se com as honras dos homens.
Logo mostrarei a verdade destas falas.
O filho de Teseu, nascido de Amazona,
Hipólito, o educado pelo puro Piteu,
entre os cidadãos desta terra trezênia
só ele diz que sou o pior dos Numes,
repele os leitos e não contrai núpcias;
e honra, crendo-a o maior dos Numes,
a irmã de Apolo, Ártemis, filha de Zeus;
na verde selva sempre sócio da virgem
com velozes cães extrai feras da região,
caído em convívio maior que o mortal.
Disso não tenho inveja, por que teria?
Por seu desacerto comigo quero punir
Hipólito ainda hoje; porque antecipei
muito, não é preciso de muito esforço.
Ao ir-se ele outrora da casa de Piteu
para ver e cumprir os veneráveis ritos
à terra de Pandíon, Fedra, nobre esposa
do pai, ao vê-lo, teve o coração tomado
por amor terrível, por meus desígnios.
Ela, antes de vir a esta terra trezênia,
bem ao pé da pedra de Palas, visível
desta terra, fundou o templo de Cípris,
por amor de amor ausente, e no porvir
dirão a Deusa ter o templo “por Hipólito”.
Dês que Teseu deixou o solo de Cécrops,
evitando contágio do sangue de Palântidas,
e navegou com a esposa para esta terra,
aceitando exílio no exterior por um ano,
agora aqui mesmo, chorosa e golpeada

por aguilhões de amor, a mísera morre
calada, nenhum servo conhece o mal.
Mas este amor não deverá cair assim,
mostrarei o fato a Teseu e revelarei.
Ainda o pai matará o jovem inimigo
nosso com as pragas que o marinho
rei Posídon deu por prêmio a Teseu
pedir ao Deus não em vão três vezes.
Fedra, ainda que tenha bela glória,
morre, pois não apreciarei seu mal
de modo a deixar de dar a inimigos
tanta justiça quanto me esteja bem.
Mas vejo Hipólito filho de Teseu
vir para cá, finda a faina da caça,
por isso, irei para fora deste lugar.
Grande cortejo de servos sequaz
canta em honra da Deusa Ártemis
hinos, e ignora as portas abertas
de Hades, ao ver esta última luz.

HIPÓLITO:
Vinde, vinde, cantai
a celeste filha de Zeus,
Ártemis, de quem cuidamos.

HIPÓLITO E SERVOS:
Rainha, rainha, a mais venerável,
descendente de Zeus,
salve, salve, ó filha
de Zeus e Leto, Ártemis,
a mais bela das virgens,
que no vasto céu habitas
a bela corte paterna,
a áurea casa de Zeus!
Salve, ó belíssima,
a mais bela do Olimpo!

HIPÓLITO:
Esta entrelaçada coroa de intacto
prado colhida ofereço-te, ó rainha,
lá nem pastor se digna criar reses,
nem o ferro penetrou, mas intacto
prado a abelha primaveril percorre

e Pudor cultiva com orvalho do rio.
Quem sempre teve toda prudência
não instruído, mas por natureza,
pode colhê-la, aos vis não é lícito.
Ó minha rainha, recebe desta mão
reverente a coroa de áurea cabeleira!
Dos mortais só eu tenho esta regalia,
convivo contigo e respondo às falas,
ouvindo a voz, sem ver o teu vulto.
Termine eu como principiei a vida!

SERVO:

Ó rei, dos Deuses devo dizer donos,
aceitarias de mim um bom conselho?

HIPÓLITO:

Sim, por certo, ou não seria sábio.

SERVO:

Sabes que lei vigora entre mortais?

HIPÓLITO:

Não sei, mas o que me perguntas?

SERVO:

Odiar a altivez e o ingrato a todos.

HIPÓLITO:

Sim, que altivez não aflige mortais?

SERVO:

Mas há nos afáveis alguma graça?

HIPÓLITO:

A maior, e lucro com baixo custo.

SERVO:

Entre os Deuses esperas o mesmo?

HIPÓLITO:

Se os mortais têm as leis dos Deuses.

SERVO:

Como não saúdas venerável Nume?

HIPÓLITO:

Qual? Cuidado, não resvales na fala!

SERVO:

Esta que está ante as portas, Cípris.

HIPÓLITO:

De longe, sendo puro, eu a saúdo.

SERVO:

Venerável, e insigne entre mortais.

HIPÓLITO:
Não me agrada Deus visto à noite. 106
SERVO:
Ó filho, convém honrar os Numes. 107
HIPÓLITO:
Cada um com seus Deuses e homens. 104
SERVO:
Tenhas bom Nume a ver o devido! 105
HIPÓLITO:
Ide, servos, entrai em casa,
cuidai do repasto! O prazer da caça
é a mesa farta. É necessário escovar 110
os cavalos, para que atrele ao carro
e saciado de comer treine adequado.
À tua Cípris eu lhe digo muito salve!
SERVO:
Nós não devemos imitar os jovens,
se assim pensam. Prece que a servos 115
convém faremos ante as tuas estátuas,
rainha Cípris! É preciso que perdoes,
se por juventude com ímpeto veemente
falam fatuidades. Crê não ouvir! Devem
Deuses ser mais sábios que os mortais. 120

[PÁRODO (121-169)]

CORO:
Pedra a destilar água, dizem, de Oceano, [EST. 1]
a soltar dos lábios haurível
fluente fonte nas bilhas,
lá estava minha amiga, 125
a molhar mantos purpúreos
no orvalho do rio,
e estendia no dorso da pedra
cálida ao sol. Aí me veio
a primeira notícia da senhora: 130

jaz doente extenuada e mantém-se dentro [ANT. 1]
de casa, leves mantos
sombreiam a loira cabeça.
Ouço que há três dias 135
ela mantém

a boca sem comer,
e puro do trigo de Deméter o corpo,
por dor oculta ela quer aportar
o mísero termo de morte.

Tu, ó filha, inspirada [EST. 2]
ou por Pã ou por Hécate
ou por veneráveis Coribantes
ou por Mãe Montesa, vagueias?
Tu te consomes, por faltas
perante bravia Dictina
sem lhe consagrar oferendas?
Ainda vagueia através
da laguna e do pélago além-terra
nos úmidos remoinhos marinhos.

Ou alguém apascenta [ANT. 2]
em casa teu nobre esposo
soberano dos Erectidas
com leito oculto a tuas núpcias?
Ou um varão marinheiro
desde Creta navegou
ao porto mais hospitaleiro
com notícia à rainha,
e por aflição do sofrimento
tem o ânimo atado à cama?

Na difícil têmpera das mulheres [EPODO]
a mísera falta de recursos vil
tende a conviver
com partos e com demência.
Correu por meu ventre este sopro
e clamava eu à dos bons partos
celeste senhora dos arcos
Ártemis e a sempre desejável
com os Deuses me visita.

[PRIMEIRO EPISÓDIO (170-524)]

CORO:

Mas eis diante das portas a velha nutriz
que a traz para fora do palácio.
Cresce dos cenhos hedionda nuvem.

O ânimo quer saber o que há,
por que está desfeito
de outra cor o corpo da rainha?

NUTRIZ:

Ó males de mortais, hediondas doenças!
Que fazer por ti? Que não fazer?
Eis a luz, eis o céu fulgente,
já está fora de casa
o leito de tua enfermidade.
Vir aqui era toda a tua fala,
logo aos aposentos te apressas outra vez.
Logo vacilas e com nada te alegras,
não te satisfaz o presente, e o ausente
consideras mais valioso.
É melhor ser o doente do que servir,
um é simples, no outro, a aflição
ata o espírito, e a fadiga, as mãos.
Toda a vida dos homens é dolorosa,
e não há repouso das fadigas.
Mas o que é mais valioso que viver
trevas envolventes ocultam com nuvens.
Parece que somos difíceis amantes
do que ora brilha sobre a terra
por inexperiência de outra vida
e não se mostrar o subterrâneo,
aliás por palavras somos levados.

FEDRA:

Levantai-me, erguei-me a cabeça!
Soltou-se a junção de meus membros.
Servas, tomai os braços formosos!
Pesa-me ter o enfeite da cabeça,
tira-o, solta os cabelos nos ombros!

NUTRIZ:

Anima-te, filha, e não revires
o corpo bruscamente!
Mais fácil suportarás a doença
com serenidade e boa vontade.
Mortais têm necessárias fadigas.

FEDRA:

Aiaî!

Como eu das orvalhadas fontes
hauriria os sorvos de água pura,
e reclinada, sob álamos negros,
repousaria em frondosos prados?

NUTRIZ:

Ó filha, que dizes?
Não cantes assim perante o povo,
a lançar fala possuída de loucura.

FEDRA:

Conduzi-me ao monte, irei ao bosque
e aos pinheiros, por onde
percorrem cães caçadores
ao encalço de corça malhada.
Por Deuses, amo açular cães
e, ao lado da cabeleira loira,
lançar a lança tessália,
com o afiado dardo na mão.

NUTRIZ:

Por que, filha, assim te inquietas,
por que ainda cuidas de caçadas?
Por que queres fluxos de fontes?
Há contígua às torres orvalhada
colina, onde tu poderias beber.

FEDRA:

Ó Senhora Ártemis da laguna salina
e de ginásios de cavalos a relinchar,
pudesse eu estar em teu domínio
e domar os potros vênetos!

NUTRIZ:

Por que repetes esta fala demente?
Ora indo à montanha remetias
o desejo de caçar, ora queres
potros nas areias não marinhas.
Isto é digno de grande vaticínio,
qual dos Deuses te puxa as rédeas
e aturde o espírito, ó filha.

FEDRA:

Mísera sou, o que eu fiz?
Onde desviei do bom senso?
Enlouqueci, caí na erronia de Nume.
Pheû pheû! Mísera!

Mãe, recobre minha cabeça,
Sinto vergonha do que disse.
Esconde; dos olhos descem lágrimas
e a visão se volta ao opróbrio.
O verdadeiro conhecimento dói,
a loucura é mal, mas o melhor é
sem conhecimento extinguir-se.

NUTRIZ:

Escondo; e a meu corpo afinal
Morte ocultará?
Muito me ensinou a vasta vida:
os mortais em recíproca amizade
devem unir-se com moderação,
e não até o alto cerne da alma,
mas afeições do espírito fáceis
de repelir e de contrair.
Sofrer por duas uma única
alma é áspero fardo, que me
dói por ela.
A rígida conduta na vida,
dizem, traz mais queda que gozo,
e é inimiga da saúde.
Assim, louvo menos o excesso
que nenhum excesso;
ainda condirão comigo os sábios.

CORO:

Mulher anciã, fiel nutriz da rainha,
vemos esta mísera sorte de Fedra,
nada nos diz o que seja a doença;
mas queríamos ouvir e saber de ti.

NUTRIZ:

Não sei dizer; ela não quer falar.

CORO:

Nem como começaram estas dores?

NUTRIZ:

Tornas ao mesmo; nada diz disso tudo.

CORO:

Como está fraca e o corpo devastado.

NUTRIZ:

Como não, há três dias sem comer?

CORO:

Por erronia, ou por tentar se matar?
NUTRIZ:
Matar-se? Não come, a perder a vida.
CORO:
Admirável dito, se isso basta ao marido.
NUTRIZ:
Ela oculta a dor e nega estar doente.
CORO:
Ele, ao ver o rosto, não tem indícios?
NUTRIZ:
Acontece que está fora desta terra.
CORO:
Não te serves de coerção ao tentar
saber da doença e do desvio mental?
NUTRIZ:
Fiz de tudo, e nada mais consegui.
Mas nem agora não relaxarei o zelo,
para que tu presente testemunhes
como sou na má sorte dos senhores.
Vamos, minha filha, do dito antes
esqueçamos ambas, e sê tu mais doce,
solta o hórrido cenho e a via do saber,
eu, onde então não te seguia bem,
desisto e vou a outra melhor razão.
Se te dói um dos males interditos,
eis mulheres para tratar a doença;
mas se o mal se pode expor a varões,
diz, para revelar o fato aos médicos.
Por que te calas? Não te cales, filha,
mas, ou refuta-me, se não falo bem,
ou aquiesce às palavras bem faladas.
Diz algo! Olha para cá! Ai de mim!
Mulheres, fadigamos nesta faina vã,
e distamos igual antes, nem foi então
terna às falas, nem agora se persuade.
Sabe, porém, torna-te mais obstinada
nisso que o mar: se morreres, trairás
teus filhos, não terão da casa paterna,
oh aquela rainha equestre Amazona,
ela gerou entre teus filhos o herdeiro
bastardo a crer-se lídimo, sabe-o bem,

Hipólito...
FEDRA:
Oímoi!
NUTRIZ:
Isso te toca?
FEDRA:
Destruíste-me, mãe, e por Deuses
peço-te, cala-te sobre esse varão!
NUTRIZ:
Vês? Estás lúcida, mas lúcida não queres
ser útil aos filhos e conservar tua vida.
FEDRA:
Amo-os. De outra sorte sofro tormenta.
NUTRIZ:
Ó filha, tens as mãos puras de sangue?
FEDRA:
As mãos puras, mas a mente poluída.
NUTRIZ:
Por um mal vindo de algum inimigo?
FEDRA:
Amigo coagido destrói-me coagida.
NUTRIZ:
Teseu cometeu algum erro contra ti?
FEDRA:
Não me vejam jamais a tratá-lo mal!
NUTRIZ:
Que terror esse te move a matar-te?
FEDRA:
Deixa-me errar! Não erro contra ti.
NUTRIZ:
Nunca por anuir falharei contigo.
FEDRA:
Que fazes? Forças, pegando a mão?
NUTRIZ:
E teus joelhos. Não desistirei nunca.
FEDRA:
Mísera, se souberes, são teus males!
NUTRIZ:
Que mal maior do que não te tocar?
FEDRA:
Morrerás. O fato, porém, me honra.

NUTRIZ:
E ainda ocultas, se suplico por bem?
FEDRA:
Dos opróbrios produzimos os bens.
NUTRIZ:
Não serás mais honrada se disser?
FEDRA:
Para, por Deuses! Solta minha mão!
NUTRIZ:
Não, se não me dás o dom que peço.
FEDRA:
Darei, respeito a venerável mão tua.
NUTRIZ:
Calo-me já, agora a palavra é tua.
FEDRA:
Ó mísera mãe, que amor amaste!
NUTRIZ:
Amor ao touro, filha? Ou que dizes?
FEDRA:
Tu, ó mísera irmã, esposa de Dioniso!
NUTRIZ:
Filha, que sofres? Difamas a família?
FEDRA:
Eu, terceira, mísera, como termino!
NUTRIZ:
Estou atônita. Aonde irá a palavra?
FEDRA:
É de lá, não recente, nossa má sorte.
NUTRIZ:
Nada ainda sei do que quero ouvir.
FEDRA:
Pheû!
Como tu me dirias o que devo dizer?
NUTRIZ:
Não sou vate, a ver claro o invisível.
FEDRA:
O que dizem que é o humano amor?
NUTRIZ:
O mais doce e ainda o mesmo dó, filha.
FEDRA:
Nós teríamos usado só um dos dois.

NUTRIZ:
Que dizes? Amas, filha? Que homem?
FEDRA:
Seja quem for esse filho de Amazona.
NUTRIZ:
Dizes Hipólito?
FEDRA:
Ouves-te, não a mim.
NUTRIZ:
Oímoi! Que dirás, filha? Destruíste-me!
Mulheres, não suportarei o insuportável,
viva. Em odioso dia, avisto odiosa luz.
Lançar-me-ei, soltar-me-ei, livrar-me-ei
da vida, morta. Salve! Não sou mais eu.
Os prudentes, não por anuírem, porém,
amam os males. Cípris não era Deusa,
mas se há algo ainda maior que Deusa,
ela destruiu a esta, a mim e a esta casa.

CORO:
Soubeste — *ó!* — ouviste — *ó!* — [EST.]
as inauditas
míseras dores ditas pela rainha?
Amiga, morra eu, antes de tocar
teu espírito! *Ió moi, pheû pheû!*
Ó mísera, que dores são estas!
Ó dores nutrizes dos mortais!
Morreste, mostraste males à luz.
Que tempo te espera o dia todo?
Má novidade terminará em casa.
A sorte de Cípris não mais oculta
que míngua, mísera moça cretense.
FEDRA:
Mulheres trezênias, que viveis nesta
extrema fronteira da terra de Pélops,
por longo tempo à noite já refleti
como se destrói a vida dos mortais.
Não me parece que por sua opinião
estão pior, pois a prudência pertence
a muitos, mas deve-se aqui ver isto:
conhecemos as utilidades e sabemos,

e não praticamos, uns por preguiça,
outros por anteporem outro prazer
ao bem. Muitos prazeres há na vida,
longas palestras e ócio, álacre mal,
e pudor, duplo: um não é mau, o outro
oprime a casa. Se a ocasião fosse clara,
não seriam dois com as mesmas letras.
Quando me acontece pensar assim,
nenhum remédio há com que apagar
de modo a cair em opinião contrária.
Também te direi a via de meu saber.
Ao ferir-me o amor, intentava como
mais bem o suportaria, e principiei
então a calar e ocultar esta doença,
pois não se pode confiar na língua
que sabe aconselhar mentes alheias,
mas a si mesma se fez muitos males.
Depois, providenciei suportar bem
a insânia, vencendo com prudência.
Por fim, porque assim não pude
superar Cípris, eu decidi morrer,
a melhor e incontestável decisão.
Possa não ser oculta ao agir bem,
nem ter testemunhas ao agir mal!
Sabia inglórios o ato e a doença,
e mais, por ser mulher, bem sabia
repulsivos a todos. Morresse mal
a primeira que ultrajou leito com
forasteiros! De nobres casas, este
mal teve princípio entre mulheres.
Quando os nobres tomam decisões
más, a plebe crê serem muito boas.
Odeio as prudentes nas falas, mas
à socapa com ousadias não belas.
Como, ó rainha marinha Cípris,
olham elas para o rosto dos maridos
e não temem que as cúmplices trevas
e o teto da casa afinal soltem a voz?
Isso mesmo nos destrói, ó mulheres,
não me peguem em ultraje ao marido
nem aos filhos que gerei, mas livres

prósperos e francos vivam na ínclita
urbe de Atenas, por mãe gloriosos.
O varão, ainda que audaz, se faz servo,
ao conhecer os males da mãe ou do pai.
Dizem somente isto competir na vida,
a opinião justa e boa para quem a tem.
Entre mortais, o tempo mostra os maus,
ao lhes antepor espelho como perante
virgem. Ao lado deles nunca me veja!
CORO:
Pheû, pheû! Sempre bela é a prudência
e colhe entre os mortais nobre renome.
NUTRIZ:
Senhora, a circunstância nesse instante
me inspirou um terrível e súbito pavor.
Agora percebo a tolice. Entre mortais,
os pensamentos tardios são mais sábios.
Não sofreste nada estranho, nem fora
da conta, sobre ti caiu a ira da Deusa.
Amas. Que espanto? Muitos mortais
também. E por amar, perderás a vida?
Ora, não serve a quem ama o vizinho,
nem a quem amará, se devem morrer.
Cípris é irresistível, se irrompe forte.
Ela segue serena junto ao que cede.
A quem descobre superior e soberbo,
ao agarrá-lo, ultraja, como imaginas.
Anda pelo céu fulgente, está na onda
marinha — Cípris, e tudo dela surgiu.
Ela é semeadora e doadora de amor,
do qual todos na terra somos filhos.
Os que têm os escritos dos antigos
e que convivem sempre com Musas
sabem que Zeus desejou as núpcias
de Sêmele, sabem que resplandecente
Aurora levou Céfalo para os Deuses
por amor. Entretanto, moram no céu
e não são banidos longe dos Deuses.
Amam, vencidos pela situação, penso.
E tu não suportarás? Devesse teu pai
gerar-te para outros fados ou Deuses

donos, se não amares estes costumes.
Quantos, se veem turvar o leito, crês
que por bom senso parecem não ver?
Quantos pais com filhos desacertados
acobertam Cípris? Entre os sábios
cabe a mortais ignorar o indecente.
Mortais não penem demais na vida,
pois nem o telhado que coroa a casa
fariam com exatidão. Se em tal sorte
caíste, como pensas que escaparias?
Mas se tens mais bens do que males,
por seres mortal, estarias muito bem.
Mas, minha filha, cessa a má cisma!
Cessa a soberba! Não é senão soberba
isso de querer ser maior que Numes.
Ousa o amor! Assim um Deus quis.
Doente, bem reverte então a doença!
Há encantos e palavras encantatórias.
Aparecerá um remédio desta doença.
Ora, os varões o descobririam tarde,
se mulheres não inventarmos ardis.

CORO:

Fedra, ela indica o que é mais útil
à presente situação, mas eu te louvo.
Este louvor é mais doloroso e mais
difícil de ouvir que as palavras dela.

FEDRA:

Palavras belas demais, isso destruiu
casas e bem teúdas urbes de mortais.
Não se fale para o prazer de ouvidos,
mas por que se tornará bem glorioso!

NUTRIZ:

Que falas solene? Não de belas falas,
mas de varão necessitas. Veja-se logo
se palavra direta a teu respeito se fala.
Se a tua vida não estivesse nessa tal
situação, mas fosses mulher prudente,
não te traria aqui por causa de cama
e de teu prazer, mas é grande porfia
salvar a tua vida e isso não é negável.

FEDRA:

Ó terrível faladora, não te calarás?
Não rejeitarás as mais vis palavras?
NUTRIZ:
Vis, mas são melhores que as belas,
e o efeito, se te salvar, mais forte
que o nome de tua ufanada morte.
FEDRA:
Â! Deuses, não! Tu bem dizes vilezas.
Não vás além disso! Tenho bem lavrada
a vida por amor e, se bem dizes vilezas,
eu serei agora destruída pelo que evito.
NUTRIZ:
Se assim te parece, tu devias não errar,
mas se erras, ouve-me! A graça segue.
Tenho em casa um filtro encantatório
de amor. Veio-me agora o pensamento
de que sem vileza nem dano ao espírito
cessará a doença, se não fores covarde.
É necessário pegar de quem é desejado
um sinal ou cabelo ou fiapo de manto
e desses dois amarrar uma única graça.
FEDRA:
Será unguento ou poção esse remédio?
NUTRIZ:
Não sei. Queiras usar, não saber, filha!
FEDRA:
Temo que tu te mostres sábia demais.
NUTRIZ:
Sabe que temes tudo. Temes por quê?
FEDRA:
Que digas algo disto ao filho de Teseu.
NUTRIZ:
Descansa, ó filha! Isso eu farei bem.
Ó rainha marinha Cípris, somente tu
cooperes comigo! O mais que penso
nos bastará dizer aos nossos em casa.

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (525-564)]

CORO:
Amor, amor, que pelos olhos [EST. 1]
destilas desejo, ao dares doce

graça à vida de quem atacas,
não me pareças com mal,
nem venhas sem ritmo!
Dardo nem de fogo nem de astros supera
como Amor filho de Zeus
lança das mãos o de Afrodite.

Em vão, em vão, junto de Alfeu [ANT. 1]
e na pítia moradia de Febo,
Grécia faz mais matança bovina,
e não veneramos Amor soberano
dos varões, guardião dos aposentos
caríssimos de Afrodite, predador
e invasor de toda situação,
quando vem aos mortais.

Em Ecália Cípris jungiu [EST. 2]
potra sem jugo de leito,
inúbil e inupta antes,
longe da casa de Êurito,
qual veloz Náiade e Baca,
com sangue, com fumo,
com as sangrentas núpcias,
e deu ao filho de Alcmena,
ó mísero himeneu!

Ó sacra fortaleza de [ANT. 2]
Tebas, ó voz de Dirce,
diríeis como vem Cípris:
com trovão em chamas
a mãe de Baco binato
casou-se e deitou-se
com a sangrenta sorte.
Inspira todos os terrores
e qual abelha sobrepaira.

[SEGUNDO EPISÓDIO (565-731)]

FEDRA:
Calai-vos, ó mulheres. Estamos feitas.
CORO:
Que tens de terrível em casa, Fedra?
FEDRA:

Esperai, escuto o clamor dos de fora.
CORO:
Calo-me. Isso, porém, é mau proêmio.
FEDRA:
Ió moi, *aiaî!*
Ó misérrima, que sofrimentos meus!
CORO:
O que clamas? Que palavras bradas?
Diz, que voz súbito sobrevinda
ao espírito te apavora, ó mulher?
FEDRA:
Estamos perdidas. Perto das portas,
escutai que clamor tomba em casa.
CORO:
Tu junto à porta, importa-te a voz
vinda de casa,
diz-me, diz-me que mal aconteceu?
FEDRA:
O cavaleiro filho de Amazona grita,
Hipólito mal diz terrível aos servos.
CORO:
Ouço a voz, mas não tenho clareza,
ressoa como através das portas veio,
veio a ti o grito.
FEDRA:
É claro que fala à alcoviteira de males,
à traidora do casamento de seu dono.
CORO:
Ómoi! Que mal! Foste traída, amiga.
Que te aconselharei?
O oculto apareceu, tu sucumbiste
— *aiaî è é* — traída por um dos teus!
FEDRA:
Destruiu-me, ao contar meu infortúnio,
amiga, por bem, sem curar esta doença.
CORO:
E agora, que farás com males inelutáveis?
FEDRA:
Sei somente que morrer o quanto antes
é o único remédio dos males presentes.

HIPÓLITO:
Ó Terra mãe e raios de Sol,
que palavras nefandas ouvi!
NUTRIZ:
Cala-te, ó filho, antes que ouçam.
HIPÓLITO:
Ouvi terríveis, não há que calar.
NUTRIZ:
Sim, por teu bravo braço destro!
HIPÓLITO:
Não ponhas mão! Nem toques manto!
NUTRIZ:
Ô! Por teus joelhos, não me executes!
HIPÓLITO:
O quê, se dizes que nada mal disseste?
NUTRIZ:
Ó filho, não é essa a palavra comum.
HIPÓLITO:
Mais belo é dizer o bem na multidão.
NUTRIZ:
Ó filho, nunca desonres juramentos.
HIPÓLITO:
A língua jurou, o espírito não jurou.
NUTRIZ:
Que farás, filho? Executarás os teus?
HIPÓLITO:
Cuspi. Nenhum injusto é dos meus.
NUTRIZ:
Perdoa! Podem mortais errar, filho!
HIPÓLITO:
Ó Zeus, que manhoso mal a mortais,
as mulheres, instalaste à luz do Sol!
Se querias semear o ser dos mortais,
não devias oferecê-lo por mulheres,
mas pondo-se perante teus templos
ou bronze ou ferro ou peso de ouro
comprar-se cada semente de filhos
ao preço de seu valor e ter em casa
generoso domicílio, sem mulheres.
Agora para ter em casa o mal primeiro
comprometemos a opulência da casa.

Eis claro que grande mal é a mulher:
o pai genitor e criador, com acréscimo
de dotes, casa-a, para livrar-se do mal.
Quem, aliás, aceita em casa esse mal
alegra-se de oferecer adorno ao ícone,
belo ao péssimo, e orna-a com mantos
o mísero, a exaurir o pecúlio da casa.
Suporta coerção, feliz por boa aliança
de famílias, conserva amarga esposa,
ou possuindo boa esposa, mas parentes
inúteis, essa má sorte reprime o bem.
O mais fácil é a inepta, mas inútil
instala-se em casa mulher ingênua.
Odeio a sábia, não em minha casa
a mulher pense mais que convém.
Cípris engendra mais maleficência
nas sábias, e a mulher sem recurso
de pouco saber livra-se de luxúria.
Nenhum servo devia ir às mulheres,
mas feras sem voz morar com elas,
para que nem possam interpelar
nem receber de outrem a resposta.
Mas as más em casa têm os maus
desígnios, e serventes levam fora.
Tal vieste também tu, ó gente má,
para unir-me a leito intacto do pai?
Isso enxaguarei com água corrente
limpando os ouvidos. Como seria vil
eu que por ouvir penso não ser puro?
Vê bem, ó mulher, piedoso te salvo!
Se não me atassem juras dos Deuses,
não me deteria de dizer tudo ao pai.
Agora, estando Teseu fora de casa,
sairei de casa e ficarei em silêncio.
Mas ao retornar com o pai, verei
como tu e tua dona o defrontareis.
Saberei que provei de tua audácia.
Fineis! Não me fartarei de odiá-las
nem se me disserem dizê-lo sempre,
pois elas em algo sempre são más.
Ou agora lhes ensinem prudência,

ou deixem-me pisoteá-las sempre!

FEDRA:

Ó míseros de má sorte [ANT.]
destinos de mulheres,
agora, que arte ou razão temos,
falhas ao soltar o nó da razão?
Temos justiça. *Iò!* Terra e Luz,
como afinal escaparei da sorte?
Como ocultarei o mal, amigas?
Que Deus defensor, que mortal
parceiro, cúmplice de atos injustos
surgiria? O sofrimento nos vem
por inviável limite da vida.
A mulher de pior sorte, eu.

CORO:

Pheû pheû! Pronto, não deram certo,
senhora, artes de tua serva, está mal.

FEDRA:

Ó de todo má destruidora dos teus,
que me fizeste! Zeus, meu genitor,
te extirpe e extermine com o fogo!
Não disse, não preveni o teu espírito,
que calasses o que agora me arruína?
Não te contiveste, não mais teremos
morte gloriosa. Faltam-me novas falas.
Ele, com o espírito instigado por ira,
dirá ao pai, contra nós, os teus erros,
dirá ao velho Piteu as circunstâncias,
e de piores falas encherá a terra toda.
Pereçais tu e os propensos a prestar
desserviços a constrangidos amigos!

NUTRIZ:

Senhora, podes invectivar meus males,
o que te aflige domina a inteligência.
Posso ainda disso, se ouves, dizer-te:
criei-te, quero-te bem; buscando cura
de tua doença, encontrei o não quisto.
Se fosse bem, estaria entre os sábios.
É por termos sorte que somos peritos.

FEDRA:

Será isso justo e suficiente para mim?
Ao me ferires, acudir com palavras?
NUTRIZ:
Alongamos a fala. Não fui prudente.
Mas ainda há como sair disto, filha.
FEDRA:
Cessa a fala. Já antes não me deste
bons conselhos, e perpetraste males.
Mas, fora, vai-te, cuida de ti mesma,
eu farei bem o que me diz respeito.
Vós, ó nobres filhas de Trezenas,
eu vos peço, mantende tudo isto
em silêncio, ocultai o que ouvistes.
CORO:
Por augusta Ártemis, filha de Zeus,
juro nunca mostrar teus males à luz.
FEDRA:
Disseste bem. Só acrescentarei: [Barrett]
tenho um invento desta situação
para dar aos filhos vida gloriosa
e ganhar eu mesma com a queda.
Não aviltarei o palácio cretense,
e não irei à presença de Teseu
com desonra por uma só vida.
CORO:
Que irremediável mal irás fazer?
FEDRA:
Morrer. Como? Isso resolverei.
CORO:
Sê boa voz!
FEDRA:
E tu, bem adverte!
Darei a Cípris, que me destrói,
o prazer de eu abandonar a vida
hoje vencida por amargo amor.
Mas morta serei ainda a outrem
mal para que saiba não ser altivo
ante meus males, participe deste
meu mal e aprenda a ser prudente.

[SEGUNDO ESTÁSIMO (732-775)]

CORO:

Fosse eu a íngreme furna [EST. 1]
onde Deus me fizesse
alado pássaro
de um bando em vôo!
Alçasse-me eu às ondas
marinas da orla adriática
e às águas do Erídano,
onde irmãs de Faetonte
míseras nas vagas purpúreas
vertem com lacrimoso pranto
fulgores cor de âmbar!

Chegasse à orla de macieiras [ANT. 1]
das cantoras Hespérides,
onde o rei do mar
não mais guia os nautas
por via de água purpúrea
cumprindo venerável termo
do Céu, que Atlas sustém,
e fontes imortais vertidas
desde o leito de Zeus,
onde o divino chão dadivoso
amplia bom Nume aos Deuses!

Ó navio de alvas asas [EST. 2]
cretense, que por salina
onda estrepitosa do mar
trouxeste minha rainha de fausta casa
para o gozo de más núpcias!
Sob duplo mau presságio
voaram da terra cretense
à ínclita Atenas e na orla de Múnico
ataram pontas de cordas trançadas
e pisaram solo continental.

Com terrível distúrbio [ANT. 2]
de ilícito amor, Afrodite
assim lhe quebrou o espírito,
e submersa em situação difícil
atará suspenso ao teto nupcial
laço ajustado ao alvo pescoço,
vexada por Nume hediondo,

preferindo fama gloriosa
e afastando amor doloroso.

[TERCEIRO EPISÓDIO (775-1101)]

NUTRIZ (dentro):
Ioù ioú!
Socorrei todos vós próximos da casa!
Na forca, a rainha esposa de Teseu!
CORO:
Pheû pheû! Está feito! Já não vive mais
a mulher do rei, atada a suspenso laço.
NUTRIZ:
Apressai-vos! Não se terá o ambidestro
ferro, com que soltar o nó do pescoço?
CORO:
Amigas, que fazermos? Decidis entrar
em casa e tirar a rainha do laço puxado?
— Não estão presentes os servos jovens?
Muita atividade não torna a vida segura.
NUTRIZ:
Erguei e estendei o mísero cadáver,
esta amarga guarda de meu senhor.
CORO:
Está morta a mísera, ao que ouço,
eis que a estendem como cadáver.
TESEU:
Mulheres, sabeis que soa em casa?
Clamor grave de servos me chegou.
A casa não se digna abrir as portas
e benévola saudar-me por ser teoro.
A velhice de Piteu teve algo novo?
Tem a idade avançada, no entanto
lastimaríamos, se deixasse a casa.
CORO:
Esta sorte não atinge teus velhos,
Teseu. Afligem-te jovens mortos.
TESEU:
Oímoi! Não me tira filhos a vida?
CORO:
Vivem, morta a mãe, mais te dói.
TESEU:

Que dizes? Morreu a mulher? Como?

CORO:

Atou-se em laço de forca suspenso.

TESEU:

Tranzida de dor, ou por que motivo?

CORO:

Tanto sei, Teseu, cheguei agora
em casa, de luto por teus males.

TESEU:

Aiaî! Por que tenho a cabeça coroada
de folhas trançadas, teoro de má sorte?
Servos, soltai as trancas das portas,
tirai traves, para eu ver amarga visão
da mulher, que morta me destruiu.

CORO:

Iò iò! Mísera por míseros males!
Sofreste, fizeste
tanto que ruísse a casa.
Aiaî, que ousadia!
Morta por violência, por ímpio
concurso, tua mísera manobra.
Mísera, quem apaga tua vida?

TESEU:

Oímoi, meus males! Sofri, ó mísero, [EST.]
os maiores de meus males. Ó Sorte,
tão grave oprimiste a mim e à casa,
labéu nefando dalgum dos ilatentes,
destruição mesmo inviável à vida.
Vejo o pélago de males, ó mísero,
tanto que nunca mais reemergisse,
nem transpusesse a onda deste mal.
Mísera, com que palavra consigo
interpelar tua sorte de grave tombo?
Vais das mãos qual invisível pássaro,
lançada em abrupto salto em Hades.
Aiaî aiaî! Míseras, míseras dores!
De outrora de alhures cumpro
a sorte dos Numes por errores
de um dos antigos.

CORO:

Não tiveste estes males só tu, ó rei.
Com muitos outros perdeste boa esposa.

TESEU:
Quero habitar as subtérreas, subtérreas [ANT.]
trevas, morto, na escuridão, ó mísera,
privado de tua caríssima companhia,
pois destruíste mais do que pereceste.
De quem ouvir donde a sorte funesta
veio ao teu coração, ó mísera mulher?
Alguém diria o fato, ou o palácio real
cobre em vão a turba dos meu servos?
Ómoi moi! Mísero — *ió moi* — por ti! [Kovacs]
Mísero, que sofrimento vi em casa,
insuportável, indizível! Mas pereci,
erma está a casa, e os filhos, órfãos.
Aiaî aiaî! Foste, foste, ó minha
e a melhor das mulheres
todas que o brilho do Sol
e a luz sideral da Noite veem.

CORO:
Ó mísero, que mal a casa tem!
Tenho os olhos úmidos de lágrimas
por tua sorte.
Há muito temo a dor além desta.

TESEU:
Éa éa!
Que é esta carta suspensa de sua
mão? Ela quer dizer algo novo?
Ou a infeliz escreveu a missiva
a pedir-me por núpcias e filhos?
Coragem, mísera! Não há mulher
que entre no leito e lar de Teseu.
Até esta marca do sinete de ouro,
da que não é mais, me faz carícia.
Vamos, desata o cordão do selo!
Vê que esta carta nos quer dizer!

CORO:
Pheû pheû! Deus interpõe este novo
mal sucessivo. Diante deste decreto
seja sem vida a minha sorte na vida!

Digo que é destruída, não mais viva,
— *pheû pheû* — a casa dos meus reis.
Ó Nume, não arruínes, se possível,
a casa! Ouve-me a súplica! Algures,
qual adivinho, avisto mau presságio.

TESEU:

Oímoi! Que outro mal a mais do mal,
insuportável, nefando! Mísero de mim!

CORO:

Que é? Diz-me, se me for participável.

TESEU:

Grita, grita carta ilatente. Onde fugir
do peso dos males? Destruído, pereço.
Que melodia, que melodia
mísero vi ressoar nas letras!

CORO:

Aiaî, dizes a fala inicial de males!

TESEU:

Não mais nas portas da boca
reterei este mal intransponível
funesto! *Ió*, urbe!
Hipólito ousou tocar meu leito
à força, desonra do olho santo de Zeus.
Ó pai Posídon, se afinal me prometeste
três imprecações, com uma, executa
meu filho! Que não escape deste dia,
se me deste imprecações verdadeiras!

CORO:

Ó rei, revoga essa prece aos Deuses!
Reconhecerás ainda o erro, crê-me!

TESEU:

Impossível! Antes o expulsarei daqui.
De duas sortes, uma há de se cumprir:
ou Posídon o mandará à casa de Hades,
morto, por venerar-me as imprecações,
ou, exilado desta região, há de exaurir
triste vida, errante por terra estranha.

CORO:

Eis a tempo aqui o teu filho mesmo,
Hipólito. Despede a ira ruim, ó rei
Teseu, pensa no melhor para tua casa.

HIPÓLITO:
Ó pai, ouvi o teu clamor e vim
depressa. Por que clamas, porém,
não sei, mas gostaria de saber de ti.
Éa! O quê! Vejo tua esposa, ó pai,
morta! Isso causa o maior espanto.
Há pouco a deixei, contemplava
ela esta luz não faz muito tempo.
O que acontece? Pereceu como?
Ó pai, quero inteirar-me por ti.
Calas-te? Calar não cura males.
O coração, ávido de ouvir tudo,
se flagra sôfrego até nos males.
A amigo e mais que amigo, pai,
não é justo ocultares teus males.
TESEU:
Ó erradios e frívolos humanos,
por que ensinais dez mil artes
e tudo maquinais e descobris,
mas não sabeis nem perseguistes
o ensino da prudência aos néscios?
HIPÓLITO:
Falaste de hábil perito, que é capaz
de forçar imprudentes a pensar bem.
Mas não deves usar de sutilezas, pai.
Temo que tua língua transborde males.
TESEU:
Pheû! Os mortais deviam possuir claro
indício de amigos e distinção de espíritos,
quem é verdadeiro, e quem não é amigo.
Todos os homens deviam ter duas vozes,
uma justa e a outra qualquer que fosse,
para que as injustiças fossem refutadas
pela voz justa e não seríamos enganados.
HIPÓLITO:
Mas calunia-me a teus ouvidos algum
dos nossos e sofremos sem ter culpa?
Estou perplexo, perturbam-me as tuas
palavras distantes estranhas ao espírito.
TESEU:
Pheû, espírito mortal! Até onde irá?

Que será termo de audácia e ousadia?
Se isso se avolumar na vida humana,
e o posterior, suplantando o anterior,
for habilidoso, os Deuses deverão
juntar outra terra à terra para caber
os que nascem injustos e maldosos.
Observai este que de mim nascido
ultrajou meu leito e foi denunciado
pela morta por ser às claras o pior.
Já que cheguei à poluência, mostra
tua cara aqui mesmo diante do pai!
Tu convives com Deuses qual ímpar
varão? Tu, casto e isento de vícios?
Eu não teria em teus alardes confiança
de pensar mal supondo Deuses néscios.
Alardeia já! Por inanimado cardápio
comercia o pasto! Com Orfeu por rei
debaca honrando fumos de muitas letras!
Tu foste pego. A todos exorto fugirem
de tais homens, com palavras santas
são caçadores, maquinando vilezas.
Ela está morta, assim te crês salvo?
Assim mais te implicas, ó sórdido!
Que juras, que palavras poderiam
mais que ela, eximindo-te de culpa?
Dirás que ela te odiava e o bastardo
já nasce inimigo dos filhos legítimos?
Ora, má barganha da vida lhe atribuis,
se, por ser hostil a ti, perdeu os seus.
Mas como não há luxúria nos varões,
e surge nas mulheres? Sei que os jovens
não são mais irresvaláveis que mulheres,
quando Cípris perturba o espírito juvenil,
e a virilidade exposta lhes tem serventia.
Agora — por que debater com tuas falas,
presente a morta, testemunha claríssima?
Some desta terra, o mais breve, banido!
E não vás à Atenas edificada por Deuses,
nem a confins de terra onde tenho poder!
Se assim tratado por ti eu for submisso,
Sínis do Istmo não testemunhará nunca

que o matei, mas que faço vãos alardes,
e as pedras Cirônides consortes do mar
dirão que eu não sou duro com os maus.
CORO:
Não sei como diria ter boa sorte algum
mortal, com os nobres de ponta cabeça.
HIPÓLITO:
Ó pai, o ânimo e tensão de teu espírito
são terríveis, mas a causa de belas falas,
se fosse explicada, não seria essa beleza.
Sou deselegante ao falar perante muitos;
perante colegas e poucos, sou mais hábil.
Isto ainda faz parte, os pífios entre sábios
falarem com mais Musa perante muitos.
É forçoso, porém, na presente situação,
soltar a língua. Principio por dizer antes
onde antes me vieste querendo destruir
sem que eu contradissesse. Vês esta luz
e terra. Não há nelas, ainda que negues,
varão que nasceu mais casto do que eu.
Tenho a ciência de venerar os Deuses,
e ter amigos inexperientes de injustiças,
mas que têm pudor de más instruções
e de retribuir aos que cometem vilezas,
não sou de zombar dos parceiros, ó pai,
mas o mesmo, se ausentes ou presentes.
Estou intacto de onde crês que me tens,
até este dia o corpo está puro de núpcias.
Desconheço esse ato, exceto por ouvir
e ver figura, mas nem estou propenso
a observar isso, por ter a vida virgínea.
Minha castidade não te persuade. Seja!
Deves tu mostrar como eu me corrompi.
Era o corpo dela o mais belo de todas
as mulheres? Ou contava que, casado
com a herdeira, moraria em tua casa?
Ora, seria inútil, sem nenhuma razão.
Por que aos prudentes é doce ser rei?
Nunca, se não se destruiu o espírito
de mortais aos quais apraz monarquia.
Eu quereria vencer nos jogos gregos

primeiro, mas segundo na urbe ter
boa sorte sempre com os melhores,
pois pode-se agir. Ausente, o perigo
concede graça maior que a realeza.
De mim algo não disse, tens o mais.
Se com testemunhas de como sou
e quando ela via a luz, debatesse,
distinguirias pelas ações os maus.
Por Zeus jurado e o chão da terra,
juro nunca ter tocado tua esposa,
nem ter querido, nem ter pensado.
Morresse eu sem glória nem nome
nem urbe nem casa, banido errante!
Nem mar nem terra não recebesse
meu corpo morto, se fui varão vil!
Por que temor ela perdeu a vida,
não sei, dizer mais não me é lícito.
Ela foi prudente sem ter prudência,
e nós tendo-a não a usamos bem.

CORO:

Disseste bastante repulsa de culpa,
ao jurar, não pouco aval de Deuses.

TESEU:

Ora, ele não é cantor e encantador,
que confia dominar a minha vida
por boa índole, desonrador do pai?

HIPÓLITO:

O mesmo também admiro em ti, pai,
pois se tu fosses filho e eu o teu pai,
eu te mataria, não puniria com exílio,
se pretendesses tocar minha mulher.

TESEU:

Que digno o disseste! Não morrerás
como propuseste lei para ti mesmo.
Hades rápido é fácil na sorte difícil,
mas, banido da terra pátria e errante,
exaurirás triste vida em terra estranha,
pois essa é a paga para homem ímpio.

HIPÓLITO:

Oímoi, que farás? Não terás o tempo
por meu delator, mas me expulsarás?

TESEU:
Além de Mar e da região de Atlas,
se eu assim pudesse, tanto te odeio.
HIPÓLITO:
Sem ver jura, nem aval, nem voz
de oráculos, sem juízo, me banirás?
TESEU:
Esta carta, sem ter recebido oráculo,
acusa-te, confiável. Às aves acima
frequentes eu lhes digo muito salve!
HIPÓLITO:
Ó Deuses, por que não abro a boca,
quando por vós que venero pereço?
Não. Sem persuadir a quem deveria,
quebraria em vão o meu juramento.
TESEU:
Oímoi, tanta santidade tua me mata!
Não irás o mais rápido fora da pátria?
HIPÓLITO:
Aonde me volto mísero? De que hóspede
visitarei a casa, banido por essa causa?
TESEU:
Quem se compraz em receber hóspede
corruptor de mulheres e sócio de males.
HIPÓLITO:
Aiaî no fígado! Isto é perto de lágrimas,
se te pareço vil e assim crês que sou.
TESEU:
Devias lastimar e antecipar outrora,
ao ousares ultrajar a mulher do pai.
HIPÓLITO:
Ó palácio, se pudesses vibrar voz
serias testemunha se fui varão vil!
TESEU:
Hábil refúgio, testemunhas sem voz!
Sem falar, não denuncia teu malfeito.
HIPÓLITO:
Pheû!
Se pudesse olhar-me de frente ereto,
como choraria que males sofremos!
TESEU:

Treinaste muito mais veneração a ti
do que agir lícito sendo justo ao pai.
HIPÓLITO:
Ó mãe misérrima, ó prole amarga,
ninguém dos meus fosse bastardo!
TESEU:
Não o tirareis, servos? Não ouvistes
que há muito proclamei o seu exílio?
HIPÓLITO:
Ora, um deles, choroso, me tocará.
Se te animas, expulsa-me tu da terra!
TESEU:
Assim farei, se fala não te persuadir.
Nenhum dó de teu exílio me comove.
HIPÓLITO:
Está feito, parece. Ó mísero de mim,
porque o sei, mas não sei como dizer!
Ó meu mais caro Nume, filha de Leto,
com sede e caça comum, serei banido
de ínclita Atenas! Vamos, saúde-se urbe
e terra de Erecteu! Ó solo de Trezenas,
que podes ser jovem com bom Nume,
salve! Pela última vez à vista interpelo.
Ide, ó meus jovens colegas desta terra!
Saudai-nos e escoltai-nos do território!
Não vereis outro varão mais prudente,
ainda que a meu pai assim não pareça.

[TERCEIRO ESTÁSIMO (1102-1152)]

SERVO:
As curas dos Deuses, quando vêm ao espírito, [EST. 1]
tiram grande aflição. Desisto de ter esperança
de entender, ao ver as sortes e atos de mortais.
Uns com os outros se trocam e muda-se a vida
de varões sempre com muitas errâncias.

CORO:
Por esta prece possa Parte dar-me dos Deuses [ANT. 1]
próspera sorte e ânimo sem mistura de dores!
Não me seja a opinião nem rígida nem espúria!
A índole mutante dócil ao tempo de amanhã

conceda boa sorte na vida!

SERVO:

Não mais com espírito puro, vi o inesperado, [EST. 2]
quando fúlgido astro de Afaia grega
vimos, vimos lançado em terra alheia
por ira paterna.
Ó areias da orla urbana!
Ó carvalhais monteses, onde com cães
de ágeis pés despojava feras
junto à veneranda Dictina!

CORO:

Não pisarás mais carro de potros vênetos, [ANT. 2]
correndo com pés de cavalo treinado.
Musa insone sob o arco das cordas
cessará na casa paterna.
Sem coroas repousa a filha
de Leto na floresta profunda.
A esponsal competição das moças
por núpcias se perde com teu exílio.

Eu por tua má sorte [EPODO]
suportarei com lágrimas
o lance sem lance. Ó mísera mãe,
foste mãe sem proveito, *pheû!*
Enlouqueço com Deuses.
Iò ió,
Graças jungidas, por que da pátria mísero
sem culpa de ruína
expulsais desta casa?

Vejo que este servo de Hipólito vem
depressa com rosto sombrio ao palácio.

[QUARTO EPISÓDIO (1153-1267)]

MENSAGEIRO:

Onde nesta terra iria encontrar
o rei Teseu, mulheres? Se sabeis,
dizei-me. Ele estaria em casa?

CORO:

Ele mesmo está saindo de casa.

MENSAGEIRO:

Teseu, trago notícia digna de pesar
para ti e para os cidadãos da cidade
de Atenas e dos confins de Trezenas.
TESEU:
O que é? Outra nova circunstância
envolveu as duas cidades vizinhas?
MENSAGEIRO:
Hipólito já não vive, pode-se dizer.
Vê a luz, todavia, por breve instante.
TESEU:
Por quê? Alguém se inimistou dele,
por violentar esposa como à do pai?
MENSAGEIRO:
O próprio porte do carro o destruiu,
e as preces que tu de tua boca oraste
a teu pai, rei do mar, contra teu filho.
TESEU:
Ó Deuses! Ó Posídon, foste meu pai
verdadeiro, ouvindo minhas preces!
Como pereceu? Diz! Como a clava
da Justiça o feriu por me desonrar?
MENSAGEIRO:
Nós, próximos à praia batida de ondas,
com escovas penteávamos crinas equinas
aos prantos, pois mensageiro veio e disse
que Hipólito não mais voltaria a pôr o pé
nesta terra, suportando por ti triste exílio.
E com o mesmo tom de pranto que nós,
ele veio à praia e o séquito de dez mil
dos seus e agregados colegas o seguem.
Com tempo afinal livre do choro disse:
"Por que errar? Ouça-se a fala do pai!
"Atrelai as éguas jungidas aos carros!
"Servos, esta urbe não mais é minha."
Em seguida todo varão se apressava,
e mais breve do que se diria pusemos
as potras prontas junto ao seu dono.
Pôs as mãos nas rédeas do anteparo,
tendo calçado os pés com as botinas.
Ergueu as mãos e disse aos Deuses:
"Zeus, se fui varão vil, não mais viva!

“Perceba o pai como nos desonrou,
“se somos mortos ou vemos a luz!”
Nesse ínterim, com açoite na mãos,
conduzia as potras. Servos no carro
perto dos freios seguíamos o dono
por via reta para Argos e Epidauro.
Quando entramos em região erma,
há uma ponta por acolá desta terra,
já situada diante do Sarônico Mar.
Aí eco térreo, qual trovão de Zeus,
soltou grave estalo hórrido de ouvir,
as éguas têm cabeça e orelhas retas
ao céu, e era conosco forte pavor.
Donde era o som? Ante as escarpas
marulhosas vimos sacro vagalhão
erguido no céu de modo a impedir
minha visão das escarpas de Círon,
e cobria Istmo e pedra de Asclépio.
Então, a espuma túrgida ao redor
bem borbulhante ao sopro do mar
vai à praia onde corria a quadriga.
Com o vagalhão e a tríplice vaga,
onda mostrou touro, rude portento.
A terra toda repletada por sua voz
ressoava horrenda e aos que viam
a visão parecia superior às vistas.
Logo terrível pavor cai nas potras,
e por muito convívio dos hábitos
equinos, o dono tomou as rédeas
e puxa o remo, qual marinheiro,
com o corpo preso a correias atrás.
Elas com o ígneo freio nos dentes
puxam à força, nem mão de piloto,
nem o cabresto, nem o carro coeso
não as revolvendo. Se com o timão
guiava o carro para a terra macia,
o touro surgia na frente de modo a
volver, infundindo pavor à quadriga.
Se aturdidas puxavam para as pedras,
seguia silente próximo ao anteparo,
até que ele as fez resvalar e revirar

ao bater numa pedra a roda do carro.
Tudo se confunde, os cubos saltam
das rodas e as cavilhas dos eixos,
e ele, mísero, enlaçado nas rédeas,
arrastado, atado a inextricável atilho,
moendo a própria cabeça nas pedras,
rompendo carne e gritando terrível:
"Parai, ó crias de minhas cocheiras!
"Não me mateis! Mísera prece do pai!
"Quem presente salvará nobre varão?"
Muitos na tentativa fomos relegados
por tardo passo. Ele, livre do atilho
das lavradas correias não sei como,
tomba, respirando ainda breve alento.
As éguas e infausto portento de touro
sumiram não sei onde no chão rochoso.
Eu sou servidor em teu palácio, ó rei,
mas não poderei nunca me persuadir
de que teu filho fosse vil, ainda que
todo o gênero feminino se enforcasse
e de letras se enchessem os pinhais
no Ida, porque sei que ele é honesto.

CORO:

Aiaî! A situação é de novos males.
Não se foge da Parte e do Devido.

TESEU:

Por ódio ao varão que assim sofreu,
gostei do anúncio, agora por receio
dos Deuses e dele, já que ele é meu,
não gosto nem desgosto destes males.

MENSAGEIRO:

Então? Devo trazê-lo, ou que fazer
do mísero para que nós te agrademos?
Reflete! Se ouvires meus conselhos,
não serás rude com teu filho de má sorte.

TESEU:

Trazei-o para eu ver diante dos olhos
e refutar por razão e junção de Numes 1267
esse que nega ter tocado o meu leito. 1266

[QUARTO ESTÁSIMO (1268-1281)]

CORO:

O indômito coração de Deuses e de mortais
tu levas, ó Cípris, e contigo
o de asa volúvel ao circundar
com asa velocíssima
e sobrevoa a terra
e o rumoroso mar salino.
Amor fascina o coração louco
e alado ataca com áureo fulgor,
e filhotes monteses e marinhos,
e todos os que a terra nutre
e o brilhante Sol contempla,
e varões. Somente tu, Cípris,
tens de todos eles honra de rainha.

[ÊXODO (1282-1466)]

ÁRTEMIS:

Ó nobre filho de Egeu,
exorto-te a escutar-me.
Ártemis, filha de Leto, te falo.
Teseu, mísero, por que te apraz
essa ilícita matança de teu filho,
confiado em falsa fala da esposa,
sem ter visto? Tens visível ruína.
Como sob a terra no Tártaro
não te escondes de vergonha,
ou acima transfeito em vida alada
não retiras o pé fora desta dor?
Entre os bons varões
não participas da vida.

Ouve, Teseu, a lista de teus males.
Não me alongarei, não te afligirei,
mas vim mostrar o coração justo
de teu filho, que morra glorioso,
e o estro de tua mulher, ou, certo,
nobreza. Ferida por ferrão da pior
dos Deuses para nós prazenteiras
de ser virgem, desejou teu filho.
Tentando vencer Cípris em saber,
morreu invita por ardis da nutriz,

que ao teu filho sob jura disse
o distúrbio. Justo não aprovou
as palavras e maltratado por ti
por ser pio não defez fé jurada.
Ela por temor de cair refutada
escreveu escrita falsa e destruiu
teu filho, dolosa, mas persuadiu.

TESEU:

Oímoi!

ÁRTEMIS:

Teseu, a palavra te pica, mas tem calma,
porque ouvindo o seguinte chorarás mais.
Sabes que tens três preces claras do pai?
Uma das três lançaste, ó misérrimo tu,
em teu filho, podendo ser em inimigo.
O teu pai marinho com bela prudência
concedeu quanto devia, já que aprovou.
Tu te mostras vil, diante dele e de mim,
não esperaste fé nem palavra de vates,
não examinaste, nem por longo tempo
perquiriste, mas mais breve que devias
imprecaste contra teu filho e o mataste.

TESEU:

Senhora, que eu morra!

ÁRTEMIS:

Terríveis atos,
mas ainda podes obter o perdão disso.
Cípris queria de modo a suceder assim,
cheia de ímpeto. Assim é lei dos Deuses:
ninguém quer se contrapor ao empenho
de quem concede, mas sempre se afasta.
Logo, sabe claro, se não temesse Zeus,
eu não chegaria nunca a esta vergonha
de deixar morrer o mais caro a mim
de todos os mortais. Por tua erronia,
primeiro a insciência ouviu a vileza;
depois, ao morrer, a mulher destruiu
as provas faladas, para te persuadir.
Máximos te surgem estes males a ti,
e a mim, aflição. Deuses não gostam
da morte dos pios, mas destruímos

malfeitores, seus filhos e suas casas.

CORO:

Miserando ele aí está vindo,
maltratado nas carnes jovens
e cabeça loira. Ó dor em casa,
que duplo luto na residência
recebido de Deus se cumpre!

HIPÓLITO:

Aiaî aiaî!
Mísero, por oráculo injusto
de pai injusto fui maltratado.
Morri, mísero, *oímoi moi!*
Dores me assaltam a cabeça.
Convulsão ataca o encéfalo.
Para! Pouse corpo interdito!
È é!
Ó horrendo veículo equino
nutrido por minha mão,
destruíste-me, mataste-me!
Pheû pheû! Por Deuses, servos, sem tremor
tocai a pele ferida com ambas as mãos!
Quem está do lado direito?
Tomai-me aptos, puxai juntos
o de mau Nume e imprecado
por erro do pai. Zeus, Zeus, tu o vês?
Este santo sou eu, cultor de Deus.
Este, superior a todos em prudência,
estou indo a previsto Hades, toda
a vida perdi e fadigas vãs
da veneração
entre homens sofri.

Aiaî aiaî!
Agora ainda a dor, a dor me vem.
Deixai-me, a mim, mísero,
e venha-me Morte Péan!
Executai-me! Executai
o de mau Nume! Peço lança bigúmea.
Despedaçai e dai repouso
à minha vida!
Ó infausta prece de meu pai!

Conspurcado de matança
provém de prístinos avós
mal congênito e não espera,
veio a mim. — Por quê,
se não sou causa de males?
Ió moi moi!
Que dizer? Como livrar
minha vida
desta insofrível dor?
Possa-me adormecer
a mim de mau Nume
Coerção negra noturna de Hades!

ÁRTEMIS:
Ó mísero, a que injunções jungido!
A nobreza de espírito te destruiu.
HIPÓLITO:
Éa!
Ó divino sopro de olor! Até nos males
eu te percebi e reconfortou-me o corpo.
Neste lugar aqui está a Deusa Ártemis.
ÁRTEMIS:
Ó mísero, está a mais tua dos Deuses!
HIPÓLITO:
Vês-me, senhora, que mísero estou?
ÁRTEMIS:
Vejo, mas é ilícito o choro dos olhos.
HIPÓLITO:
O teu caçador não está, nem o servo!
ÁRTEMIS:
Não mesmo, mas caro a mim morres.
HIPÓLITO:
Nem o cavaleiro, nem o imagineiro!
ÁRTEMIS:
Cípris, que tudo ousa, assim tramou.
HIPÓLITO:
Oímoi! Sei o Nume que me matou.
ÁRTEMIS:
Reclamou de honra, odiava o casto.
HIPÓLITO:
Ela, uma, nos destruiu os três, vi.

ÁRTEMIS:
Ao pai, a ti e, terceira, à sua esposa.
HIPÓLITO:
Lastimei ainda o infortúnio do pai.
ÁRTEMIS:
Enganado no conselho do Nume.
HIPÓLITO:
Ó tu, pai, nesta infausta situação!
TESEU:
Morri, filho, não há graça na vida.
HIPÓLITO:
Choro-te mais que a mim pelo erro.
TESEU:
Fosse morto eu em vez de ti, filho!
HIPÓLITO:
Ó amargos dons de teu pai Posídon!
TESEU:
Não viessem nunca à minha boca!
HIPÓLITO:
Por quê? Com tua ira me matarias.
TESEU:
Resvalamos por opinião de Deuses.
HIPÓLITO:
Pheû!
Imprecassem os mortais aos Numes!
ÁRTEMIS:
Deixa! Nem sob as trevas da terra
as iras por empenho da Deusa Cípris
desonrosas não te atingirão o porte
graças a tua piedade e bom espírito.
Eu com minha mão a quem dela
for o mais caro dentre os mortais
punirei com este arco inevitável.
Ó pobre, por estes males te darei
honras máximas na urbe trezênia,
as moças inuptas antes das núpcias
cortam cabelos por ti por longa era,
colhedor de máximo luto choroso.
Sempre a canção das virgens será
teu pesar e sem tombar sem nome
o amor de Fedra por ti não calará.

Tu, ó filho do antigo Egeu, recebe
o teu filho nos abraços, e abraça!
Ínscio o mataste, e entre homens,
se Deuses dão, é natural a erronia.
A ti, aconselho-te não odiar o pai,
Hipólito. Tens parte como finaste.
Salve! Não me é licito ver finados,
nem roçar vista em suspiro fúnebre,
mas já próximo desse mal te vejo.

HIPÓLITO:

Salve e vai-te, ó virgem faustosa!
Deixas facilmente longo convívio.
Cesso rixa com o pai porque queres,
persuadiram-me antes tuas palavras.
Aiaî! Trevas já me ferem os olhos.
Pai, toma-me e ergue-me o corpo!

TESEU:

Oímoi! Filho, que faz mau Nume?

HIPÓLITO:

Morri e já vejo os ínferos portões.

TESEU:

Abandonando impura minha mão?

HIPÓLITO:

Não, porque te liberto desta morte.

TESEU:

Que dizes? Livras-me do sangue?

HIPÓLITO:

Testemunha-me Ártemis arqueira.

TESEU:

Ó caro, que nobre te mostras ao pai!

HIPÓLITO:

Salve, ó tu, pai, salve muitas vezes!

TESEU:

Oímoi, teu espírito piedoso e bom!

HIPÓLITO:

Peço que tenhas filhos lídimos tais.

TESEU:

Não me abandones, filho! Resiste!

HIPÓLITO:

Já resisti. Morro, ó pai! Cobre-me
o mais breve o rosto com o manto!

TESEU:

Ó ínclitos lindes de Afaia e de Palas,
que varão perdeis! Ó mísero de mim,
ó Cípris, lembrarei muito teus males!

CORO:

Comum a todos os cidadãos
esta dor veio inesperada.
O som será de muito pranto.
Mais condigna de luto
a fama contém os grandes.

ANDRÔMACA

As personagens do drama:
Andrômaca
Serva
Coro
[Filho de Andrômaca]
Hermíone
Menelau
Molosso
Peleu
Nutriz
Orestes
Mensageiro
Tétis

ARGUMENTO DE *ANDRÔMACA*

Neoptólemo em Troia recebeu por prêmio Andrômaca, mulher de Heitor, e teve um filho dela. Depois desposou Hermíone, filha de Menelau. Por ter primeiro pedido justiça a Apolo em Delfos pela morte de Aquiles, arrependido voltou ao oráculo a fim de apaziguar o Deus. Por ciúmes de Andrômaca, a rainha lhe tramava a morte, tendo chamado Menelau. Andrômaca escondeu o filho e refugiou-se no santuário de Tétis. Os servos de Menelau descobriram o filho e mediante engano a reouveram e, quando iam imolar a ambos, a aparição de Peleu os impediu. Menelau então partiu para Esparta, Hermíone se arrependeu, receosa da chegada de Neoptólemo. Ao chegar, Orestes a conduziu, persuadida, e tramou contra Neoptólemo. Tendo este sido morto, os que o transportavam apareceram. Quando Peleu ia prantear o cadáver, Tétis apareceu e determinou que o sepultasse em Delfos, enviasse Andrômaca com o filho à terra dos molossos e recebesse ele mesmo a imortalidade. Por obtê-la, residiu nas ilhas dos venturosos.

ARGUMENTO DO GRAMÁTICO ARISTÓFANES DE *ANDRÔMACA*

A cena se situa em Ftia. O coro se compõe de mulheres da Ftia. Andrômaca diz o prólogo. O drama é dos segundos. O prólogo se diz com clareza e eloquência. As elegias do lamento de Andrômaca também. Na segunda parte, a palavra de Hermíone mostra a realeza e a fala a Andrômaca não está mal. Também Peleu está bem ao libertar Andrômaca. Drama representado cerca de 425 a.C.

[PRÓLOGO (1-116)]

ANDRÔMACA:

Forma de terra asiática, urbe tebana,
donde com multiáureo luxo de dote
cheguei um dia ao régio lar de Príamo,
esposa procriadora cedida a Heitor,
Andrômaca, tempo antes invejada,
agora se outra mulher de pior sorte
que eu nasceu, ou nascerá um dia,
eu que vi o esposo Heitor ser morto
por Aquiles e das torres retas jogado
o filho Astíanax, que dei ao esposo,
ao pilharem os gregos o solo troiano.
Tendo pertencido à casa mais livre
cheguei eu mesma cativa à Grécia,
prêmio de lança ao ilhéu Neoptólemo,
dom seleto do espólio das troianas.
Moro na planície contígua desta Ftia
e desta urbe Farsália, onde a marinha
Tétis vivia com Peleu, sem os homens,
fugindo à multidão, e o povo tessálio
pelas núpcias da Deusa o diz Tetídio.
Aqui o filho de Aquiles tem esta casa,
e deixa Peleu ser rei da terra farsália,
sem querer ter o cetro, vivo o ancião.
Eu neste palácio gerei o filho varão,
unida a meu dono, filho de Aquiles.
Antes, ainda que jazesse entre males,
no filho salvo sempre tive esperança
de descobrir força e defesa dos males.
O dono desposa a lacônia Hermíone,
tendo desprezado o meu leito servil,
e ela me persegue com males cruéis.
Ela alega que eu com drogas secretas
faço-a sem-filho e odiosa ao marido
e quero em vez dela morar nesta casa
e repelir com violência o seu leito,
que primeiro a contragosto aceitei
e agora deixei. Saiba o grande Zeus
que a contragosto servi a este leito,

mas não a convenço, quer me matar,
e nisso o pai Menelau ajuda a filha.
Agora está em casa, veio de Esparta
para esse fim. Eu, apavorada, vim
a este templo de Tétis ao lado de casa
sentar-me, se me impedir de morrer.
Peleu e os filhos de Peleu o veneram,
monumento das núpcias da Nereida.
O único filho meu enviei, às ocultas,
a outra casa, de medo que o matem.
O pai dele não está presente que me
auxilie, nada é para o filho, ausente
por terra délfica, onde paga a Lóxias
pena da loucura de um dia ir a Delfos
pedir a Febo paga do pai que matou,
caso pedindo escusa de erros antigos
tivesse doravante benévolo o Deus.
SERVA:
Senhora, eu não evito com este nome
te chamar, porque em casa te honrava,
quando vivíamos na planície de Troia,
lá queria bem a ti e a teu marido, vivo;
e agora aqui venho te trazer falas novas,
com medo, se um dos donos perceber,
mas com dó de ti, pois tramam terríveis
Menelau e a filha contra ti, acautela-te!
ANDRÔMACA:
Ó colega serva, (pois colega serva és
da antiga senhora, agora com má sorte),
que fazem? Que ardis, aliás, eles urdem,
dispostos a matar a mim de todo mísera?
SERVA:
Ó tu de má sorte, eles vão matar teu
filho, que escondeste fora do palácio.
Menelau saiu de casa em busca dele.
ANDRÔMACA:
Oímoi! Soube do meu filho exposto?
Como? Ó mísera, que estou perdida!
SERVA:
Não sei, mas deles eu ouvi dizer isso.
ANDRÔMACA:

Estou perdida! Ó filho, se te pegam,
os dois abutres te matam e dá-se que
o pai, chamado, ainda está em Delfos.
SERVA:
Penso que se ele presente não estarias
tão mal, mas de fato estás sem amigos.
ANDRÔMACA:
Não veio de Peleu o rumor que viria?
SERVA:
Ele é velho para te ser útil, se presente.
ANDRÔMACA:
Todavia, pedi por ele não uma só vez.
SERVA:
Crês que um mensageiro cuide de ti?
ANDRÔMACA:
Como? Queres ser meu mensageiro?
SERVA:
Que direi por demorar fora de casa?
ANDRÔMACA:
Terias muitos ardis, pois és mulher.
SERVA:
Há risco, Hermíone guarda não pouco.
ANDRÔMACA:
Vês? Renegas teus amigos nos males.
SERVA:
Não! Não me repreenderás por isso,
mas irei, por não ser notável a vida
de mulher servil, nem se se der mal.
ANDRÔMACA:
Vai! Lamúrias, lágrimas e gemidos,
aos quais desta vez nos entregamos,
estenderemos ao céu, pois é inato
à mulher o prazer de cada vez ter
os seus males na boca e na língua.
Posso chorar não um, mas muitos,
a urbe paterna e o finado Heitor
e o duro Nume com que me jungi
ao cair indignamente em dia servil.
Nunca deves dizer um mortal feliz
antes que vejas como o último dia
transcorreu e morto chegou aos ínferos.

Na íngreme Ílion, Páris levou ao leito
não núpcias, mas ruína, a bela Helena,
por quem ágil Ares de mil naus gregas
ó Troia, fez-te presa de lança e de fogo.
O filho de Tétis marinha puxou de carro
meu esposo Heitor ao redor dos muros,
mísera me levam de casa à praia do mar
ao vestir em mim a hedionda escravidão.
Muito pranto me caiu do rosto, ao deixar
a cidade, os aposentos e o esposo em cinzas.
Ómoi! Que luz eu ainda devia ver, mísera
serva de Hermíone? Por ela perseguida,
súplice abraçando esta estátua da Deusa,
pranteio como o fluxo da fonte da pedra.

[PÁRODO (117-146)]

CORO:

Ó mulher, que no solo do templo de Tétis [EST. 1]
te sentas
e há longo tempo não o deixas,
filha da Ftia, vim a ti, filha da Ásia,
se eu te pudesse
obter um remédio dos insolúveis males
que te fecharam a ti e Hermíone em odiosa rixa,
mísera, por leitos
gêmeos, com marido
comum, o filho de Aquiles.

Conhece a sorte! Pensa no presente mal [ANT. 2]
em que estás!
Lutas com os senhores,
lacedemônios natos, sendo tu filha de Ílion?
Deixa a casa
de ovinos sacrifícios da Deusa marinha.
Que lucras aflita, desfeito o corpo, a prantear
senhoriais coerções?
O poder te suplanta.
Por que te fadigas, se não és nada?

Vai! Deixa a bela sede da Deusa Nereida! [EST. 2]
Reconhece que estás cativa,
fora de casa, forasteira,

onde não vês nenhum
dos teus amigos,
ó de sorte pior, ó mísera noiva!

Lastimável tu me vens, ó mulher de Ílion, [ANT. 2]
à casa de meus senhores,
ficamos quietas de medo,
mas apiedo-me de ti.
A filha da filha de Zeus
não saiba que te quero bem!

[PRIMEIRO EPISÓDIO (147-273)]

HERMÍONE:

Adorno de áureo esplendor na cabeça,
e porte de variadas vestes no corpo,
não os tenho aqui como primícias
do palácio de Aquiles ou de Peleu,
mas oriundos de Esparta na Lacônia,
meu pai Menelau com muitos dotes
deu-me, de modo a eu ter a voz livre.
Respondo-vos, pois, com esta fala.
Tu, por seres serva e cativa de guerra,
queres expulsar-me e possuir a casa,
sou odiosa ao marido por tuas drogas,
e o meu ventre, infértil por ti, perece.
Hábeis em tais artes são as mulheres
continentais, entre as quais te deterei.
Não te será útil este templo da Nereida,
nem o altar, nem o nicho, mas morrerás.
Mas se mortal ou Deus quiser te salvar,
em vez do espírito antes próspero, deves
curvar-te humilde e cair ante meu joelho,
varrer minha casa, semeando de áurea
jarra com a mão orvalho de Aqueloo,
e saber onde estás. Não é Heitor isto,
nem Príamo nem ouro, mas urbe grega.
Chegaste a tanta ignorância, ó infeliz,
ousaste unir-te ao filho do matador
de teu marido e dos matadores gerar
filhos. Tal é todo o gênero dos bárbaros:
pai junta-se com filha, filho com mãe,

e irmã com irmão, matam-se os seus,
e a tradição não lhe proíbe nada disso.
Não nos tragas isso, pois não é belo
um só varão cavalgar duas mulheres,
mas com olhos num só leito de Cípris
contenta-se quem não quer viver mal.

CORO:

O espírito da mulher é algo ciumento
e sempre muito hostil a rivais do leito.

ANDRÔMACA:

Pheû pheû!
Mal a mortais é o novo, e nesse novo,
a injustiça, seja quem for que a tenha.
Temo que o fato de ser eu tua cativa
muitas vezes me impeça dizer o justo
e se aliás vencer, por isso seja punida.
Os grandes mal suportam argumentos
mais fortes propostos por mais fracos.
Todavia, não serei pega por me trair.
Diz, ó jovem, por qual segura razão
persuadida impeço-te núpcias legítimas?
Como a urbe lacônia cede aos frígios
superada pela sorte, tu me vês livre?
Ou tendo o corpo jovem e vigoroso,
exaltada com o poder e com amigos
quero em vez de ti ocupar tua casa?
Será para que eu, em vez de ti, gere
filhos servis e o mísero séquito meu?
Ou Ftia suportará que meus filhos
sejam os reis, se tu não os gerares?
Os gregos me acolhem por Heitor?
Era eu obscura e não rainha frígia?
Não por minhas drogas ele te odeia,
mas se não te adequas ao convívio.
Isto é o filtro, não a beleza, ó mulher,
mas virtudes comprazem os amantes.
Se com algo te irritas, a urbe lacônia
tem grandezas, mas desprezas Ciros,
és rica entre pobres, para ti Menelau
supera Aquiles, isso o marido odeia.
A mulher, mesmo com marido reles,

deve contentar-se e não ter emulação.
Se na região trácia coberta de neve,
desposasses o rei, onde um só marido
comum tem por turno muitas esposas,
tu as matarias? Pareceria que atribuis
a todas as mulheres insaciável desejo.
É feio, nós sofremos desse distúrbio
mais que eles, mas bem defendamos!
Ó meu Heitor, por ti eu até amava
o teu agrado, se Cípris te vacilasse,
e muitas vezes já dei o seio aos teus
bastardos para não te dar amargura.
Agindo assim, atraía com a virtude
o esposo. Tu, tímida, nem celeste gota
de orvalho deixas tocar o teu marido.
Ó mulher, não tentes superar tua mãe
em amor a varões! De mães vis, devem
os filhos evitar os modos, se têm tino.

CORO:

Senhora, tanto quanto te seja possível,
persuade-te a convir com ela nas falas!

HERMÍONE:

Por que te gabas e vais à luta de falas
como se tu fosses casta, mas eu, não?

ANDRÔMACA:

Não nas falas com que te apresentas.

HERMÍONE:

Não more comigo o teu tino, mulher!

ANDRÔMACA:

Tu és jovem e tu me falas de vexames.

HERMÍONE:

Tu não falas, fazes-me quanto podes.

ANDRÔMACA:

Não silente sofrerás as dores de Cípris?

HERMÍONE:

Não é o que mais importa às mulheres?

ANDRÔMACA:

Sim,
às que dão bom uso, se não, não é bom.

HERMÍONE:

Não temos urbe com as leis dos bárbaros.

ANDRÔMACA:
Tanto lá quanto cá vexame envergonha.
HERMÍONE:
Hábil, hábil és tu, mas tu deves morrer.
ANDRÔMACA:
Vês que a estátua de Tétis te contempla?
HERMÍONE:
Odiando tua pátria pela morte de Aquiles.
ANDRÔMACA:
Helena o matou, não eu, mas a mãe tua.
HERMÍONE:
Tocarás ainda à frente de meus males?
ANDRÔMACA:
Vê que guardo silêncio e calo a boca!
HERMÍONE:
Diz-me logo isso que vim perguntar!
ANDRÔMACA:
Digo que não tens o tino que devias.
HERMÍONE:
Sais da área pura da marinha Deusa?
ANDRÔMACA:
Se não morrerei; mas se não, nunca!
HERMÍONE:
Isso é certo e não esperarei o esposo.
ANDRÔMACA:
Mas nem eu antes me entregarei a ti.
HERMÍONE:
Porei fogo em ti e sem contemplação.
ANDRÔMACA:
Acende o fogo, que os Deuses o veem!
HERMÍONE:
E às dores de lesões do corpo terríveis.
ANDRÔMACA:
Mata! Polui altar da Deusa! Ela te punirá.
HERMÍONE:
Ó tu, bárbara criatura e dura coragem,
resistes à morte? Mas farei que te ergas
espontaneamente desse teu assento logo,
tal isca tenho para ti. Mas ocultarei as
palavras, a ação por si mesma logo dirá.
Senta-te sentada! Ainda que te retivesse

chumbo fundido, faria que te erguesses
antes de vir o teu crido filho de Aquiles.

ANDRÔMACA:

Confio. Terrível é que de répteis rudes
um Deus deu os remédios aos mortais,
mas, o que é pior que a víbora e o fogo,
não se achou ainda remédio de mulher
má, tanto somos entre homens um mal!

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (274-308)]

CORO:

Principiou grandes aflições, [EST. 1]
ao ir ao vale do monte Ida
o filho de Maia e de Zeus,
ao guiar o numinoso carro
de belo jugo de três potrancas
enristado por odiosa rixa de beleza
aos estábulos bovinos
em busca do jovem solitário pastor
no ermo pátio protetor do lar.

Elas, indo ao vale frondoso, [ANT. 1]
banharam os fulgentes corpos
nas águas das fontes montesas
e foram ao Priâmida,
excedendo os excessos das falas
hostis, e Cípris levou com falas
dolosas, mas prazerosas de ouvir,
amarga ruína da vida da urbe frígia
mísera e das torres de Troia.

Lançasse-o por cima da cabeça [EST. 2]
a que o gerou com má sorte,
antes que habitasse o monte Ida,
quando perto de loureiro vaticinante
Cassandra clamou que o matassem
por grande dano à urbe de Príamo!
A quem ela não foi? A que ancião
não suplicou que matasse o rebento?

Não se teria o jugo sobre Ílion [ANT. 2]
nem tu serias serva, ó mulher,

mas terias assento na casa real,
afastadas da Grécia dolorosas
fainas, que jovens com lanças
por dez anos tiveram em Troia,
e não deixariam os leitos ermos
nem os velhos espoliados de filhos.

[SEGUNDO EPISÓDIO (309-463)]

MENELAU:
Venho com teu filho, que em outra casa
às ocultas de minha filha escondeste.
Crias que te salvasse este signo da Deusa,
e ao filho os que o escondiam. Mas eis-te
menos sagaz que este Menelau, mulher!
E se não sais e não esvazias esse solo,
este, em vez de ti mesma, será morto.
Assim considera, se tu queres morrer
ou destruí-lo, por causa de teu engano
perpetrado contra mim e minha filha.
ANDRÔMACA:
Ó fama, fama, a milhares de mortais
nascidos nulos inflaste grande vida.
Gloriosos os que a têm de verdade.
Felicito-os. Os que a têm de mentira,
não direi fama de sábio senão sorte.
Tu, o outrora estratego da elite grega,
sendo tão vil pilhaste Troia de Príamo?
Tu que das falas da filha ainda pueril
tanto te inspiraste e com uma infeliz
serva travas litígio. Não mais te direi
digno de Troia nem Troia digna de ti.
Os sábios aparentes por fora esplendem,
mas por dentro eles são iguais a todos,
salvo se ricos, isso tem grande força.
Menelau, assim concluamos as falas!
Morri por tua filha e ela me matou,
não evitaria a poluência do sangue.
Entre o povo, ainda debaterás esta
morte e a coautoria te constrangerá.
Mas se eu não puder evitar a morte,
matarás o meu filho? Como o pai

suportará bem que seu filho morra?
Não tão sem virtude Troia o clama,
mas irá aonde deve, pois mostrará
atos dignos de Peleu, pai de Aquiles,
expulsará tua filha de casa e que dirás
ao dá-la a outrem? Que por prudência
evitou mau marido? Não persuadirá.
Quem a desposará? Ou em casa terás
grisalha sem marido? Ó mísero varão,
não vês a confluência de tantos males?
Em quantos leitos quererias ver a filha
injustiçada a padecer o que descrevo?
De pouco não se faça grandes males,
e se as mulheres somos ruinoso mal,
os varões não lhes devem ser símeis.
Se nós servimos drogas à tua filha
e abortamos o ventre, como ela diz,
espontâneas, não coagidas, nem caídas
em altares, submetemo-nos à justiça,
a teu genro, a quem devo não menor
dano, se lhe imponho perda de filho.
Assim somos nós, mas de teu espírito,
de ti, só temo; já por rixa de mulher
destruíste a sofrida urbe dos frígios.

CORO:

Falaste demais, uma mulher, a varões,
a súbita cólera supera o discernimento [Kovacs]
e de teu espírito disparaste a prudência.

MENELAU:

Mulher, isso é pequeno e, como dizes,
indigno de minha monarquia e da Grécia.
Bem sabe, isso de que se tem necessidade
para cada um é maior do que pilhar Troia!
Eu me constituo aliado de minha filha,
pois considero grave a perda do cônjuge.
O mais que a mulher padece é secundário,
mas se ela perde o marido, perde a vida.
Ele deve ter poder sobre os meus servos,
e os meus e eu devemos ter sobre os dele;
entre amigos nada é alheio, quando são
amigos verdadeiros, mas comuns os bens.

Se por esperar os ausentes eu não fizer
o melhor possível, sou débil e não sábio.
Mas afasta-te deste santuário da Deusa!
Se tu morres, este filho escapa da morte,
mas se não queres morrer, eu o matarei.
Um de ambos vós tem que deixar a vida.

ANDRÔMACA:

Oímoi! Dás-me acerbo sorteio e escolha
de vida. Estou com difícil sorte, tanto
se sorteio, quanto se não sorteio a dor.
Ó autor de grande mal por causa pouca,
tem-me fé! Por que me matas? Por quê?
Que urbe traí? Qual de teus filhos matei?
Que casa queimei? Forçada fui ao leito,
com o dono, e matas a mim, não a ele,
causador disso? Mas deixas o princípio
e vais ao término que lhe é posterior?
Oímoi! Que males! Ó pátria minha mísera,
que terrível dor! Por que eu devia gerar
e infligir dupla aflição a esta aflição?
Mas por que assim lastimo, e estes
presentes males não pranteio e conto?
Eu vi morto Heitor arrastado por carro
e Ílion ser incendiada, miseravelmente,
eu mesma fui às naus dos aqueus, serva
puxada pelos cabelos. Quando cheguei
à Ftia, desposo quem matou Heitor.
Que doce me é viver? Por que viver?
Pela presente ou pela pretérita sorte?
Só este filho me restava, olho da vida,
vão matá-lo os que assim decidiram.
Não, decerto, por minha mísera vida.
Nele tenho a esperança, se for salvo,
ou o ultraje de não morrer pelo filho.
Vê, deixo o altar, eis-me bem à mão
para imolar, matar, prender, enforcar.
Ó filho, tua mãe, para não morreres,
vou até Hades; se escapares à morte,
lembra-te da mãe, quão mísera morri.
e quando tu fores receber o teu pai,
quando tu fores chorar e abraçá-lo,

diz-lhe como agi. Filhos, para todos,
são vida. Quem peca por não os ter,
sofre menos; por má sorte, bom Nume.
CORO:
Tive dó ao te ouvir. Dão dó os infortúnios
dos mortais todos, ainda que forasteiros.
Deves levar tua filha e esta a um acordo,
Menelau, para que ela se livre dos males.
MENELAU:
Prendei-a, atando-lhe as mãos, servos,
pois não ouvirá palavras caras! Tenho-te.
Para que saísses do altar puro da Deusa,
aleguei a morte do filho, com o que fiz
vires às minhas mãos para a degola.
Ainda a teu respeito sabe estar assim:
sobre esse filho minha filha decidirá
se há ou se não há de querer matá-lo.
Mas entra nesta casa para que saibas
nascida serva nunca ultrajar os livres!
ANDRÔMACA:
Oímoi! Vieste com dolo, fui enganada.
MENELAU:
Anuncia a todos, pois não negaremos.
ANDRÔMACA:
Isso é sábio entre vós junto ao Eurota?
MENELAU:
E entre troianos: responder a afronta.
ANDRÔMACA:
Crês Deuses não Deuses nem justos?
MENELAU:
Se for, suportaremos, mas te matarei.
ANDRÔMACA:
E este meu filho, que tu tiras das asas?
MENELAU:
Não, mas à filha darei matar se quiser.
ANDRÔMACA:
Oímoi! Por que não te lastimo, filho?
MENELAU:
A ousada esperança não o aguarda.
ANDRÔMACA:
Ó piores mortais para todos os homens,

moradores de Esparta, dolosos, astutos,
reis da mentira, maquinadores de males,
com tortuoso, não bom, mas todo curvo
pensar, tendes injusta boa sorte na Grécia.
Que não tendes vós? Muitas mortes não?
Não sois cúpidos? Não vos revelais
sempre com uma fala e outro sentir?
Pereçais! Morte não me é tão grave
quanto vos parece, pois lá pereci,
ao cair a mísera urbe frígia e o ínclito
esposo que com a lança muitas vezes
te fez mau nauta em vez de terrestre.
Agora para mulher hórrido hoplita
matas-me; mata, mas sem lisonjas
de minha boca deixo-te e tua filha!
Quando foste grande em Esparta,
fomos em Troia; e se padeço males,
não te ufanes! Tu ainda padecerias.

[SEGUNDO ESTÁSIMO (464-493)]

CORO:

Nunca louvarei leito duplo de mortais [EST. 1]
nem os filhos de ambas as duas mães,
rixas domésticas e adversas aflições.
Em núpcias, contente-se o esposo
com um só leito incomum de marido!

Nem nas urbes as soberanias duplas [ANT. 1]
são melhores de suportar que uma só,
fardo por fardo e sedição de cidadãos.
Se dois autores produzem hino,
as Musas tendem a exercer a rixa.

Quando ventos velozes levam nautas, [EST. 2]
junto ao timão juízo duplo de espíritos
e densa turba de sábios valem menos
que um menor com poder próprio.
A ação seja de um só, nas moradias
e nas urbes, quando se quiser
encontrar a ocasião.

Mostrou-o a lacônia filha do estratego [ANT. 2]

Menelau, pois ardeu com o outro leito
e mata a mísera moça de Ílion
e o filho dela por imprudente rixa.
Sem Deus nem lei nem graça é matar.
Ainda te sobrevirá, ó rainha,
o retorno das tuas ações.

[TERCEIRO EPISÓDIO (494-765)]

CORO:
Olha! Vejo este par coligado
diante da casa, condenado
à pena de morte.
Ó mulher infeliz, e tu, mísero filho,
que morres por núpcias maternas
sem ter participação
nem ser o motivo dos reis.

ANDRÔMACA:
Aqui eu com as mãos [EST.]
sangrentas presas por laços
sou levada sob a terra.

FILHO:
Mãe, mãe, eu junto
com tua asa desço.

ANDRÔMACA:
Vítima hostil, ó reis
do solo de Ftia!

FILHO:
Ó pai,
vem auxiliar os teus!

ANDRÔMACA:
Jazerás, ó meu filho,
junto aos seios de tua mãe
morta, morto sob o chão.

FILHO:
Ómoi moi! Que sofro! Míseros
somos eu e tu, ó mãe!

MENELAU:
Ide sob a terra! Viestes de torres
inimigas e morrereis os dois
por dupla coerção. A ti o nosso

voto te mata, ao filho, minha filha
Hermíone. Grande imprudência
é deixar inimigos de inimigos,
sendo possível matá-los
e afastar de casa o pavor.

ANDRÔMACA:
Ó esposo, esposo, tivesse [ANT.]
o teu braço e lança aliada,
ó filho de Príamo!
FILHO:
Mísero, achar que som
de repelir a morte?
ANDRÔMACA:
Suplica, filho! Toca
os joelhos do dono!
FILHO:
Ó meu,
meu, afasta a morte de mim!
ANDRÔMACA:
Libo de lágrimas pupilas,
destilo qual fonte sem sol
de íngreme pedra, mísera.
FILHO:
Ómoi moi! Que remédio
terei eficaz contra males?

MENELAU:
Por que súplice me fazes prece
qual à marina pedra ou onda?
O proveito veio aos meus
e por ti não me encanto, por
perder grande parte da vida
capturei Troia e tua mãe.
Com o desfrute dela
descerás a Hades subtérreo.

CORO:
Olha! Vejo perto este Peleu
pôr depressa aqui o velho pé.

PELEU:
Pergunto-vos e ao sacrificador,

que é isso? Por que o distúrbio
em casa? Fazeis que turvo plano?
Menelau, para! Não sejas injusto!
Conduz mais rápido! Não me parece
ociosa esta ação, mas tenha eu agora
força rejuvenescida, se tiver um dia!
Primeiro tal qual o vento nas velas
soprarei nela. Diz! Com que justiça
levam-te de mãos atadas com laços
e ao filho? Pois ovelha mãe morres,
estando ausentes nós e teu senhor.

ANDRÔMACA:

Ó velho, eles me levam para morrer
com meu filho, como vês. Que te digo?
Não te procurei com empenho de um
recado, mas por muitos mensageiros.
Conheces de ouvida a rixa doméstica
da filha deste aqui, e por eles pereço.
Agora me retiraram do altar de Tétis,
mãe de teu nobre filho, à qual veneras,
e levam-me, juízes não com justiça,
e sem aguardar os ausentes da casa,
mas conscientes do isolamento meu
e do meu filho, que sem acusação
eles vão matar, comigo, miseranda.
Mas suplico-te, ó velho, prostrada
a teus joelhos — não posso tocar
com a mão tua caríssima barba —
por Deuses, salva-me! Se eu morrer,
vexame vosso, má sorte minha, velho!

PELEU:

Ordeno, antes que chorem, relaxem
as cadeias e soltem suas duas mãos!

MENELAU:

Eu proíbo, não sou menos que tu
e tenho muito mais poder sobre ela.

PELEU:

Como? Vieste cá ter minha casa?
Não te basta ser o rei em Esparta?

MENELAU:

Eu a capturei na guerra de Troia.

PELEU:
O meu neto a recebeu por prêmio.
MENELAU:
Não são dele os meus e meus os dele?
PELEU:
Sim,
a tratar bem! Não mal! Não matar!
MENELAU:
Não a levarás nunca de minha mão.
PELEU:
Com este cetro sangrando tua cabeça.
MENELAU:
Bate que saberás! Vem perto de mim!
PELEU:
Estás entre varões, ó pior dos males?
Tu onde entras na conta dos varões?
Tu, de quem o frígio levou a esposa
por teres o lar sem tranca nem servo
ao teres em casa como mulher casta
a pior de todas. Nem se quisessem,
seriam castas as mulheres de Esparta
que com os jovens deixam as casas
com as coxas nuas e as vestes soltas,
correm e lutam com eles, a meu ver
intoleravelmente. Deve-se admirar,
se vós não educais mulheres castas?
Pergunte-se a Helena, que deixou
o teu amical Zeus e fugiu de casa
com varão jovem para outra terra.
Por ela, então, tal tropa da Grécia
reuniste e conduziste contra Troia?
Devias desprezá-la, não fazer guerra,
ao descobri-la vil, mas deixá-la acolá
e pagar para não mais a ter em casa.
Mas não foi esse o teu pensamento,
e destruíste muitas e valentes vidas,
privaste da prole as anciãs em casa,
de pais grisalhos tiraste filhos nobres,
mísero sou um deles, e a ti te vejo
como poluente executor de Aquiles.
Só tu não voltaste ferido de Troia,

belíssimas armas em belos estojos
tais para lá e para cá reconduziste!
Eu lhe disse que, ao casar, não se
aliasse a ti, nem levasse para casa
filha de mulher vil, pois reproduz
afrontas da mãe. Pensai nisto ainda,
ó noivos, tomai filha de mãe nobre!
Além disso, como ultrajaste o irmão
exortando o ingênuo a matar a filha!
Temias tanto não teres a esposa má?
Ao pilhares Troia (até lá irei contigo),
não mataste a mulher ao tê-la à mão,
mas soltaste a faca ao ver seus seios,
beijaste e afagaste a cadela traidora,
vencido por Cípris, ó tu, o mais vil.
Tu vens, então, à casa de meu filho
ausente, devastas e matas sem honra
a mulher de má sorte e o filho, que te
fará a ti e tua filha chorardes em casa,
por bastardo que seja. Muitas vezes
a terra seca vence a boa em semente,
muitos bastardos superam legítimos.
Mas leva tua filha! A mortais, vale
mais ter pobre bom que o rico mau
por sogro e aliado. Tu não és nada.

CORO:

De pequeno princípio, a língua fornece
grande rixa aos mortais. Sábios mortais
evitam provocar a rixa entre os amigos.

MENELAU:

Por que os velhos se diriam os sábios
e os gregos os consideram prudentes,
se tu, Peleu, nascido de ínclito pai,
aliado familiar, aviltas a ti mesmo,
e a mim me vituperas, por esta mulher
bárbara, que devias banir além do Nilo,
e além do Fase, e cada vez me chamar,
por ser ela do continente onde caíram
muitos gregos mortos a golpe de lança,
e ser participante da morte de teu filho?
Páris, que matou teu filho Aquiles, era

irmão de Heitor; ela, mulher de Heitor.
E tu entras com ela na mesma moradia
e honras-te em ter a vida de comensal
e deixas que crie em casa o pior inimigo.
Eu, cauto por ti e por mim, ancião,
quero matá-la e tiram-me das mãos.
Vamos! Não vexa tocar este assunto.
Se minha filha não procriar e desta
florescerem os filhos, tu os farás reis
de Ftia e ainda bárbaros de nascença
serão reis de gregos? Não penso bem
ao odiar injustiças e tu tens prudência?
Considera ainda isto. Se desses a filha
a algum cidadão e tais afrontas sofresse,
tu te calarias? Não creio. Por forasteira
gritas assim contra os parentes amigos?
Varão e mulher não lamentam igual,
ela, por injustiça do varão, e o varão,
por ter em casa mulher enlouquecida.
Ele tem grande poderio nos braços,
mas ela depende dos pais e amigos.
Não é justo, então, acudir os meus?
Velho, és velho. Mais me ajudarias
falando de meu comando que calado.
Helena não fez por si, mas por Deus,
e isso foi o mais útil para a Grécia,
pois néscios de armas e de guerras
ganharam coragem; e o convívio
de todos é o mestre dos mortais.
Se, ao avistar a minha mulher, eu
me abstive de matá-la, fui prudente.
Eu não quisera que matasses Foco!
Benevolente vim a ti, não de raiva,
mas se te enfureces, tua eloquência
cresce, e o meu lucro é a prudência.

CORO:

Cessai já ambos! Assim será melhor
que palavras vãs! Não erreis ambos!

PELEU:

Oímoi! Que mau costume na Grécia!
Quando a tropa venceu os inimigos,

este feito não se atribui aos fatores,
mas o comandante conquista fama.
Este único lanceiro entre outros mil
nada mais que um tem mais discurso.
Solenes, sentados no poder na urbe,
acham-se mais que o povo sem o ser,
mas o povo é mais sábio que eles,
se houver junto coragem e conselho.
Assim ainda tu e teu irmão, inflados
de Troia e desse comando, sentai-vos,
exaltados por fadigas e dores alheias.
Eu te farei não supor que Páris de Ida
seja um inimigo maior do que Peleu,
se não te afastas rápido desta morada
tu e tua filha sem-filho, que meu filho
banirá desta casa puxada pelo cabelo.
Ela, por ser vitela seca, não suporta
que outros gerem, por não ter filhos.
Mas, se tem má sorte quanto à prole,
devemos nós ser privados de filhos?
Afastai-vos dela, servos! Que eu saiba
se me impedem de livrar-lhe as mãos!
Ergue-te, porque eu, ainda que trêmulo,
soltarei os trançados laços do manto!
Ó covarde, tanto lhe feriste as mãos!
Boi ou leão esperavas reter no laço?
Ou temeste que de ti ela se vingasse
com faca? Vem a meus braços, filho!
Solta comigo tua mãe! Na Ftia eu te
criarei grande inimigo seu. Sabe que
sem fama de lança nem luta de guerra
esparciatas no mais não são melhores.

CORO:

Desenfreado é o gênero dos anciãos
e seu súbito furor é difícil de evitar.

MENELAU:

Demasiado propenso vais ao insulto.
Eu, por ter vindo por força à Ftia,
não farei nem sofrerei nenhuma vileza.
Agora, sem dispor de ócio sem-fim,
partirei para casa. Há urbe não longe

de Esparta, que antes disso era amiga,
mas agora é inimiga. Quero atacá-la
comandante da tropa e submetê-la.
Quando lá impuser minha opinião,
virei. Presente ante presente genro,
às claras instruirei e serei instruído.
Se ele a punir e doravante conosco
for prudente, prudentes nós seremos,
mas enfurecido nos fará enfurecidos
e receberá de volta feitos por feitos.
As tuas palavras eu as tolero bem,
pois tão similar a sombra tens voz,
incapaz de algo mais do que só fala.

PELEU:

Vem a meu abraço e guia-me, filho!
Tu, ó mísera, batida por selvagem
tempestade, vieste a porto sereno.

ANDRÔMACA:

Ancião, Deuses bem te dêem e aos teus,
salvos meu filho e eu, a de mau Nume!
Cuida que eles na solidão do caminho
não nos espreitem nem levem à força,
se te vêem velho, a mim, sem forças,
e este filho ainda débil. Considera isto.
Agora em fuga não nos peguem depois!

PELEU:

Não digas covarde palavra de mulher!
Anda! Quem nos tocará? Ora, choroso
tocará! Por Deuses e por equestre força
somos reis de muitos em armas em Ftia.
Eu ainda ereto e não velho, como crês,
mas somente com o olhar a tal varão
faço-o recuar, ainda que sendo ancião.
Velho, se valente, vale mais que muitos
jovens. O que é o vigor, se for covarde?

[TERCEIRO ESTÁSIMO (766-801)]

CORO:

Não fosse eu senão de pais nobres [EST. 1]
e fosse partícipe de opulenta casa!
Se sofresse dificuldade, o nobre

dispõe de recursos não poucos.
Proclamados de nobres casas,
têm honra e glória. O tempo
não rouba traços de varões nobres:
a virtude, ainda que mortos, brilha.

Vencer sem ter má fama vale mais [ANT. 1]
que por negativa e força faltar justiça.
Doce de imediato isso aos mortais,
mas no tempo se cumpre
seco e a casa fica reprovada.
Esta vida, sim, esta louvo e levo,
nenhum poder sem justiça
exercer no tálamo e na urbe.

Ó velho Eácida, [EPODO]
creio que travaste com os Lápitas
contra os centauros o mais ínclito
combate, e argonauta em mar inóspito
transpuseste as Simplégades por mar
com ínclita navegação,
e quando à urbe Ílion antes famosa
o filho de Zeus cobriu com morte,
participando da bela glória
chegaste à Europa.

[QUARTO EPISÓDIO (802-1008)]

NUTRIZ:
Caríssimas amigas, que sucessivo
mal após mal neste dia se cumpre!
A dona da casa, digo, Hermíone,
só, sem o seu pai e, ainda, ciente
de que atos fez, ao tramar matar
Andrômaca e o filho, quer morrer,
por temer que o esposo a expulse,
por seus atos, de casa, sem honra,
ou morra por matar quem imérito.
A custo vígeis servos a impedem
de se enforcar e ao surpreenderem
arrancam a lâmina da mão direita.
Assim se arrepende e reconhece que
não bem fez o que antes fez. Amigas,

canso-me de afastar da forca a dona.
Vós, ide vós para dentro desta casa
e livrai-a da morte! Os novos amigos
mais bem persuadem que os de hábito.

CORO:

Ouvimos, sim, no palácio, os gritos
dos servos como vieste nos anunciar.
Parece mísera mostrar quanto lastima
por terríveis atos. Ela sai do palácio
fugindo de servos, querendo morrer.

HERMÍONE:

Ió moí moi! [EST. 1]
Puxões de cabelo e cruéis
arranhões de unhas farei.

NUTRIZ:

Ó filha, que farás? Feres a pele?

HERMÍONE:

Aiaî aiaî! [ANT. 1]
Que te vás ao céu, véu
de finos fios de minhas tranças!

NUTRIZ:

Ó filha, cobre o seio! Ata o véu!

HERMÍONE:

Por que cobrir o seio com véu? [EST. 2]
Claros, abertos e descobertos
os meus atos perante o esposo.

NUTRIZ:

Dói-te tramar a morte da rival?

HERMÍONE:

Lastimo, sim, a audácia hostil [ANT. 2]
que cometi, eu, a execrável,
a execrável entre os mortais.

NUTRIZ:

Teu esposo te perdoará o erro.

HERMÍONE:

Por que me tiraste a faca da mão?
Dá-me, amigo, dá-me, que eu crave

golpe frontal. Por que me tiras o laço?

NUTRIZ:

Deixaria que por desatino morresses?

HERMÍONE:

Oímoi! Que destino!
Onde ter ígnea amiga chama?
Onde me lanço da pedra,
no mar ou no bosque dos montes,
para que morta importe aos ínferos?

NUTRIZ:

Por que sofres? Injunções divinas
a todos os mortais ora vem, ora vão.

HERMÍONE:

Partiste, partiste, ó pai, na praia
estou só, erma de navio do mar.
O marido me matará, me matará,
claro! Não habitarei nunca mais
esta moradia de minhas núpcias.
À imagem de que Deus suplico?
Serva aos joelhos de serva caio?
Fosse eu, além de Ftia,
ave de asas sombrias,
barco de pinho, com
que o primeiro navegante
transpôs sombrias praias!

NUTRIZ:

Ó filha, não aprovei aquele excesso,
ao errares quanto à mulher troiana,
nem agora este teu excessivo temor.
Teu marido não repelirá tua aliança,
fiado em falas vis de mulher bárbara.
Ele não como cativa de Troia te tem,
mas de bom pai filha de muitos dotes,
e de urbe com não menos bom Nume.
Ó filha, o pai não te deixará traidor
banida de casa, como é teu receio.
Mas entra! Não te mostres defronte
do palácio! Não incorras no vexame
de ser vista diante da morada, ó filha!

CORO:
Este estranho forasteiro de outra cor
vem a rápido passo em nossa direção.
ORESTES:
Forasteiras mulheres, esta é a casa
e o palácio real do filho de Aquiles?
CORO:
Certo, mas quem és tu que indagas?
ORESTES:
Filho de Agamêmnon e Clitemnestra,
meu nome é Orestes, vou a Dodona
ao oráculo de Zeus. Porque cheguei
a Ftia, quero saber de minha parente
se está viva e por sorte tem boa sorte,
Hermíone de Esparta. Ainda que esteja
longe de nós, é contudo parente nossa.
HERMÍONE:
Ó porto da tormenta surgido aos nautas,
filho de Agamêmnon, por teus joelhos,
apieda-te de nós, cuja sorte, como vês,
não vai bem! Não inferiores às coroas
ponho os meus braços em teus joelhos.
ORESTES:
Éa!
O que é isso? Engano-me ou vejo claro
a rainha do palácio, a filha de Menelau?
HERMÍONE:
A única que a mulher Tindárida Helena
procriou em casa para o pai, não ignores!
ORESTES:
Ó Febo médico, dês a solução de males!
Que males sofres de Deuses ou mortais?
HERMÍONE:
Uns de mim, outros do varão que me tem,
e outros de um Deus. Em tudo sucumbimos.
ORESTES:
Que situação quando ainda sem filhos
uma mulher teria senão por suas núpcias?
HERMÍONE:
Isso mesmo me aflige. Bem me sugeres.

ORESTES:
O marido quer outro leito em vez de ti?
HERMÍONE:
A companheira de Heitor cativa de guerra.
ORESTES:
Disseste um mal, um varão ter dois leitos.
HERMÍONE:
Assim é isso e então eu me defendi.
ORESTES:
Tramaste qual mulher contra mulher?
HERMÍONE:
A morte para ela e seu filho bastardo.
ORESTES:
E mataste ou uma situação te impediu?
HERMÍONE:
O velho Peleu, reverente aos piores.
ORESTES:
Quem estava contigo nessa matança?
HERMÍONE:
O pai veio por isso mesmo de Esparta.
ORESTES:
E então foi vencido pela mão do velho?
HERMÍONE:
Por respeito, e deixando-me só, se foi.
ORESTES:
Entendi, temes o esposo por teus atos.
HERMÍONE:
Sim, justo me matará. Que devo dizer?
Suplico-te, invoco Zeus consanguíneo,
leva-me desta terra aonde é mais longe
ou ao palácio paterno, porque parece
que este palácio tem voz e expulsa-me,
odeia-me a terra Ftia. Se chegar antes
ao lar o esposo, lá do oráculo de Febo,
mata-me de modo vil, ou serei serva
de espúrio leito de que antes era dona.
Como cometi este erro, perguntariam.
Vindas, destruíram-me mulheres vis,
que me inflaram com estas palavras:
“Suportarás tu com a péssima cativa
“serva da casa compartilhar teu leito?

"Pela rainha, não seria em minha casa
"que veria a luz e desfrutaria meu leito." 935
Quando ouvi estas palavras de Sirenes
de hábil, perversa, variada eloquência,
animou-me a luxúria. Por que eu devia
vigiar o esposo, se tinha quanto queria?
Grande é a riqueza e nosso é o palácio, 940
os filhos eu sim os procriaria legítimos,
e ela, os espúrios, meio servos meus.
Mas nunca, nunca, não direi uma vez só,
deve o varão inteligente que tem mulher
deixar que lhe visitem a esposa em casa 945
mulheres, pois elas são mestres de males:
uma, por algum ganho, corrompe o leito,
outra, por errar, quer cúmplices do erro,
e muitas, por deboche. Por isso as casas
de varões se turvam. Bem te guarda disso 950
com trancas e traves nas portas de casa!
Saudável nada fazem as mulheres vindas
de fora, mas elas fazem os muitos males.
CORO:
Soltas demais a língua contra o gênero.
Isso te é perdoável. Mulheres, porém, 955
devem adornar os femininos distúrbios.
ORESTES:
Sábio foi quem ensinou aos mortais
ouvir as palavras vindas dos inimigos.
Eu, conhecendo a confusão desta casa
e a rixa entre ti e a mulher de Heitor, 960
com guardas esperava se ficarias aqui
ou se apavorada pela morte da mulher
cativa queres ir para longe desta casa.
Vim, não por reverência a tuas cartas,
mas caso desses razão tal como dás, 965
para levar-te desta casa. Antes minha,
tens esse marido por vileza de teu pai,
que antes de invadir os lindes de Troia
te deu a mim e depois te prometeu a esse
que ora te tem se pilhasse a urbe troiana. 970
Ao retornar aqui o filho de Aquiles,
perdoei teu pai, e supliquei-lhe que

permitisse tuas núpcias, dada a sorte
e o presente Nume, que entre os meus
me casaria, mas fora não me seria fácil,
banido da casa de que banido me exilo.
Ele foi violento e, pela morte da mãe
e Deusas sanguinárias, repreendeu-me.
Eu, humilde com a sorte de minha casa,
sofria, sofria, e suportava o infortúnio,
e privado de tuas núpcias parti forçado.
Agora, quando se reverteu a tua sorte,
e caíste nesse infortúnio sem recursos,
eu te conduzirei e darei à mão do pai.
Terrível é o ser congênito e nos males
não há nada mais forte que o de casa.

HERMÍONE:

De meu casamento meu pai poderá
cuidar, e isso não me cabe decidir.
Mas tira-me o mais rápido desta casa!
Não me pegue em casa antes o marido!
Nem me persiga ao saber que desertei
da casa o velho Peleu em carro de potras!

ORESTES:

Não temas a mão do velho! Não temas
o filho de Aquiles! Ele me ultrajou.
Tal trama contra ele se ergue urdida
com os implacáveis laços da morte
por minha mão. Não antes a direi,
mas, se for, a pedra délfica saberá.
Se juras de meus aliados perdurarem
no território pítio, eu, o matricida,
direi não desposar quem eu devia.
Pedirá acre justiça pela morte do pai
ao rei Febo, nem lhe será útil mudar
de opinião por já dar justiça ao Deus,
mas por aquele Deus e meus ataques
morrerá mal e conhecerá o meu ódio.
O Nume reverte a sorte dos varões
odiosos e não lhes permite soberbia.

[QUARTO ESTÁSIMO (1009-1046)]

CORO:

Ó Febo, fizeste bem murada torre em Ílion, [EST. 1]
e tu, ó marinho auriga de sombrias éguas
no salino pélago,
por que propusestes a obra
de vossa habilidade manual
sem honra ao lanceiro Eniálio,
e mísera, mísera
Troia deixastes?

Junto ao Simoente jungistes muitos carros [ANT. 1]
de belas éguas e fizestes sem coroas lutas
letais de varões;
extintos sucumbiram
os soberanos de Ílion,
e não mais arde o altar
aos Deuses em Troia
com fumo de incenso.

Atrida foi sob golpes da esposa [EST. 2]
e ela achou o troco de matá-lo
morta por seus filhos.
Divina, divina ordem oracular
a revirou, quando do santuário
vindo a Argos o Agamemnônida
a matou, matador da mãe.
Ó Nume, ó Febo, como crer?

Nas ágoras dos gregos muitos ais [ANT. 2]
vibram por míseros filhos,
esposas deixaram casas
por outro marido; não caíram só
em ti e nos teus aflições malévolas.
Grécia teve dor, dor, e percorreu
ainda os férteis campos frígios
a procela sangrenta dos dânaos.

[ÊXODO (1047-1288)]

PELEU:
Mulheres de Ftia, a mim, que indago,
indicai, pois não obtive palavra clara,
se a filha de Menelau deixou esta casa
e partiu! Venho no empenho de saber

se isso é verdade, pois os de casa devem
cuidar da sorte dos seus que estão fora.
CORO:
Peleu, ouviste claro, e não me cabe
ocultar os males em que me encontro,
pois a rainha desta casa foi ao exílio.
PELEU:
Com medo de quê? Conta-me tudo.
CORO:
Temia que o esposo a banisse de casa.
PELEU:
Porque tramou a morte da criança?
CORO:
Sim, e a morte da cativa de guerra.
PELEU:
Deixou a casa com o pai ou quem?
CORO:
O Agamemnônida veio e a levou.
PELEU:
Com que esperança? Quer casar-se?
CORO:
E dispor morte ao teu filho de filho.
PELEU:
Às ocultas ou em combate aberto?
CORO:
No puro templo de Lóxias com delfos.
PELEU:
Oímoi! Terrível é isto! Vá o mais rápido
alguém à lareira de Delfos e anuncia
o daqui aos meus de lá, antes de ser
o filho de Aquiles morto por inimigos.
MENSAGEIRO:
Ómoi moi!
Venho anunciar miserável que sorte,
ó velho, a ti e aos familiares do rei!
PELEU:
Aiaî! Algo o ânimo adivinho prevê!
MENSAGEIRO:
Não tens mais o filho de filho, sabe,
ó velho Peleu! Tantos golpes de faca
delfos e forasteiro micênio lhe deram!

CORO:
Â â! Que farás, ó velho? Não caias!
Ergue-te!
PELEU:
Não sou nada, sucumbi,
sumiu voz, sumiram pés sob mim!
MENSAGEIRO:
Ouve o fato e levanta-te, se tu
ainda queres defender os teus!
PELEU:
Ó Parte, nos últimos confins da velhice,
quão miserável me tens em teu âmbito!
Como foi o filho único do filho único?
Diz! Ainda que inaudível, quero ouvir.
MENSAGEIRO:
Ao irmos à ínclita região de Febo,
por três brilhantes cursos do sol,
saciávamos de dar vistas à visão.
Ora, isto era suspeito: recolhia-se
em círculos o povo íncola de Deus.
O Agamemnônida percorria a urbe,
e dizia a cada ouvinte falas hostis:
"Vede quem vem aos vales de Deus
"cheios de ouro, ofertas de mortais,
"aqui de novo presente, onde antes
"esteve para pilhar templo de Febo?"
E seu murmúrio vil percorria a urbe.
Os magistrados lotavam o conselho,
e todos os vigias dos bens de Deus
se dispuseram no peristilo do templo.
Nós, com os anhos nutridos de relvas
do Parnaso, ainda ignorávamos isso,
fomos aos altares e estávamos juntos
dos próxenos e dos píticos profetas.
E um disse: "Ó jovem, o que ao Deus
"pediremos por ti? Por que tu vieste?"
Ele disse: "A Febo, por anterior erro,
"queremos prestar justiça, pois pedi
"que me desse justiça da morte do pai."
Aí a fala de Orestes com muita força
mostrava que o meu senhor mentia

e viera por maldade. E entra no átrio
do santuário para diante dos oráculos
orar a Febo e encontra-se entre piras.
Esperavam por ele ocultos com faca
sob o loureiro, entre os quais o autor
do plano era o filho de Clitemnestra.
E à vista de pé fazia a prece ao Deus.
Eles com as facas pontiagudas ferem
de súbito o filho de Aquiles inerme.
Ele recua, por sorte não foi atingido
em ponto fatal, pilha e saca as armas
suspensas pelas cavilhas da coluna,
de pé no altar hoplita terrível de ver
e grita inquirindo os filhos de Delfos:
"Por que me matais quando sou pio
"peregrino? Por que razão sucumbo?"
Nenhum dos mil que estavam perto
falou, mas das mãos lançavam pedras.
Moído de todo lado por granizo denso,
ergue armas e defende-se dos ataques
com o escudo na mão, ora lá, ora cá.
Mas era inócuo. Muitos dardos juntos,
flechas, fundas, velozes lanças duplas
de imolar bois caíam diante dos pés.
Verias terríveis pírricas, ao guardar-se
dos dardos teu filho. Quando cercado,
ao fechar-se o círculo sem dar fôlego,
ele deixa a lareira sacrificial do altar,
e com o salto troiano dos dois pés
ataca-os, e eles, tais quais as pombas
quando veem o falcão, retrocederam.
Muitos caíam, misturados e feridos
por si mesmos pelas estreitas saídas.
Clamor díssono em bendito templo
ressoa nas pedras. Por sua serenidade
o senhor de pé brilha com armas fúlgidas,
antes de alguém do ádito dar um grito
terrível e arrepiante e concitar a tropa
à resistência. O filho de Aquiles cai
ferido no flanco com faca pontiaguda
por aquele varão delfo que o matou

com muitos outros. Caído no chão,
quem não verte ferro, não apedreja,
lançando, ferindo? Recoberto por
selvagens lesões o corpo formoso,
já morto jazendo próximo do altar,
retiraram-no do incensado santuário.
Nós, rápido, tomando-o nas mãos,
transportamos para ti, para o choro
e pranto gemente, velho, e funerais.
Assim o rei que vaticina a outros,
juiz da justiça de todos os homens,
fez o filho de Aquiles dar justiça.
Lembrou-se, tal qual homem vil,
de antigas rixas. Como seria sábio?

CORO:

Olha lá! O rei, sendo transladado
da terra délfica, já chega em casa.
Mísero o morto e mísero tu, velho!
Recebas o filho de Aquiles
em casa não como querias!
Deparaste
tu mesmo com males.

PELEU:

Ómoi! Que mal me vem aos olhos [EST. 1]
e recebo em mãos em minha casa!
Ió moí moi, aiaî!
Ó urbe tessália! Sucumbimos,
fomos, não mais sou nem os filhos em casa!
Ó miserável de mim! Olhando
qual dos meus terei prazer?
Ó boca, barba e mãos amadas,
matasse-te o Nume em Ílion
à beira do Simoente!

CORO:

Se ele assim morresse, teríeis honra,
velho! Tão mais feliz seria tua sorte!

PELEU:

Ó núpcias, ó núpcias, anulastes [ANT. 1]
esta casa e nossa urbe anulastes!

Aiaî, è é! Ó filho,
nunca o mau nome de tua esposa
envolvesse o meu ser, os filhos e a casa!
Hermíone, Hades, para ti, filho!
Mas antes morresse fulminada!
Por letal arte do arco, mortal
nunca atribuísses a morte do pai
ao Deus filho de Zeus, Febo!

CORO:
Ottototototoî! Consagrarei com ais [EST. 2]
o senhor morto à lei dos ínferos.
PELEU:
Ottototototoî! Em seguida eu mísero
velho e com má sorte pranteio.
CORO:
Deus deu, Deus fez a situação.
PELEU:
Ó caro, desertaste desta casa!
Ómoi moi! Miserável de mim!
Fizeste-me um velho sem filho!
CORO:
Devias morrer, morrer, velho, antes dos filhos!
PELEU:
Não arrancarei o cabelo?
Não me aplicarei à cabeça
golpes de mão de luto? Ó urbe,
Febo me privou de dois filhos!

CORO:
Tiveste e viste males, velho de má sorte! [ANT. 2]
Que vida terás doravante?
PELEU:
Sem filho, a sós, sem limite de males
suportarei as fadigas até Hades.
CORO:
Deuses te felicitaram núpcias em vão.
PELEU:
Tudo lá se foi em voo
longe de alarde exaltado.
CORO:
Voltas a sós à casa a sós.

PELEU:
Não mais tenho a urbe.
Que este cetro se vá!
Ó filha de Nereu na gruta noturna,
tu me verás cair todo destruído.

CORO:
Iò ió!
Que se moveu? Que percebo
de Deus? Filhas, olhai, vede!
Um Nume por alvo fulgor
aí se transporta às planícies
nutrizes de cavalos de Ftia.

TÉTIS:
Ó Peleu, a ti por antigas núpcias
venho, Tétis, do palácio de Nereu.
Primeiro te aconselho que não te
aflijas demais nos males presentes.
Eu, que devia sem pranto gerar,
Deusa nascida e filha de pai Deus,
perdi o filho tido contigo, Aquiles
de pés velozes primeiro da Grécia.
Por que vim, eu direi, e tu, aceita!
A este aqui morto filho de Aquiles
transporta à lareira pítia e sepulta,
censura a Delfos, que a tumba diga
morte violenta por mão de Orestes;
e a mulher cativa, digo Andrômaca,
deve viver na terra molóssia, velho,
unida a Heleno em leito nupcial,
e este menino, o único dos Eácidas
restante; e por ele um rei depois
de outro deve dirigir a Molóssia
com bom Nume. Não tão destruída
deve ser a prole tua e minha, velho,
e de Troia, que Deuses ainda velam,
ainda que caída por ânimo de Palas.
A ti, para teres graça de meu leito,
te afastarei dos males dos mortais,
e farei imortal imperecível Deus.
Depois em casa de Nereu comigo

já Deus conviverás com Deusa;
onde pondo pé seco fora do mar
o filho teu e meu caríssimo Aquiles
verás que mora em insular palácio
na praia Brilhante no mar Inóspito.
Vá à urbe feita por Deus em Delfos,
leva este morto e cobre-o com terra
e vá ao cavo recesso de antigo recife
de Sépia e senta-te! Espera até eu
vir com o coro de cinquenta Nereidas
do mar, a te guiar, pois o que se deu
deves acatar, pois Zeus assim decide.
Cessa tua tristeza por esses mortos!
Fez-se para todos os homens este
decreto dos Deuses e devem morrer.

PELEU:

Ó rainha, ó nobre parceira de leito,
filha de Nereu, salve! O teu ato é
tão digno de ti mesma e teus filhos!
Cesso tristeza, a teu mando, Deusa.
Ao sepultá-lo, irei aos vales do Pélion,
onde abracei o teu belíssimo corpo.
Quem pensa bem não deve se casar
com nobre e conceder a filha a nobre
e não ter desejo de núpcias indignas
ainda que com rico dote para casa?
A situação de Deuses não seria má.

CORO:

Muitas são as formas dos Numes,
muitos atos inesperados de Deuses
e as expectativas não se cumprem
e dos inesperados Deus vê a saída.
Assim aconteceu este fato.

HÉCUBA

As personagens do drama:
Espectro de Polidoro
Hécuba
Coro de cativas de guerra
Políxena
Odisseu
Taltíbio
Serva
Agamêmnon
Polimestor

ARGUMENTO DE *HÉCUBA* DE EURÍPIDES

Após o cerco de Troia, os gregos atracaram em Quersoneso defronte de Trôada. Aquiles, numa aparição noturna, exigiu a imolação de uma das filhas de Príamo. Os gregos, em honra ao herói, retiraram Políxena de Hécuba e a imolaram. Polimestor, o rei dos trácios, imolou Polidoro, um dos filhos de Príamo. Polimestor o tinha recebido de Príamo em depósito com dinheiro. Quando a urbe foi tomada, querendo apoderar-se da riqueza, apressou-se em matá-lo e pouco se importou com o infortúnio da amizade. Atirado o corpo ao mar, a onda o lançou às tendas das cativas. Ao ver o cadáver, Hécuba o reconheceu. Após comunicar sua intenção a Agamêmnon, ela chamou junto a si Polimestor com seus filhos, ocultando o fato, como para lhe indicar os tesouros de Ílion. Quando chegaram, matou os filhos e privou-o da visão. Falando aos gregos, venceu o acusador, pois julgou-se que não principiou a crueldade, mas defendeu-se de quem a principiou.

ARGUMENTO DO GRAMÁTICO ARISTÓFANES DE *HÉCUBA*

A cena se situa no Quersoneso defronte de Troia. O coro se compõe de cativas. O fantasma de Polidoro diz o prólogo. Os fatos relativos a Políxena se encontram também em *Políxena* de Sófocles. Drama representado cerca de 424 a.C.

[PRÓLOGO (1-97)]

ESPECTRO:

Venho de cova de mortos e porta de trevas
onde Hades tem morada longe dos Deuses
Polidoro nascido da filha de Cisseu Hécuba
e do pai Príamo, que com a urbe dos frígios
sob perigo de sucumbir à lança dos gregos,
temeroso me enviou oculto da terra troiana
à casa de Polimestor, nosso hóspede trácio,
o semeador do melhor solo no Quersoneso,
o dirigente de cavaleira tropa de lanceiros.
O pai enviou comigo muito ouro à socapa,
para que, se as muralhas de Troia caíssem,
não escasseassem víveres aos filhos vivos.
Fui o mais novo dos Priâmidas, e da terra
enviou-me oculto; não era capaz de portar
nem armas nem lança com o braço juvenil.
Enquanto os limites da terra jaziam eretos,
e estavam intactas as torres da terra troiana,
e meu irmão Heitor tinha boa sorte na lança,
bem, junto ao varão trácio hóspede paterno,
com alimento cresci qual rebento resistente.
Quando, porém, Troia e a vida de Heitor
sucumbem e a lareira paterna foi devastada
e ele mesmo cai ante o altar feito por Deus
imolado pelo sanguinário filho de Aquiles,
o hóspede paterno me mata, a mim, mísero,
por causa do ouro, e ao matar arremessou
na onda marina, para ter o ouro em casa.
Jazo nas praias, ora na agitação do mar,
levado pelas muitas variações das ondas,
sem pranto nem funerais. Agora acima
da mãe Hécuba pairo, ao deixar o corpo,
nesta flutuação já pela terceira claridade,
tanto quanto nesta terra do Quersoneso
está minha mãe infausta, vinda de Troia.
Todos os aqueus, dos navios, quietos,
sentam-se nas praias deste solo trácio.
O Pelida Aquiles, ao aparecer em cima
da sepultura, reteve toda a tropa grega,

quando para casa dirigiam remo salino.
O Pelida pede ter minha irmã Políxena
por imolação grata à tumba e prêmio.
Ainda obterá isso e não será sem dom
dos varões amigos. A sorte assinalada
traz neste dia a morte de minha irmã.
A mãe dos dois filhos verá os dois
cadáveres, o meu e da infausta filha.
Mísero para ter funerais aparecerei
nas ondas diante dos pés da servente.
Supliquei aos subterrâneos poderes
obter tumba e cair nas mãos da mãe.
Tudo, pois, quanto eu desejava ter
será meu, mas ficarei longe da anciã
Hécuba. Fora da tenda de Agamêmnon
ela põe o pé, temendo o meu espectro.
Pheû!
Ó mãe, que viste o dia da servidão
depois da casa real, estás tão mal
quanto outrora bem! Contrapesando
o anterior bem, um Deus te destrói.

HÉCUBA:

Levai, ó filhas, a velha ante a casa!
Levai! Erguei esta servente colega
vossa, ó troianas, e antes a rainha!
Pegai, levai, enviai, levantai-me,
pegando-me vós pela velha mão!
Apoiando a mão em bastão curvo,
eu apressarei o tardo passo
propelindo o jogo das juntas.

Ó clarão de Zeus, ó trevosa Noite,
por que eu me ergo assim à noite
temendo fantasmas? Ó soberana
Terra, mãe de sonhos de asas negras,
tento despedir visão noturna que vi
do meu filho salvo na Trácia e da
minha filha Políxena, em sonhos,
pavorosa visão aprendi, conheci.

Ó Deuses ctônios, salvai meu filho!
Única âncora ainda de minha casa,

o meu filho mora na nevada Trácia
sob a custódia de hóspede paterno.
Haverá novidade,
virá canção gemente aos gementes.
Nunca tão sem pausa meu espírito
fremiu de temor.
Onde ver divino alento de Heleno
e avistar Cassandra, ó troianas,
para interpretarem o meu sonho?

Vi corça vária por garra cruel de lobo
morta, de meus joelhos tirada sem dó.
Tenho ainda o temor,
acima do alto cimo da tumba veio
o espectro de Aquiles e por prêmio
pediu uma das atribuladas troianas.
Longe de minha, de minha filha,
removei isso, ó Numes, suplico!

[PÁRODO (98-153)]

CORO:

Hécuba, a ti depressa vim
de lá das tendas senhoriais
onde sortearam e servente
me fizeram banida da urbe
de Ílion, por ponta de lança,
caçada por dardos de aqueus,
sem alívio para nenhuma dor,
mas, arauto de dores, assumi
grave anúncio para ti, ó mulher.
Em assembleia plena de aqueus,
dizem, decidiram imolar tua filha
a Aquiles. Sabe quando apareceu
sobre a tumba com áureas armas,
e reteve os navios transmarinos,
com as velas pandas nos cabos,
gritou assim: “Dânaos, aonde
“navegais vós, ao deixardes
“minha tumba sem prêmio?”
A onda de muita rixa colidiu,
aos gregos a opinião dividia

a tropa terrível: opinam uns
imolar à tumba, outros, não.
Estava pressuroso de teu bem
Agamêmnon, mantendo o leito
da adivinha Baca. Ambos os
Tesidas, os brotos de Atenas,
oradores com duas falas num
só acordo de coroar a tumba
de Aquiles com sangue verde,
dizem ambos não pôr nunca
as núpcias de Cassandra
antes da lança de Aquiles.
As pressas de extensas falas
eram iguais até que o solerte
falaz de doce voz grato ao povo
Laercíada persuadisse a tropa
a não repelir o melhor de todos
os dânaos de imolações servis,
e não diga nenhum dos finados
residentes junto de Perséfone
que sem gratidão aos dânaos
mortos em defesa dos gregos
os dânaos partiram
das planícies de Troia.
Odisseu virá em breve
tirar a potra de teus seios,
remover de tua velha mão.
Mas vai aos navios! Vai ante os altares!
Suplica aos joelhos de Agamêmnon!
Anuncia aos Deuses celestes
e aos sob a terra! As preces
impedirão que te despojem
da mísera filha; ou tu deves
ver a virgem cair no túmulo
purpúrea de sangue do áureo
pescoço fonte de negro brilho.

[LAMENTO E DIÁLOGO LÍRICOS (154-215)]

HÉCUBA:

Ai de mim, mísera! Que [EST.]
dizer? Que grito? Que pranto?

Mísera, por mísera velhice,
por servidão intolerável,
insuportável! *Ómoi moi!*
Quem me vale? Que prole?
Que urbe? O velho se foi,
os filhos se foram.
Qual, esta ou aquela, via
seguir? Onde me salvar? Onde?
Que Deus ou Nume defensor?
Ó carregadas de males
troianas, carregadas de malignas
dores, matastes, matastes! Não tenho mais
vida admirada à luz!
Ó mísero pé, conduz-me!
Conduz a velha
a esta tenda! Ó filha, ó cria
da mais infausta mãe, sai!
Sai de casa! Ouve a voz da mãe!

Iò, filha! Saibas que rumor,
que rumor ouço de tua vida!

POLÍXENA:
Ó mãe! Ó mãe, por que gritas?
Com que novo anúncio me tiras
de casa tal qual ave assustada?
HÉCUBA:
Oímoi, filha!
POLÍXENA:
Que me dizes? Proêmio de males!
HÉCUBA:
Aiaî, por tua vida!
POLÍXENA:
Diz! Não ocultes mais!
Receio, receio, ó mãe!
Por que, afinal, gemes?
HÉCUBA:
Filha! Filha de mísera mãe!
POLÍXENA:
O que assim anuncias?
HÉCUBA:
A opinião comum dos argivos

compele a imolar-te no túmulo
em honra do Pelida.
POLÍXENA:
Oímoi, mãe! Que tu dizes?
Revela males deploráveis!
Revela, ó mãe!
HÉCUBA:
Digo nefandas falas, filha!
Anunciam que decidiram
argivos tua sorte no voto.

POLÍXENA:
Ó terríveis dores! Ó mísera! [ANT.]
Ó mãe, que infausta vida!
Que perda, que perda
adversa e nefasta
o Nume te impôs!
Não mais tens esta filha!
Não mais serei servente
mísera de mísera velhice.
Mísera tu me verás
a mim, mísera filha,
qual novilha montesa
arrebatada de tua mão,
degolada e dada às trevas
da terra em Hades onde
com mortos jazerei mísera.

Ó mãe, por ti, infausta,
choro lamurioso pranto.
Não choro a vida, a perda
e a privação, aliás a morte
me torna melhor a sorte.

[PRIMEIRO EPISÓDIO (216-443)]

CORO:
Odisseu aqui vem a passo rápido,
Hécuba, para te dizer algo novo.
ODISSEU:
Mulher, creio que tu sabes da tropa
o ânimo e os votos dados, mas direi.
Os aqueus decidiram imolar tua filha

Políxena ao sepulcro reto de Aquiles;
fazem-nos a escolta e os condutores
da virgem; o diretor desse sacrifício
e sacerdote será o filho de Aquiles.
Sabes que fazer. Não te tirem à força,
nem saias comigo à luta de braço!
Conhece o poder e presença dos teus
males! Neles cabe devida prudência.

HÉCUBA:

Aiaî! Parece presente a luta maior,
cheia de ais e não vazia de prantos.
Eu não morria onde devia morrer,
Zeus não me matou, e mais me faz
ver males maiores que males, mísera!
Se os servos podem indagar os livres
sem molestar nem morder o coração,
necessário se faz que te perguntemos
e ouçamos nós que isto perguntamos.

ODISSEU:

Pode, pergunta! Não te nego tempo.

HÉCUBA:

Sabe quando vieste espião de Ílion,
disforme nos andrajos e de teus olhos
gotas de sangue pingavam no queixo?

ODISSEU:

Sei, não me tocou pouco o coração.

HÉCUBA:

Helena te reconheceu e só a mim disse?

ODISSEU:

Lembramos que corremos grande risco.

HÉCUBA:

Tocaste-me os joelhos e foste humilde?

ODISSEU:

Até a minha mão dormir em teu manto.

HÉCUBA:

Que, então, sendo meu servo, disseste?

ODISSEU:

Para não morrer achei muitas palavras.

HÉCUBA:

Salvei-te, então, e enviei fora da terra?

ODISSEU:

De modo a contemplar esta luz do sol.
HÉCUBA:
Não estás agindo mal, com essa resolução,
quando foste tratado por mim como dizes,
e não me tratas bem, mas o pior possível?
Sem graça é vosso grão, de quantos sois
ávidos de cargos públicos. Ignorásseis-me!
Não tendes escrúpulos de lesar os amigos,
se usais a palavra para agradar a maioria.
Mas tendo que sofisma em consideração,
decidiram o voto de morte desta criança?
É necessário que lhe dê imolação humana
junto à tumba, onde mais convém bovina?
Ou porque quer matar os seus matadores
Aquiles com justiça estende a morte a ela?
Mas ela não lhe fez nunca nenhum mal.
Ele devia pedir Helena imolada na tumba,
pois ela sim o destruiu e conduziu a Troia.
Se uma deve morrer, seleta das cativas
e distinta pela beleza, isso não é nosso;
a Tindárida é a mais notável à vista,
e viu-se injusta não menos que nós.
Por justiça disputamos esta questão.
Peço-te o que por tua vez deves dar.
Ouve! Prosternado tocaste-me a mão,
como admitiste, e a face desta velha;
toco-te mesmamente por minha vez,
peço-te a graça de outrora e suplico:
não me arranques a filha dos braços!
Não mates a filha! Basta de mortos!
Com ela me alegro e esqueço males.
Ela em muitos casos é meu refrigério,
urbe, nutriz, bastão, guia do caminho.
Quem pode não deve poder indevido,
nem com boa sorte crer tê-la sempre;
eu fui outrora, mas agora não mais,
um só dia me retirou toda a riqueza.
Mas, ó caro queixo, tem-me respeito!
Apieda-te! Vai tu à tropa de aqueus,
perora que é negativo matar mulheres
que não matastes tão logo quando

tirastes do altar, mas vos apiedastes!
A vossa lei sobre sangue tem vigor
igual para os livres e para os servos.
O renome, ainda que não fales bem,
persuadirá. Não têm o mesmo poder
fala de sem renome e de renomados.
CORO:
A natureza humana não é tão dura
que não chorasse, ouvindo teus ais
e teus longos e lamentosos prantos.
ODISSEU:
Hécuba, aprende! No furente espírito
não tomes por inimigo quem diz bem!
Estou pronto a salvar-te a ti, por quem
tive boa sorte, e isso não falo em vão,
não negarei o que eu disse para todos:
capturada Troia, dar tua filha imolada
ao primeiro da tropa, já que ele pede.
Muitas urbes claudicam neste ponto,
quando um varão nobre e empenhado
não leva consigo mais do que os piores.
Aquiles nos é digno de honra, mulher,
varão morto em boa defesa da Grécia.
Não é oprobrioso se temos por amigo
em vida, mas, morto, não temos mais?
Seja! Que se dirá, se reunião de tropa
e combate de inimigos outra vez surgir?
Combateremos ou prezaremos a vida,
quando vemos não se honrar o morto?
De fato, para mim, em vida, ainda que
cada dia eu tivesse pouco, me bastaria,
mas gostaria de ver minha tumba ser
honrada, pois a graça muito perdura.
Se pensas ter lúgubres dores, ouve-me:
há conosco mulheres velhas e anciãs
em nada menos míseras do que tu,
e noivas viúvas dos melhores noivos
cujos corpos a poeira no Ida recobre.
Suporta-o. Nós, se mal acostumados
por honrar o bravo, seremos néscios.
Vós, bárbaros, não tendes os amigos

por amigos, nem admirais os bravos
mortos, para a Grécia ter boa sorte,
e vós terdes algo igual às resoluções.
CORO:
Aiaî! A servidão é má por natureza.
Suporta o indevido, vencida à força!
HÉCUBA:
Ó filha, minhas palavras para o céu
se foram, ditas inúteis de tua morte.
Tu, se tens mais força do que a mãe,
apressa-te a lançar, qual rouxinol,
todas as notas, para não te matarem.
Cai, mísera, ante o joelho de Odisseu!
Persuade-o (tens a deixa, ele também
tem filhos) a apiedar-se de tua sorte!
POLÍXENA:
Odisseu, vejo que ocultas sob o manto
a mão direita e voltas o rosto para trás
para que não te toque à frente o queixo.
Coragem! Escapaste a meu Zeus súplice,
já que seguirei por causa do necessário,
e por querer morrer. Se eu não quiser,
parecerei uma inepta que preza a vida.
Por que devo viver? Meu pai era o rei
dos frígios todos, assim começo a vida.
Depois as belas esperanças me fizeram
noiva de reis, causa de não pouca inveja
das núpcias de quem me levasse ao lar.
Essa infausta princesa era admirada
no Ida entre as mulheres e as virgens,
igual aos Deuses, exceto por morrer.
Agora sou servente. Primeiro o nome
me fez querer morrer por ser insólito,
depois talvez tivesse donos crueis,
quem me comprasse com dinheiro,
à irmã de Heitor e muitos outros,
e com a coerção de cozer em casa,
varrer a casa e dedicar-me ao tear,
me obrigará cumprir triste jornada.
Algum servente comprado algures
sujará meu leito antes digno de reis.

Isso nunca! Repilo dos olhos livres
esse dia, ao entregar-me ao Hades.
Leva-me, Odisseu! Leva e mata-me!
Não vejo em nós ousadia de esperar
nem de crer um dia dever estar bem.
Ó mãe, não nos imponhas empecilho
por fala ou ação! Aprova meu desejo
de morrer antes de indignos vexames!
Quem não habituado a provar males
suporta, mas dói o pescoço subjugado.
Morta, eu obteria sorte melhor que
viva. Não viver bem é grande aflição.

CORO:

Terrível e notável marca dos mortais
é a origem de nobres e para os dignos
maior se torna o renome de nobreza.

HÉCUBA:

Belas palavras, filha, mas ao belo
dor concerne. Se for necessário ser
grato ao Pelida e evitar invectiva,
a esta não a mateis vós, Odisseu,
mas levai-me ante a pira de Aquiles
e matai-me, sem dó! Eu gerei Páris,
que matou o filho de Tétis com setas.

ODISSEU:

Não, ó velha! O espectro de Aquiles
não pediu que morresses tu, mas ela.

HÉCUBA:

Mas matai-me vós com minha filha
e a terra e o morto que a reclama
terão uma dúplice poção de sangue!

ODISSEU:

Basta a morte de tua filha! Outra
não se acresça! Nem a devêssemos!

HÉCUBA:

Grande coerção morrer com a filha.

ODISSEU:

Como? Pois eu não sei ter senhores.

HÉCUBA:

Assim como hera ao carvalho reterei.

ODISSEU:

Não, se ouves os mais sábios que tu.
HÉCUBA:
Porque por mim não deixo esta filha.
ODISSEU:
Mas nem eu partirei se a deixar aqui.
POLÍXENA:
Mãe, ouve-me! Tu, ó filho de Laertes,
sê brando com pais por certo furiosos!
Tu, ó mísera, não lutes contra os reis!
Queres cair no chão, vulnerar teu velho
corpo, ao ser arrastada com violência,
desfigurar-te, removida por braço novo?
Sofrerás isso? Não tu! Não seria digno.
Ó minha cara mãe, dá-me o mais doce
abraço, e aproxima a face junto à face,
porque nunca mais e pela última vez,
contemplarei os raios e o disco do sol.
Aceites o termo das minhas palavras,
ó mãe genitora! Partirei para os ínferos.
HÉCUBA:
Mísera és tu, filha; eu, mísera mulher!
POLÍXENA:
Lá, junto a Hades, eu jazerei sem ti.
HÉCUBA:
Oímoi! Que fazer? Onde findar a vida?
POLÍXENA:
Morrerei servente, sendo de pai livre...
HÉCUBA:
Ó filha, nós, vivas, seremos serventes.
POLÍXENA:
... sem noivo nem núpcias que eu teria.
HÉCUBA:
Nós, sem partilha de cinquenta filhos!
POLÍXENA:
Que digo a Heitor e teu velho esposo?
HÉCUBA:
Anuncia-me a mais sofredora de todas.
POLÍXENA:
Ó peito e seios, docemente me nutristes!
HÉCUBA:
Ó mísera filha de prematura sorte!

POLÍXENA:
Salve, ó mãe! Salve, Cassandra minha!
HÉCUBA:
Salve-se outrem! Isso a mãe não pode.
POLÍXENA:
Polidoro irmão, nos trácios cavaleiros!
HÉCUBA:
Se vive, descreio, tenho toda má sorte.
POLÍXENA:
Vive e ao morreres fechará teus olhos.
HÉCUBA:
Estou morta de males antes de morrer.
POLÍXENA:
Conduz-me, Odisseu, com véus no rosto,
porque antes de imolada tenho o coração
mole com os prantos e gemidos maternos!
Ó luz, ainda posso invocar o teu nome,
mas não compartilho senão o entretempo
de caminhar até a faca e a pira de Aquiles!
HÉCUBA:
Ai, desfaleço! Soltam-me os membros.
Ó filha, toca a mãe! Estende a mão! Dá!
Não me deixes sem filha! Morri, amigas!
Assim eu visse Helena, a lacônia irmã
de Dióscoros, porque por belos olhos
destruiu torpemente Troia de bom Nume!

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (444-483)]

CORO:
Brisa, brisa marinha [EST. 1]
que conduzes transmarinos
velozes barcos por onda do mar,
aonde me levas a mim, mísera?
Servente adquirida,
a que casa chegarei?
A um porto da terra dória?
Ou da Ftia, onde o pai Apídano
de belíssimas águas,
dizem, fecunda a planície?

Ou das ilhas, com remo [ANT. 1]

salino escoltada, mísera,
a levar triste vida em casa,
onde a primeira palmeira
e laurácea ofereceram sacros
brotos a Leto, grata imagem
do parto dos filhos de Zeus,
e com as donzelas de Delo
louvarei a áurea tiara
e aljava da Deusa Ártemis?

Ou na urbe de Palas [EST. 2]
jungirei as potras ao
belo carro de Atena
num manto cróceo,
na dedálea cambiante
tela de flores bordadas,
ou a geração de Titãs
que Zeus Crônida com
dúplice raio derruba?

Ómoi! Por meus filhos! [ANT. 2]
Ómoi! Por pais e terra
devastada esfumaçada
fumegante pilhada
por lança argiva! Em
terra estranha me chamo
servente, ao vir de Ásia,
ao trocar por Europa
os aposentos de Hades.

[SEGUNDO EPISÓDIO (484-628)]

TALTÍBIO:
Onde eu descobriria Hécuba rainha
antiga de Ílion, ó moças troianas?
CORO:
Taltíbio, ela jaz perto de ti, envolta
em mantos, com as costas no chão.
TALTÍBIO:
Ó Zeus, que dizer? Que vês os homens,
ou, ao invés, que tem essa vã opinião
falsa quem crê que há o ser dos Numes,
mas entre mortais Sorte observa tudo?

Não é esta a rainha dos auríferos frígios,
não é esta a esposa do opulento Príamo?
Agora, devastada por lança toda a urbe,
servente a anciã sem filhos jaz no chão,
manchando de poeira a cabeça infausta.
Pheû! Pheû! Sou velho, possa, porém,
morrer antes de cair em sorte indigna.
Ergue-te, ó infausta! Levanta teu flanco
soberbo e tua cabeça toda encanecida!
HÉCUBA:
Deixa! Quem aí não me deixa jazer?
Quem és? Por que me incitas, aflita?
TALTÍBIO:
Taltíbio servidor de Danaidas venho
enviado por Agamêmnon, ó mulher.
HÉCUBA:
Ó caríssimo, vieste ao decidirem aqueus
imolar-me na tumba? Dirias tão grato!
Apressemos! Aviemos! Guia-me, velho!
TALTÍBIO:
Para sepultares a filha morta, ó mulher,
venho à tua procura. Enviaram-me a ti
os dois Atridas e a multidão de aqueus.
HÉCUBA:
Oímoi! Que dirás? Não para morrermos
vieste a nós, mas para anunciar males?
Morreste, filha, arrancada de tua mãe,
e nós, sem filhos, sem ti, mísera de mim!
Como a executastes? Reverentes? Velho,
ou fostes terríveis qual perante inimiga,
ao matar? Diz, ainda que ingrato digas!
TALTÍBIO:
Ó mulher, queres que lucre dois prantos
de dó de tua filha, agora ao contar males
molho os olhos, e ante a tumba, à morte.
Era presente toda a turba da tropa de aqueus
plena perante a tumba ao imolarem tua filha.
O filho de Aquiles pegou pela mão Políxena
e pô-la no alto da tumba, eu estava perto,
os jovens seletos escolhidos entre aqueus
para conter nos braços salto de tua novilha

seguiam. Com taça toda de ouro nas mãos
plena, o filho de Aquiles ergue nas mãos
libações ao pai morto e faz-me sinal que
anuncie silêncio a toda a tropa de aqueus.
Eu parei de pé no meio deles e disse isto:
“Aqueus, calai-vos! Cale-se o povo todo
“calado em silêncio!” Fiz a turba serena
e ele disse: “Ó filho de Peleu, meu pai,
“aceita-me estas libações propiciatórias
“invocatórias de mortos. Vem beber
“puro o negro sangue da jovem, que
“a tropa e eu te damos. Sê-nos propício!
“Dá-nos soltarmos as popas e cordames
“dos navios! Dá-nos irmos todos de Ílion
“com a sorte de propício retorno à pátria!”
Assim ele falou e a tropa toda fez a prece.
Depois pegou o punho da faca ambiáurea,
puxou da bainha, e deu aos jovens seletos
da tropa de aqueus sinal de pegar a moça.
Ela, ao perceber, proferiu esta palavra:
“Ó argivos, destruidores de minha urbe,
“morro de bom grado. Não toquem minha
“pele! Ofereço corajosamente o pescoço.
“Por Deuses, para que eu morra livre,
“deixai-me livre e matai! Entre os mortos
“vexa-me sendo princesa dizer-me serva”.
A multidão aplaudiu e o rei Agamêmnon
disse aos jovens que soltassem a moça.
Eles, tão logo ouviram a suprema voz,
soltaram, o poder maior ainda era dele.
Quando ela ouviu esta voz do senhor,
pegou o manto desde o alto do ombro,
rompeu até o meio cavo junto ao umbigo,
e mostrou seios e peito quais de estátua
belíssimos, e pondo os joelhos na terra,
disse a mais resoluta palavra de todas:
“Ó jovem, olha! Se te anima golpear
“o peito, golpeia! Se queres golpear
“o pescoço, está pronta esta garganta!”
Sem querer e querendo, por dó da moça,
ele corta com ferro os condutos do sopro.

Jatos jorravam. Ao morrer, porém, ela
tinha muita prudência de cair com decoro
ocultando o que ocultaria às vistas viris.
Quando por mortal degola soltou sopro,
nenhum argivo mantinha a mesma faina,
mas uns com as mãos lançavam as folhas
sobre a morta, outros completavam pira
com lenha de pinho, e quem não trouxesse
ouvia, de quem trazia, invectivas assim:
"Paraste, ó perverso, sem ter nas mãos
"manto nem adorno em honra da moça?
"Não darás algo à de coragem incomum
"e vida exímia?" Ao falar assim de tua
filha morta, vejo-te de todas as mulheres
a de mais belos filhos e mais dura sorte.

CORO:

Uma dor terrível ferveu nos Priâmidas
e urbe minha sob coerção dos Deuses.

HÉCUBA:

Ó filha, não sei qual dos males olhar,
presentes muitos. Se eu tocar algum,
esse não me deixa, mas daí provoca
outra dor sucessora males após males.
Agora não poderia apagar do espírito
a dor por ti, de modo a não lamentar.
Tolheste-me excesso, proclamada
nobre. Não é terrível se a terra má
por sorte certa de Deus dá bom fruto
e a boa por falta do que ela deve ter
dá fruto mau, e entre homens, sempre,
o mau não é nada mais que covarde,
o valente, valente, nem no infortúnio,
perde a natureza, mas é sempre bom?
Ora, diferem os pais ou as criações?
Contém todavia ainda a boa criação
o ensino do bem. Se bem aprendido,
sabe o vil por regra, ciente do bem.
Isso, porém, o espírito visou em vão.
Tu, vai, e faz saber aos aqueus isto:
que não toquem, mas afastem a tropa
de minha filha. Na multidão numerosa,

tropa sem ordem e frota sem governo
superam fogo e mal é o não agir mal.
Tu, ó antiga serva, pega uma vasilha,
imerge e traz para cá da água do mar,
para que último banho de minha filha
noiva não-noiva, virgem não-virgem,
eu banhe e vele! Como é digno, donde?
Eu não poderia. Como posso, que sofro?
Reunindo adorno dentre as prisioneiras
que ao meu lado dentro das tendas
habitam, se se tem latente aos novos
donos algum furto da própria casa.
Ó brio da casa! Ó casa de boa sorte antes!
Ó opulento rei, pai da mais bela prole,
Príamo, e eu, a velha mãe dos filhos,
como chegamos ao nada, espoliados
da antiga soberba! Pois ufanamo-nos
um de nós, da opulência do palácio,
outro, dito honrado entre cidadãos?
Isso nada é senão decisão da mente
e alarde da língua. É o mais feliz esse
a quem cada dia nenhum mal atinge.

[SEGUNDO ESTÁSIMO (629-657)]

CORO:

Eu era fadada ao infortúnio, [EST.]
eu era fadada ao sofrimento,
quando primeiro Alexandre
cortou lenha de pinho no Ida,
para navegar por onda salina
em vista do leito de Helena
e belíssima o Sol com áureo
fulgor a ilumina.

Os males e as coerções, mais [ANT.]
fortes que males, circundam.
Por demência particular, veio
comum à terra do Simoente o mal
mortal, e para infortúnio alheio
decidiu-se a rixa das três filhas
dos Venturosos e no Ida

o pastor a decide

por guerra, morte e ruína de meu lar. [EPODO]
Junto ao belo rio Eurotas, ainda geme
uma jovem lacônia chorosa em casa,
e mortos os filhos, a mãe leva a mão
à cabeça grisalha e arranha a face
fazendo sangrenta a unha ao lacerar.

[TERCEIRO EPISÓDIO (658-904)]

SERVA:
Ó mulheres, onde está toda mísera Hécuba,
que vence todo varão e semente feminina
em males? Ninguém lhe disputará a coroa.
CORO:
Que foi, ó mísera do grito núncio de males?
Anúncios tristes para mim nunca dormem!
SERVA:
Transmito a Hécuba esta dor, entre os males
não é fácil aos mortais boca ter boa palavra.
CORO:
Olha! Ela por sorte está deixando a tenda
e aparece oportunamente às tuas palavras.
SERVA:
Ó toda mísera e ainda mais do que digo,
ó rainha, foste e não és mais, se vês a luz
sem filho nem marido nem urbe, abolida!
HÉCUBA:
Nada novo dizes e ofendes os cientes.
Mas por que o cadáver de Políxena
me trazes? Anunciaram-se funerais
aos cuidados da mão dos aqueus todos.
SERVA:
Ela ignora, mas pranteia Políxena
e as dores novas ainda não a tocam.
HÉCUBA:
Ai, mísera de mim! Trazes para cá
o báquico ser da adivinha Cassandra?
SERVA:
Disseste a viva, mas este morto não
gemes. Mas vê o corpo do morto nu

se te espantará ainda além do esperado!
HÉCUBA:
Oímoi! Vejo sim morto o meu filho
Polidoro, salvo junto ao varão trácio.
Infausta sucumbi, já não vivo mais.
Ó filho, filho!
Aiaî! Inauguro o canto
báquico, ao saber males
vindos de ilatente Nume.
CORO:
Viste a ruína do filho, ó infausta?
HÉCUBA:
Incríveis novas, incríveis novas vejo.
Os males são males uns após outros.
Nunca sem gemido nem pranto
será um dia!
CORO:
Terríveis, ó mísera, terríveis dores!
HÉCUBA:
Ó filho, filho de mísera mãe,
que morte tens? Por que jazes?
Por quem dentre os homens?
SERVA:
Não sei, à beira do mar o achei.
HÉCUBA:
Levado, ou caído de lança letal
na areia lisa?
SERVA:
Pelágica onda marina o trouxe.
HÉCUBA:
Ómoi! Aiaî!
Compreendi a visão em sonhos
de meus olhos, não me escapou
o espectro de asas negras,
que avistei de ti, ó filho,
não mais vives à luz de Zeus!
CORO:
Quem o matou? Sabes por sonho?
HÉCUBA:
Meu, meu hóspede, cavaleiro trácio,
onde o velho pai o instalou oculto.

CORO:
Oímoi! Que dirás? Matou por ouro?
HÉCUBA:
Nefando, inominável, além do espanto,
ilícito, inaceitável! Onde justiça de hóspedes?
Ó execrando varão, que despedaçaste
o corpo e cortaste com a faca de ferro
o corpo de meu filho! Não te apiedaste.
CORO:
Ó mísera, a mais sofrida dos mortais,
algum Nume que te pesa assim te fez.
Mas vejo a presença deste soberano
Agamêmnon. Calemo-nos, amigas!
AGAMÊMNON:
Hécuba, por que tardas ir e sepultar
a filha, quando Taltíbio me anunciou
que nenhum argivo tocasse tua filha?
Nós, pois, deixamos e não tocamos,
mas tu folgas de modo a admirar.
Venho para te expedir. Lá está bem
a situação, se algo nisto está bem.
Éa! Que troiano ante a tenda vejo
morto? Os mantos, que envolvem
o corpo, não me anunciam argivo.
HÉCUBA:
Pobre! Digo "eu", quando digo "tu".
Hécuba, que fazer? Cair aos joelhos
de Agamêmnon, ou suportar calada?
AGAMÊMNON:
Por que te viras de costas para mim,
choras e não contas o fato? Quem é?
HÉCUBA:
Mas se me considerando serva hostil
repelisse dos joelhos, seria mais dor.
AGAMÊMNON:
Não nasci adivinho para sem ouvir
investigar o curso de tuas resoluções.
HÉCUBA:
Será que suponho o seu espírito mais
tendente a hostil, quando não é hostil?
AGAMÊMNON:

Se tu queres que nada disso eu saiba,
vens ao mesmo, nem eu quero ouvir.
HÉCUBA:
Como eu poderia, sem ele, ter vindita
de meus filhos? Por que dou as costas?
É preciso ousadia, tenha sorte ou não.
Agamêmnon, suplico por teus joelhos
e por teu queixo e destra de bom Nume!
AGAMÊMNON:
Que afinal é teu desejo? Será ter
a vida livre? Pois é fácil para ti!
HÉCUBA:
Não, mas se me vingar de malfeitor,
por toda a vida quero estar a servir.
Não é nada disso que supões, ó rei.
AGAMÊMNON:
Então, que auxílio tu nos reclamas?
HÉCUBA:
Vês o morto por quem verto pranto?
AGAMÊMNON:
Vejo, mas não posso saber o futuro.
HÉCUBA:
Um dia o gerei e gestei sob a cinta.
AGAMÊMNON:
Ó mísera, qual dos teus filhos é ele?
HÉCUBA:
Não é dos Priâmidas mortos em Ílion.
AGAMÊMNON:
Mulher, tiveste outro além daqueles?
HÉCUBA:
Sim, em vão, parece, gerei o que vês.
AGAMÊMNON:
Onde ele estava quando a urbe caiu?
HÉCUBA:
O pai o enviou por temer sua morte.
AGAMÊMNON:
Aonde, único dos filhos então vivos?
HÉCUBA:
A esta terra, onde foi achado morto.
AGAMÊMNON:
Ao soberano deste solo, Polimestor?

HÉCUBA:
Cá enviado guarda de amargo ouro.
AGAMÊMNON:
Foi morto por quem e por que sorte?
HÉCUBA:
Por quem mais? Por hóspede trácio.
AGAMÊMNON:
Ó mísero! Ele quis ficar com o ouro?
HÉCUBA:
Isso quando soube a sorte dos frígios.
AGAMÊMNON:
Onde o achaste? Ou quem o trouxe?
HÉCUBA:
Ela, que o encontrou na beira do mar.
AGAMÊMNON:
Ela o procurava ou tinha outro afazer?
HÉCUBA:
Foi buscar banho do mar para Políxena.
AGAMÊMNON:
O hóspede, parece, matou e jogou fora.
HÉCUBA:
Quando assim o picou, erradio no mar.
AGAMÊMNON:
Ó mísera és tu por teus males imensos!
HÉCUBA:
Morri, Agamêmnon, nenhum mal falta.
AGAMÊMNON:
Pheû pheû! Quem mais de tão má sorte?
HÉCUBA:
Não há, se não contares a Sorte mesma!
Mas ouve por que causa caio aos teus
joelhos! Se te parece lícito o que sofro,
resignar-me-ia; se ao invés, sê-me tu
punitivo daquele hóspede o mais ilícito!
Sem temor dos ínferos nem dos súperos
destemido cometeu a mais ilícita ação
com muito convívio comum comigo
e hóspede primeiro dentre os amigos.
Teve quanto devia e assumiu a tutela,
matou. Se queria matar, não se dignou
dos funerais, mas despediu-o no mar.

Nós, sim, servos e sem forças, talvez,
mas podem os Deuses e a lei de seus
poderes. Por lei, veneramos os Deuses
e vivemos, definidas justiça e injustiça.
Se a lei for corrompida ao recorrer a ti
e não derem justiça matadores de hóspedes
ou audazes ladrões de ofertas aos Deuses,
não há mais nada íntegro entre os homens.
Tem isso por vexaminoso e respeita-me!
Apieda-te de mim! Qual pintor distante,
olha para mim e vê que males suporto!
Rainha era outrora, mas agora tua serva,
belos filhos tive e agora velha sem filhos,
sem urbe, erma, a mais miserável mortal.
Oímoi! Mísera! Aonde te furtas de mim?
Creio que nada farás, ó mísera de mim!
Por que mortais fazemos todas as outras
lições como é necessário e investigamos,
mas de Persuasão, rainha dos homens única,
nós não mais com perfeição nos ocupamos
pagando aula para que pudéssemos um dia
persuadir como quiséssemos e conseguir?
Que esperança ainda seria de bem estar?
Meus filhos, que viviam, não mais vivem,
eu mesma, com vexame, cativa, me vou
e vejo acima da urbe flutuar esta fumaça.
Bem, talvez isto seja estranho à questão,
alegar Cípris, no entanto, há de ser dito.
Junto às tuas costelas dorme minha filha,
a profetisa que frígios chamam Cassandra.
Como as tuas noites, então, dirás, ó rei?
Por seus abraços amantíssimos no leito,
minha filha terá uma graça e por ela, eu?
Das trevas e dos noturnais amores
máxima aos mortais se faz a graça.
Ouve-me tu, então! Vês este morto?
Se o tratas bem, tratarás como ao teu
cunhado. A fala me pede um item ainda.
Ah, se dispusesse de palavra nos braços,
nas mãos, no cabelo e no passo dos pés,
ou por artes de Dédalo ou de um Deus,

para todas elas te tomarem os joelhos,
chorando, exortando com várias falas!
Ó soberano, ó luz máxima dos gregos,
atende! Oferece o teu braço punitivo
à anciã, ainda que ela não seja nada!
É próprio dos nobres honrar a justiça
e sempre punir os maus por toda parte.

CORO:

Terrível, entre mortais, tudo converge
e as leis da necessidade tudo definem,
porque tornam amigos os mais hostis,
e fazem inimigos os antes benevolentes.

AGAMÊMNON:

Hécuba, tenho dó de ti e de tua filha
e de tua sorte e de tua súplice mão,
e por Deuses e por justiça eu quero
que ilícito hóspede te dê essa justiça,
se fosse claro que esteja bem para ti
sem eu parecer à tropa tramar a morte
do rei da Trácia por graça de Cassandra.
Há por onde a inquietação me atingiu:
a tropa considera um aliado esse varão
e inimigo o morto. Se o tens por aliado,
isso é à parte e não comum com a tropa.
Diante disso pensa que me tens disposto
a trabalhar contigo, e pronto ao serviço,
mas lento, se me difamar entre aqueus!

HÉCUBA:

Pheû!
Não há entre mortais quem seja livre.
Ou é servo dos recursos, ou da sorte.
Ou o povo da urbe ou as letras de leis
impedem usar modos segundo pensa.
Já que temes e te importas com a tropa,
eu sem mais te farei livre desse pavor.
Sê cônscio, se eu tramar algum mal
com quem o mate, mas sê sem ação!
Se houver clamor aqueu, ou auxílio,
quando o trácio sofrer o que sofrerá,
impede, sem que pareça minha graça!
Coragem! Tudo o mais eu farei bem.

AGAMÊMNON:
Como? Que farás? Com faca na mão
vetusta, matarás um bárbaro varão,
ou com drogas, ou com que auxílio?
Quem será tua mão? Donde o terás?
HÉCUBA:
Estas tendas cobrem tropa de troianas.
AGAMÊMNON:
Dizes as cativas, o espólio dos gregos.
HÉCUBA:
Com elas punirei o matador dos meus.
AGAMÊMNON:
E como as mulheres vencerão varões?
HÉCUBA:
Terrível é a turba, e imbatível em dolo.
AGAMÊMNON:
Terrível, mas reprovo força feminina.
HÉCUBA:
Por quê? Elas não mataram Egipcíadas?
Não despovoaram Lemnos de varões?
Mas assim seja! Deixa essa discussão,
envia com segurança através da tropa
esta mulher. E tu, vai ao trácio hóspede,
e diz: “Chama-te a antes rainha de Ílion,
“Hécuba, por ti não menos que por ela,
“e a teus filhos, que hão de conhecer
“as falas dela.” Ó Agamêmnon, retém
os funerais da recém-imolada Políxena!
Que sejam dois irmãos numa só chama,
dupla aflição materna, ocultos no chão!
AGAMÊMNON:
Isso assim será! Se a armada pudesse
navegar, não te poderia dar essa graça.
Agora Deus não sopra favorável vento,
é preciso esperar, quietos a ver a viagem.
Que bem seja, pois a todos isto é comum,
a cada um em particular e à urbe, o mau
sofrer um mal, e o honesto ter boa sorte!

[TERCEIRO ESTÁSIMO (905-952)]

CORO:

Ó tu, ó pátria ilíaca, [EST. 1]
invicta urbe não mais te dirão,
tal nuvem de gregos te cobre,
devastadora à lança, à lança.
A coroa de torres
te tosaram e misérrima
mancha de fuligem tingiu.
Mísera, não mais te terei.

À meia-noite eu morria, [ANT. 1]
ao vir o sono doce aos olhos
após a ceia ao fim das danças
e da celebração dos coreutas,
o marido jazia no tálamo
e a lança polida no suporte,
sem ver mais a tropa naval
transportada à Troia ilíaca.

Eu ajeitava a cabeleira [EST. 2]
nas redes da coifa, admirando
intérminos raios de áureos espelhos,
para cair deitada no leito.
Um clamor percorreu a urbe,
na cidade de Troia a ordem foi esta:
"Ó filhos gregos, quando, quando
"pilhareis Ílion vigilante
"e ireis para casa?"

Ao deixar meu leito, vestida [ANT. 2]
só com manto, à dórica, mísera,
não pude suplicar à augusta Ártemis
e sou levada, após ver morto
meu marido, ao salino pélago.
Ao ver a urbe longe, quando o navio
moveu o passo regressivo
e transpôs-me de Ílion,
mísera, cedi à dor,

imprecando Helena, irmã de Dióscoros, [EPODO]
e o pastor ideu, danoso Páris,
porque me destruiu
depois da pátria
e a união despovoou casas; não união,

mas miséria de Ilatente!
Não a leve de volta o pélago salino!
Não alcance a casa paterna!

[QUARTO EPISÓDIO (953-1022)]

POLIMESTOR:
Ó varão caríssimo, Príamo, e tu, Hécuba
caríssima, pranteio, ao te contemplar
a ti, tua urbe e tua filha recém-falecida.
Pheû!
Nada é confiável, nem a boa nomeada,
nem que o bem estar não possa ir mal.
Os Deuses os misturam, ao confundirem
passado e futuro, para que nós ignaros
os veneremos. Mas por que isso se deve
chorar, se não evita nenhum dos males?
Tu, se reprovas algo em minha ausência,
espera! Eu estava nos confins da Trácia,
longe, quando chegaste aqui, e ao vir,
tão logo dou um passeio fora de casa,
esta tua serva já se encontra comigo,
dizendo as palavras, que ouvi, e vim.
HÉCUBA:
Tenho vergonha de olhar-te defronte,
Polimestor, por estar em tais males.
Ante quem me viu na boa sorte vexa-me
estar neste infortúnio onde agora estou
e não poderia olhar com pupilas retas,
mas não consideres isso malquerença,
Polimestor! Aliás, a causa é o costume
de mulher não olhar de frente varões.
POLIMESTOR:
Não se admira, mas o que me pedes?
Por que afinal me fizeste vir de casa?
HÉCUBA:
Algo próprio de mim mesma quero
dizer-te e a teus filhos, mas aos servos
diz à parte que se afastem desta casa!
POLIMESTOR:
Ide vós! Este ermo está em segurança.
Tu és amiga, amável me é esta tropa

de aqueus. Mas deves fazer-me saber
em que este que está bem deve servir
aos amigos não bem? Estou pronto.
HÉCUBA:
Primeiro me diz se Polidoro, que tens
em casa, das minhas mãos e do pai,
vive. Tudo o mais depois indagarei.
POLIMESTOR:
Decerto! Quanto a ele tens boa sorte.
HÉCUBA:
Ó caríssimo, que boa fala digna de ti!
POLIMESTOR:
O que agora queres saber de mim?
HÉCUBA:
Se ele se lembra desta que o gerou.
POLIMESTOR:
E queria vir escondido aqui até ti.
HÉCUBA:
Tem o ouro com que veio de Troia?
POLIMESTOR:
Intacto em minha casa sob custódia.
HÉCUBA:
Conserva-o! Não cobices o do vizinho!
POLIMESTOR:
Nunca! Possa eu fruir dos meus bens!
HÉCUBA:
Sabes o que desejo dizer a ti e filhos?
POLIMESTOR:
Não sei, isso dirás com tua palavra.
HÉCUBA:
Há, ó caro como tu agora me és caro...
POLIMESTOR:
O que devemos os filhos e eu saber?
HÉCUBA:
Antigas minas de ouro dos Priâmidas.
POLIMESTOR:
É isso que queres indicar a teu filho?
HÉCUBA:
Sim, por meio de ti, pois és piedoso.
POLIMESTOR:
Por que pedes a presença destes jovens?

HÉCUBA:
O melhor, se morreres, é eles saberem.
POLIMESTOR:
Tens razão, assim ainda é mais sábio.
HÉCUBA:
Sabes onde é o templo de Atena ilíaca?
POLIMESTOR:
Nesse lugar está o ouro? Qual o sinal?
HÉCUBA:
A pedra negra elevada acima da terra.
POLIMESTOR:
Queres ainda dizer-me algo mais de lá.
HÉCUBA:
Quero que salves os bens com que vim.
POLIMESTOR:
Onde estão? No manto? Ou escondes?
HÉCUBA:
Estão na pilha de espólios nestas tendas.
POLIMESTOR:
Onde? Isto cerca o ancoradouro aqueu.
HÉCUBA:
São tendas próprias de mulheres cativas.
POLIMESTOR:
O interior é confiável e ermo de varões?
HÉCUBA:
Nenhum aqueu lá dentro, mas só nós.
Mas entra em casa! Os aqueus querem
soltar o pé das naus de Troia para casa.
Uma vez feito o que deves fazer, vás
com os filhos aonde alojaste meu filho!

[QUARTO ESTÁSIMO (1023-1034)]

CORO:
Ainda não deste, mas talvez dês justiça.
Como quem caiu em sentina sem porto,
cairás estatelado de teu próprio coração,
ao perderes a vida, pois o garantido
por Justiça e por Deuses onde colide,
funesta, funesta é a ruína!
A esperança te enganará do caminho
que te levou ao letal Hades, ó mísero,

e deixarás a vida em mão inelutável.

[ÊXODO (1035-1295)]

POLIMESTOR (dentro):
Ómoi! Estou cego da luz dos olhos, mísero!
CORO:
Ouvistes lamúria de varão trácio, amigas?
POLIMESTOR:
Ómoi ainda mais, filhos! Infausta morte!
CORO:
Amigas, cometidos em casa novos males.
POLIMESTOR:
Mas não, não fugireis com acelerado pé!
Romperei a golpes os recessos desta casa.
Olha! Move-se o projétil da mão pesada.
CORO:
Quereis irrompamos? A ocasião reclama
estarmos aliadas a Hécuba e às troianas.
HÉCUBA:
Ataca! Nada poupes, golpeando portas!
Nunca porás visão brilhante nas pupilas.
Não verás vivos os teus filhos que matei.
CORO:
Capturaste o trácio e dominas o hóspede,
ó rainha, e tua ação foi tal como dizes?
HÉCUBA:
Logo, defronte desta casa, tu o verás
andando cego com cego pé titubeante,
e os corpos dos dois filhos que matei
com estas nobres troianas. Justiça ele
me deu. Como vês, ele vem lá de casa.
Mas eu me afastarei e manterei longe
do férvido furor trácio incombatível.
POLIMESTOR:
Ómoi! Aonde ir? Onde parar? Onde
pôr quadrúpede passo de fera montesa
movendo as mãos e os pés? Por que
via variar? Por esta, ou por aquela,
se quero pegar as homicidas ilíacas,
que me destruíram?

Míseras moças! Miseras frígias!
Ó execradas,
onde se põem em fuga neste recesso?
Ah, se curasses, curasses sangrenta
pálpebra de minhas vistas, ó Sol,
se afastasses o brilho cego!
Â â!
Silêncio! Percebo passo furtivo
de mulheres aí. Onde em assalto
saciar-me de carnes e de ossos
em banquete de feras selvagens
em reparação a danos e lesões
meus, ó mísero?
Aonde, aonde vou, ao deixar a sós
filhos que Bacas de Hades rasguem
imolados, sangrento pasto de cães,
impiedosa exposição na montanha?
Onde parar? Onde voltar? Aonde ir
ao içar qual navio com cabos navais
línea vela, guardião de meus filhos
ao saltar sobre este fúnebre leito?

CORO:

Ó mísero, que duros males sofres!
Terrível punição por tuas infâmias
impôs-te o Nume que te oprime!

POLIMESTOR:

Aiaî! Iò, povo lanceiro da Trácia
armado cavaleiro possesso de Ares!
Iò, aqueus! *Iò,* Atridas!
Clamor! Clamor! Clamo clamor!
Ó vinde! Movei-vos, por Deuses!
Ouvem-me? Não virão? Por que
tardais? Mulheres me destruíram,
mulheres cativas de guerra!
Que terríveis, terríveis dores
sofremos! *Ómoi,* ruína minha!
Aonde me voltar? Aonde ir?
Em voo ao teto celeste de alto voo
onde Órion ou Sírio emite dos olhos
ígneos flâmeos raios? Ou saltar,
mísero, ao sombrio rio de Hades?

CORO:
Entende-se que se deixe a mísera vida,
se a dor é mais forte que o suportável.

[*AGÓN* (1109-1295)]

AGAMÊMNON:
Ouvi o clamor e vim. Eco filha da pedra
do monte inquieta proclama pela tropa
e tumultua. Se não soubéssemos que
caíram as torres frígias sob lança grega,
este rumor infundiria não pouco pavor.
POLIMESTOR:
Ó caríssimo Agamêmnon, reconheci-te
ao ouvir a voz, vês isto que nós sofremos?
AGAMÊMNON:
Éa!
Ó Polimestor, ó mísero, quem te destruiu?
Quem cegou os olhos, sangrando pupilas,
e matou estes jovens? Fosse quem fosse,
tinha grande rancor contra ti e os jovens.
POLIMESTOR:
Hécuba, com mulheres cativas de guerra,
destruiu-me. Não, não destruiu, fez pior!
AGAMÊMNON:
Que dizes? Tu fizeste tal ação que ele diz?
Tiveste, Hécuba, essa audácia impossível?
POLIMESTOR:
Ómoi, que dirás? Ela está algures perto?
Diz, fala onde está, para que lhe ponha
as mãos, e despedace e sangre o corpo!
AGAMÊMNON:
Ó tu, que tens?
POLIMESTOR:
Por Deuses eu te suplico,
permite-me aplicar-lhe esta furente mão!
AGAMÊMNON:
Freia-te! Ao banires do coração o bárbaro,
fala para que te ouça a ti e a ela por turno
e julgue com justiça por que sofres assim!
POLIMESTOR:
Eu diria. Era o mais jovem dos Priâmidas

Polidoro, filho de Hécuba, o qual, de Troia,
o pai Príamo me deu para criar em casa
porque suspeitava que Troia sucumbiria.
Matei-o, mas escuta por que eu o matei,
como agi bem e com sapiente prudência!
Temi que o jovem inimigo teu supérstite
congregasse e povoasse Troia outra vez,
e aqueus, ao saber de um Priâmida vivo,
enviassem outra expedição à terra frígia
e então exaurissem estas planícies trácias
com saques e ao redor de Troia houvesse
o infortúnio que agora sofríamos, ó rei.
Hécuba, ao saber da sorte fatal do filho,
seduziu-me com a palavra de que diria
de arcas de ouro dos Priâmidas ocultas
em Ílion; e levou-me a sós com os filhos
à casa para que ninguém mais soubesse.
Soltei joelho e no meio do leito sentei-me.
Muitas moças troianas, umas à esquerda,
outras à direita, como se sentadas junto
ao amigo, aprovam a arte têxtil da mão
edônia, examinando estes mantos à luz;
outras, admirando o par de lanças trácias,
desnudaram-me desse duplo armamento.
Outras eram mães, atônitas vibravam
os jovens nos braços, para afastá-los
do pai, passando-os de mão em mão.
Depois de tratos de bonança, imagina!
Tão logo pegam as facas dos mantos,
picam os jovens, e outras quais polvo
podiam prender meus braços e pernas;
e querendo eu socorrer os meus filhos,
se erguia o rosto, puxavam os cabelos,
e se movia as mãos, eu não conseguia,
mísero, fazer nada à turba de mulheres.
Por último, uma dor maior que a dor
infligiram-me, terríveis: picam, sangram
as padecentes pupilas dos meus olhos
com pinos; em seguida pela moradia
elas se puseram em fuga. Eu aos saltos
de fera persigo as sanguinárias cadelas,

por toda parte, tal como um caçador,
atirando, atacando. Sofro tais males,
por tua graça, por matar teu inimigo,
Agamêmnon. Para não alongar a fala,
se algum antigo maldisse as mulheres,
ou se hoje há quem o diga ou dirá,
fazendo o resumo disso tudo direi:
nem o mar nem a terra cria um ser
tal; quem cada vez o encontra, sabe.

CORO:

Não sejas ousado! E por teus males
não insultes todo ser feminino junto!
Há muitas de nós, umas têm inveja,
outras por natureza se contam más.

HÉCUBA:

Agamêmnon, entre os homens a língua
nunca devia ter mais força que os fatos,
mas se alguém age bem, devia falar bem,
se, porém, mal, suas falas serem débeis
e não poderem falar bem das injustiças.
Sapientes, pois, são os versados nisso,
mas não podem ser sapientes ao termo
e morrem mal, ninguém ainda escapou.
Assim também tenho o teu no proêmio,
mas irei contra esse e refutarei as falas.
Diz que matou o meu filho para livrar
aqueus de duplo mal e por Agamêmnon.
Mas, ó perverso, primeiro, amigo nunca
o gênero bárbaro seria para os gregos,
nem poderia. Cuidando de que graça
foste zeloso? Para congregar alguém,
ou por ser parente, ou por que causa?
Ou cortariam as florações de tua terra,
navegando de volta? Crês persuasivo?
O ouro, se quisesses dizer a verdade,
matou o meu filho, e a tua ganância.
Explica isto: quando Troia era fausta,
e as torres circundavam ainda a urbe,
Príamo vivia, a lança de Heitor floria,
por que, então, se lhe quiseste fazer
graça, ao criar o filho e tê-lo em casa,

não mataste, nem entregaste a aqueus?
Mas quando não mais éramos à luz,
e fumo indicava cidade sob inimigos,
mataste o hóspede ido à tua lareira.
Ouve ainda agora como pareces vil!
Sendo amigo de aqueus, devias levar
o ouro, que dizes ter não teu mas dele,
e dá-lo aos que há muito tempo sofriam
fadigas afastados longe da terra pátria.
Tu nem agora ousas soltá-lo da mão,
mas ainda persistes em tê-lo em casa.
Se criasses o meu filho como devias,
e tivesses salvo, terias belo renome.
Nos males os bons são os mais claros
amigos. Os bens por si sós têm amigos.
Se tivesses parcos bens e ele boa sorte,
o meu filho seria o teu grande tesouro,
mas agora não tens aquele teu amigo
e posse de ouro e teus filhos se foram
e tu mesmo estás assim. Ó Agamêmnon,
digo-te, se tu lhe vales, parecerás vil,
farás bem a hóspede nem pio nem fiel
aos que devia ser, nem lícito nem justo.
Diremos que te comprazes com os vis
por seres tal, mas não repreendo os reis.

CORO:

Pheû! Pheû! As boas ações de mortais
dão sempre os motivos a boas palavras!

AGAMÊMNON:

É-me árduo julgar os males alheios,
contudo é coercitivo, dá vergonha
ter o encargo em mãos e rejeitá-lo.
Para que o saibas, não me parece
que tu mataste hóspede por favor
a mim ou a aqueus, mas para que
mantivesses o ouro em teu palácio.
Nos males, dizes o que te convém.
Talvez vos seja fácil matar hóspede,
mas para nós, os gregos, isso é feio.
Se te inocentar, como evitar pecha?
Eu não poderia. Mas já que ousaste

o não belo, ousa ainda o não grato!
POLIMESTOR:
Oímoi! Vencido por mulher servente,
parece, prestarei justiça a inferiores.
HÉCUBA:
Pois não é justo, já que fizeste males?
POLIMESTOR:
Oímoi! Mísero, filhos e olhos meus!
HÉCUBA:
Dói-te? Crês que o filho não me dói?
POLIMESTOR:
Praz-te insultar-me, ó perversa, tu!
HÉCUBA:
Não me devia prazer por te punir?
POLIMESTOR:
Mas não já quando água do mar te...
HÉCUBA:
...transportar aos confins da Grécia?
POLIMESTOR:
...cobrir ao caíres do cesto de gávea.
HÉCUBA:
Por alcançar de quem violento salto?
POLIMESTOR:
Tu escalarás a pé o mastro do navio.
HÉCUBA:
Com asas nas costas ou de que modo?
POLIMESTOR:
Serás uma cadela com olhar de fogo.
HÉCUBA:
Como sabes que mudarei de forma?
POLIMESTOR:
O vate trácio Dioniso assim falou.
HÉCUBA:
E nada te disse dos males que tens?
POLIMESTOR:
Pois tu não me pegarias com o dolo.
HÉCUBA:
Morta, ou viva, aqui cumpro a sorte?
POLIMESTOR:
Morta; o teu túmulo será chamado...
HÉCUBA:

Não dirás encanto de minha forma?
POLIMESTOR:
Tumba de pobre cadela, termo náutico.
HÉCUBA:
Nada me importa, se tu me dás justiça.
POLIMESTOR:
Ainda deve morrer tua filha Cassandra.
HÉCUBA:
Renego! Isso a ti mesmo te dou teres.
POLIMESTOR:
Cruel guarda, sua mulher a matará.
HÉCUBA:
Não seja nunca a Tindárida tão louca!
POLIMESTOR:
E a ele também, erguendo o machado.
AGAMÊMNON:
Ó tu, estás louco e queres obter males?
POLIMESTOR:
Mata! Banho fatal te aguarda em Argos.
AGAMÊMNON:
Serventes, arrastai-o para longe à força!
POLIMESTOR:
Dói-te ouvir?
AGAMÊMNON:
Não fechareis tua boca?
POLIMESTOR:
Calai! Está dito.
AGAMÊMNON:
O mais breve possível,
lançai-o algures em alguma ilha deserta,
já que tem tantas palavras tão ousadas!
Hécuba, ó mísera, vai e sepulta os dois
mortos! Deveis ir às tendas dos donos,
ó troianas, pois avisto já estes ventos
favoráveis a nosso percurso para casa.
Que tenhamos boa viagem à terra pátria
e livres de males vejamos a casa bem!
CORO:
Ide ao porto e às tendas, amigas,
para conhecerdes fadigas servis!
Dura é a coerção.

Este livro foi composto em versão digital pela Iluminuras em dezembro de 2015, em São Paulo, SP.

Table of Contents

Eurípides | Teatro completo | Volume I
Dedicatória
Agradecimentos
Apresentação
O CICLOPE
ALCESTE
MEDEIA
OS HERACLIDAS
HIPÓLITO
ANDRÔMACA
HÉCUBA